

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO PROFISSIONAL EM
HISTÓRIA, PESQUISA E VIVÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

PPGH

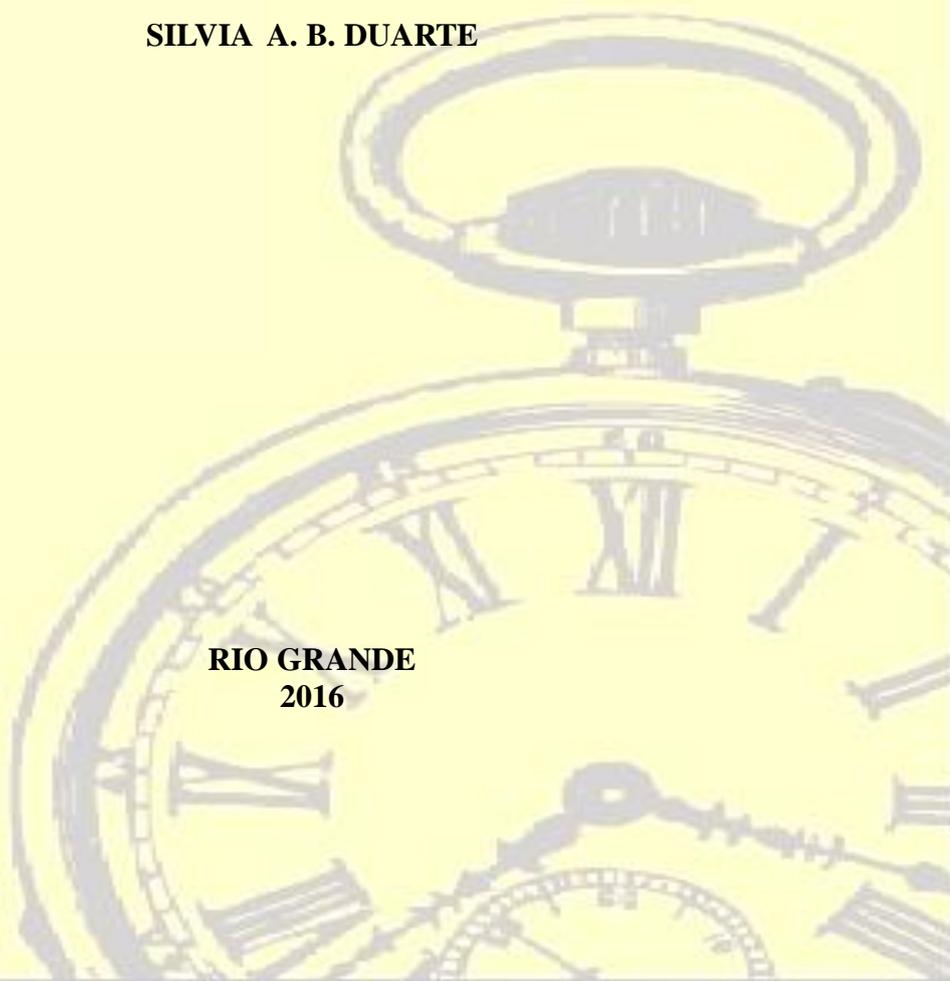
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM

HISTÓRIA

**A CULTURA AFRO- BASILEIRA E INDÍGENA NA SALA DE AULA:
REFLEXÕES E DIÁLOGOS DOS EDUCANDOS DO ENSINO BÁSICO
DE RIO GRANDE-RS.**

SILVIA A. B. DUARTE

**RIO GRANDE
2016**



SILVIA. A.B. DUARTE

**A CULTURA AFRO BRASILEIRA E INDÍGENA NA SALA DE AULA:
REFLEXÕES E DIÁLOGOS DOS EDUCANDOS DO ENSINO BÁSICO
DE RIO GRANDE-RS.**

Trabalho apresentado como requisito parcial/final para aprovação na prova de Qualificação do Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação da professor (a) Dr(a). Derocina Alves Campos de Sosa.

**RIO GRANDE
2016**

SILVIA. A.B. DUARTE

**A CULTURA AFRO BRASILEIRA E INDÍGENA NA SALA DE AULA:
REFLEXÕES E DIÁLOGOS DOS EDUCANDOS DO ENSINO BÁSICO
DE RIO GRANDE-RS.**

Trabalho apresentado como requisito parcial/final para aprovação na prova de Qualificação do Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação da professor (a) Dr(a). Derocina Alves Campos de Sosa.

Aprovada em 29 de Abril de 2016, com conceito **A**, pela banca examinadora.

BANCA EXAMMINADORA:

**Derocina Alves Campos Sosa – Doutora pela PUCRS
Professora da Universidade Federal do Rio Grande**

**Cassiane Paixão - Doutora pela UFPEL
Professora da Universidade Federal do Rio Grande**

**André Laborde – Doutor pela FURG
Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Sul**

“Não procure nos
atingir, procure nos conhecer”.

Mãe Alvina de Iemanjá.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por sempre estar iluminando meu caminho durante minha passagem por este plano, conjuntamente a ELE sou profundamente grata aos meus pais Marilene Borges e Silvio Duarte, por serem minha base de sustentação meus Mestres meus Ídolos, pois sou o que sou graças aos ensinamentos e conselhos que eles me concederam, não ser melhor e muito menos pior do que ninguém e almejar ajudar, respeitar e amar para ser auxiliada, respeitada e amada!

Certamente sou grata a todos os meus verdadeiros amigos como, por exemplo, Grace Borges, Bruna Garcia e Bruna Martins, Janaina Viana, Jéssica Carvalho e Franceles Moreira de Sousa , e a todos meus irmãos de religião e a minha madrinha Ana Maria Barros, pessoas que ao longo do caminho passei a conhecer e admirar.

Meu profundo agradecimento e respeito as educadoras que participaram do projeto que abriram a sua sala de aula e propiciaram o prazeroso contato com seus amados educandos, que foram o real motivo da realização deste projeto. Ler cada palavra, cada comentário dos mesmos é o mesmo que ouvir a opinião da juventude riograndina no que se refere a cultura local.

Obrigada Josiane da Silveira e Patrícia Barboza, ambas educadoras do Instituto de Educação Juvenal Muller, como também a educadora Debbie da Escola Estadual Brigadeiro José da Silva Paes e finalmente a educadora Verônica Silveira da Escola Municipal Wanda Rocha.

Obrigada mais uma vez a minha Orientadora Derocina Alves Campos de Sosa, por acreditar em meu potencial e por contribuir para a luta por real reconhecimento da importância da Cultura Afro Brasileira e indígena . Essa luta é de todos nós enquanto cidadãos e educadores, obrigada por partilhar de seu tempo e por me conceder explicações e conhecimentos sobre História Social e Educacional.

Estendo meus agradecimentos a todos os Professores Doutores que contribuíram para nossa formação durante o Mestrado. Obrigada a todos meus colegas de Mestrado sentirei saudade das aulas e dos comentários sempre pertinentes e autênticos.

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo verificar como os educandos dos Oitavos e Nonos anos como também dos terceiros anos do ensino regular ou EJA das três escolas públicas da cidade do Rio Grande- RS, participantes do projeto, assimilam e entendem determinados conceitos como por exemplo Diversidade Cultural, Religiosa, Política e Étnico Racial, para podermos compreender como a Lei 11645/2008 pode contribuir para a real aplicação e reconhecimento da Cultura Afro Brasileira e Indígena durante todo o ano letivo e não somente em algumas datas comemorativas. A postura do educador em questão é de extrema importância para a aplicação da Lei em nossas escolas riograndinas como as demais instituições públicas de nosso país, pois, o maior objetivo é conceder aos educandos a oportunidade de acesso à história contada por pessoas e povos negros e indígena.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História, Diversidade Cultural, Professores, Educação Pública e Política.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo ver cómo los estudiantes de los años octavo y noveno, así como la educación de adultos o de educación regular de tercer año de tres escuelas públicas de Rio Grande-RS, los participantes en el proyecto, asimilar y comprender ciertos conceptos como la diversidad culturales, religiosas, políticas y raciales, étnicos por lo que podemos entender como la Ley 11645/2008 puede contribuir a la aplicación real y el reconocimiento de la cultura y afro indígena brasileña a lo largo del año escolar, no sólo en algunos días de fiesta. La posición del maestro en cuestión es de suma importancia para la aplicación de la ley en nuestras escuelas riograndinas y otras instituciones públicas de nuestro país, ya que el objetivo final es dar a los estudiantes la oportunidad de acceder a la historia contada por la gente y los negros y los indígenas."

PALABRAS CLAVE: Enseñanza de la historia, la diversidad cultural, maestros, Educación Pública y Política.

Um pouco sobre a Autora

Bem, meu interesse sobre pesquisar tanto a cultura Afro- brasileira quanto a Indígena, tem como um dos principais motivos, minha origem familiar. Minha bisavó por parte de mãe era negra e filha de uma escrava, e a minha bisavó por parte de pai era negra filha de uma índia de origem guarani. Também sou praticante da Umbanda, por tanto, ambas as culturas fazem parte do meu ser, sangue e cotidiano.

Durante a graduação de História na Universidade Federal do Rio Grande, fui tomando conhecimento sobre minhas raízes através da História do Brasil e me identificando com a luta de meus ancestrais. Dessa forma fui reconstruindo minhas origens e identidade.

Devido a essa jornada, percebi o quanto é fundamental levar esse conhecimento que adquiri no Curso para a minha comunidade. A partir daí, surgiu à oportunidade de fazer o Mestrado Profissional em História que possui a linha do Ensino de História, em que tive a oportunidade de dialogar com os jovens das escolas que abriram espaço para que a pesquisa fosse realizada.

Conversar com os estudantes das turmas de Oitavo ou Nono ano e com os jovens dos terceiros anos do Ensino Médio dessas escolas, foi memorável! Além de levar novos conhecimentos a eles sobre ambas as culturas que a Lei 11645 de 2008 aborda, adquiri experiência e novos conhecimentos que esses jovens me apresentaram.

Fico feliz em saber, que de alguma forma, esta pesquisa foi significativa para os jovens que participaram das aulas seminários, dessas palestras em que foram tratados aspectos como cultura, diversidade e valores, musica e capoeira como resistência, etc.

Como filha de um Ex Estivador e de uma Dona de Casa que também é Costureira, é um orgulho poder aprender e levar conhecimento sobre as culturas de meus ancestrais a esses jovens, que também compartilharam suas experiências de

vida, de seu cotidiano, e que por incrível que pareça, mesmo sendo jovens, já sabem o que é o preconceito e o racismo desde sua infância.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	06
RESUMO	07
RESUMEN	08
Sobre a Autora	10
INTRODUÇÃO	14
Um pouco sobre a Lei 11645 outorgada em 2008	16
Movimento Negro no Brasil desde 1970.	19
A Teoria Educação Histórica e a Metodologia da Problematização.	20
1. A CULTURA AFRO-BRASILEIRA DO PERÍODO MONÁRQUICO ATÉ A CONTEMPORÂNEIDADE, NO BRASIL E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: O OLHAR SOBRE A CIDADE DO RIO GRANDE.....	26
1.1.Militância, Resistência das Mulheres Negras e Gênero.....	30
1.2.Campos do Saber em favor da Lei 11645/2008.	34
1.3.A importância da Religiosidade Afro Brasileira e indígena e da Capoeira como forma de Resistência ao preconceito e a opressão.....	44
1.4.O ensino de Valores e a importância da aplicação da Lei 11645 de 2008 nas escolas públicas de Rio Grande- RS.	48
Considerações Iniciais.	54

2. ANÁLISE DAS REFLEXÕES FEITAS PELOS ESTUDANTES SOBRE OS ASPECTOS DAS CULTURAS AFRO- BRASILEIRAS E INDÍGENAS.63

2.1- Diálogos e opiniões dos jovens estudantes: o que sabem sobre Diversidade, Valores e Cultura.68

2.2- O Racismo na opinião dos estudantes e a reflexão dos mesmos sobre os últimos acontecimentos racistas na mídia assim como a vitimização ou não do negro no passado e em nossa atualidade.....84

3. ANÁLISE DAS NARRATIVAS DAS EDUCADORAS SOBRE COMO É DESENVOLVIDA A CULTURA AFRO- BRASILEIRA NAS ESCOLAS EM QUE ATUAM NA CIDADE DO RIO GRANDE – RS.102

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....115

REFERENCIAL TEÓRICO128

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.129

REFERENCIAL DA INTERNET130

INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre como é aplicado o ensino de cultura afro brasileira nas escolas públicas da cidade do Rio Grande- RS ocorreu nas seguintes escolas e bairros: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Brigadeiro José da Silva Paes (bairro Lar Gaúcho), Instituto Estadual de Educação Juvenal Muller Centro, Escola Municipal de Ensino Fundamental Vanda Rocha (Cassino).

Nas escolas de Ensino Médio e Fundamental, participaram da pesquisa as turmas do terceiro ano do ensino médio e as oitavas séries do ensino fundamental, com o propósito de saber como os educandos constroem seus saberes durante o ensino básico, certamente ao final, tanto do ensino fundamental, quanto do ensino médio, os jovens acabam vivenciando experiências que somente a vida escolar proporciona.

Diante desses motivos, a pesquisa sobre cultura afro brasileira e indígena foi desenvolvida com o intuito de verificar como os educandos assimilam conceitos como o que é cultura; cultura brasileira. diversidade cultural e religiosa durante a sua vida escolar.

E principalmente nos últimos anos (ciclos que se fecham na vida dos jovens estudantes, a passagem do ensino fundamental para o ensino médio em plena adolescência, e a passagem do ensino médio para o ensino superior, da adolescência para a vida adulta) em que podemos verificar as opiniões dos jovens ao final de cada ciclo sobre ambas as culturas, o que os estudantes sabem sobre a cultura Indígena e Afro- brasileira, dessa forma podemos verificar o quanto a aplicação da Lei 11645 de 2008 colabora para a consciência histórica e cidadã.

Através da construção do conhecimento dos mesmos, fica evidente o quanto os alunos sabem o que é cultura afro brasileira, porém, não sabem expressar seus

conhecimentos pura e simplesmente na escrita, e sim através de aulas seminários, em que o ambiente escolar ligado a uma aula que concede voz aos mesmos, propicia a troca de conhecimentos e saberes através da aula conversa, ou seja, quando os educandos são estimulados a falar sobre o assunto, quando os mesmos sentem que a opinião deles é importante.

As educadoras regentes das turmas, também participaram da pesquisa, falando sobre como ocorre o planejamento das aulas, o material utilizado, seja livro didático ou material de própria produção, como também a procura de materiais que abordem a cultura afro brasileira, de forma a proporcionar a valorização da mesma através de termos adequados como etnias, povos originários no lugar de palavras ultrapassadas como raças e tribos.

A Metodologia utilizada ao longo da pesquisa foi a Metodologia da Problematização, que visa a participação dos educandos de forma ativa, utilizando abordagens visando a problematização, o questionamentos, e a Teoria da Educação Histórica prioriza a didática histórica (o ensino priorizando ferramentas e abordagens com o intuito de análises voltadas para a História e não a Didática feita pelo curso de Pedagogia).

Com essa nova maneira, podemos fazer com que os educandos sejam capazes de fazer relações psíquicas historicamente, ou seja, consigam se colocar no tempo reconhecendo os períodos históricos de forma a se reconhecer parte integrante da história contemporânea.

Após, os mesmos desenvolverem esse saber histórico, denota-se que serão capazes de realmente serem sujeitos atuantes na sociedade gaúcha e brasileira, transformando o local em que vivem permitindo-se conhecer novas etnias e respeitando

outras culturas, valorizando através da suas origens e sua História assim como o reconhecimento das culturas Afro- brasileira e Indígena.

Um pouco sobre a Lei 11645 outorgada em 2008.

A Lei 11645 de 2008, é fruto da luta dos negros que abriram espaço em 2003 com a criação da Lei 10639 que tornou o ensino de Cultura Afro- brasileira nas escolas obrigatório, fazendo com que as escolas proporcionasse o acesso ao conhecimento as crianças e jovens de ambas as etnias real.

Afinal, é direito de todos os estudantes conhecerem todas as culturas que formam a cultura de nosso país única devido a interação de todos os povos que aqui chegaram e que já estavam , no caso os verdadeiros donos do território, os indígenas de ambos os povos originários.

A lei 11645, além de continuar obrigando o ensino da Cultura Afro- brasileira nas escolas particulares e públicas em nosso país nas disciplinas de História e Artes, também torna obrigatório o ensino da Cultura Indígena para os estudantes de nosso país. Conforme a legislação brasileira, que assegura o direito ao acesso ao conhecimento de ambas as culturas como podemos ver a seguir com o decreto do Presidente da República: “Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

“Art. 26 – A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e da cultura afro- brasileira e indígena. [...] 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.(BRASIL,2008).

A lei citada a cima, proporciona a valorização e o reconhecimento da contribuição dos negros e dos indígenas para a formação da sociedade brasileira em todos os aspectos, um dos principais é o cultural.

Dessa forma, podemos desfazer a imagem errônea que sempre foi reproduzida sobre os indígenas, o racismo ao alegar que o indígena deve ser estereotipado, que o mesmo deve andar nu e com arco e flecha, caso contrario perde sua identidade, ou então, se possuir celular e estiver cursando uma Universidade esta aculturado, não percebendo, que os indígenas são brasileiros e fazem parte da sociedade.

Outro aspecto é a histórica luta dos indígenas, como em 1910 surgiu o serviço de proteção aos índios e a localização de trabalhadores nacionais (SPILNT) designado apenas Serviço de Proteção ao índio (SPI) que foi extinto em 1967, foi substituído mais tarde, pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) conforme (FRIERE,2006,PAGINA.113-131), que deu continuidade a proteção dos direitos indígenas, porém era órgão do Estado e com isso em 1970 os povos indígenas começaram a se unir em função da luta pelos seus direitos e criou o movimento indígena sem a intervenção da FUNAI cujo a finalidade passou a ser voltar para o desenvolvimento sustentável indígena aliando sustentabilidade econômica e sócio ambiental (www.funai.gov.br).

Obvio que durante vários anos, após a obrigatoriedade de ambas as leis, a realidade nos mostra que mesmo com a produção de vários materiais, livros, revistas, jornais, blogs da internet, vídeos no You Tube, que abordam as temáticas afro-brasileiras e indígenas, os educadores não podem mais utilizar como argumento a falta de material para justificar a ausência de ambas as temáticas durante o ano letivo. Mas, é de conhecimento de toda a sociedade que essas temáticas ainda são pouquíssimas exploradas em salas de aula de todo o Brasil.

No caso de nossa cidade, Rio Grande, não é diferente. Essa pesquisa teve por foco, saber o que os jovens estudantes sabem sobre cultura Afro- brasileira e Indígena, e ficou constatado que os mesmos sabem mais sobre aspectos da cultura afro do que da cultura indígena, mostrando dessa maneira o quanto foi imprescindível a inclusão da obrigatoriedade do ensino sobre a cultura dos indígenas em nossas escolas.

Em verdade, entre as quatro professoras que participaram da pesquisa três, já trabalhavam sempre que podiam com ambas as temáticas, inclusive com a participação de professores de outras disciplinas. O que facilitou a pesquisa, pois os estudantes já conheciam alguns aspectos como a religiosidade afro e o artesanato indígena. Mesmo assim informações como a luta política, e por terras dos indígenas e quilombolas não eram tratadas em sala de aula. A maioria dos jovens não sabiam da existência de indígenas em nossa cidade, não sabiam que os indígenas tinham os documentos diferentes dos nossos, devido a luta política e territorial, não sabiam do acesso dos indígenas a Universidade Publica em cursos que são fundamentais para a comunidade como Medicina e Direito, cursos esses que os lideres indígenas geralmente mandam membros da comunidade cursarem para posteriormente retornarem e representarem a comunidade. Assim como, a discussão sobre as cotas, o que são e por qual razão foram criadas as Cotas Raciais.

A sala de aula realmente é um espaço laico e que pode e deve ser usado para tratar sobre todas as culturas e a Lei 11645 foi outorgada pelo presidente Luis Inácio da Silva, exatamente para tornar o ensino mais igualitário, e significativo para todos os jovens independentemente de sua etnia e classe social.

Movimento Negro no Brasil desde 1970.

Certamente, após o período da abolição, os negros foram obrigados a viver em periferias e residir em cortiços, pois ocorreu a fase de branqueamento devido a chegada dos imigrantes europeus, pois as elites desejavam excluir os negros de serviços assalariados, deixando-os responsáveis por serviços penosos e que eram pagos após o término dos afazeres.

Segundo Regiane Augusto de Mattos, a intenção era excluir e impedir os negros a ascensão social, pois os mesmos eram considerados “selvagens e bárbaros”. Com isso os negros começaram a se organizar, um dos vários exemplos foram nomes como Salvador de Paula fundador das Classes Laboriosas em 1891, Eugenio Wanssuit, um dos organizadores da greve de trabalhadores das Docas de Santos em 1912, sendo que nessa época como consequência da luta de vários líderes negros conjuntamente com os imigrantes europeus que integraram os mesmos para que a luta por melhores salários e condições de trabalho fortaleceu e aumentou o número de trabalhadores operários negros nas indústrias, possibilitando uma ascensão social.

No transcorrer do século XX, os negros participaram em associações culturais e como exemplo disso foram criados grupos teatrais como Negros Cia, Negra de Revista e Cia e em 1927 foi criado o Centro Cívico Palmares em que a prioridade era criar uma biblioteca para a comunidade negra ter acesso.

No ano de 1938 durante o período do Estado Novo em que Getúlio Vargas era o governante do país os movimentos sociais foram reprimidos e a imprensa negra foi extinta, porém em 1945 o movimento se reorganizou e voltou com força promovendo a Convenção Nacional dos Negros Brasileiros e a imprensa negra ganhou novamente voz com os jornais Alvorada, Senzala e Novo Horizonte.

Em 1944, foi inaugurado o Teatro Experimental Negro por Abadias do Nascimento. Em 1954 também foi criada a Associação Cultural do Negro com a intenção de realizar cursos, conferencias e eventos culturais. O que alavancou a intencionalidade de por meio da arte e cultura promover a luta pelos direitos a igualdade racial e os direitos da população negra.

A partir de 1960 os negros começaram a se destacar como nos narra Regiane Augusto Mattos a seguir:

“ Os negros destacaram-se nas lideranças do movimento sindical e novos grupos foram fundados por artistas e intelectuais negros, como o Centro de Cultura e Arte Negra, que publicou, em 1978, os Cadernos Negros, uma série de coleções de poesias escritas por autores negros”(MATTOS,2011).

Já em 1978 o Movimento Negro Unificado (MNU) realizou uma manifestação contra o assassinato do trabalhador Robson Silveira da Luz e a proibição dos negros frequentarem o Clube Regatas Tiete. Varias outras manifestações ocorreram em outros estados do Brasil. Dessa forma o Movimento Negro Unificado passou a se organizar e lutar por direitos Políticos e pela Igualdade Racial no Brasil.

Devido a luta do Movimento Negro e toda a História dos povos negros e indígenas, é de extrema importância a utilização tanto da Teoria da Educação Histórica, quanto da Metodologia da Problematização ao realizar a pesquisa sobre como os jovens estudantes que estão concluindo o Ensino Fundamental e o Ensino Médio nas Instituições de ensino básico públicas, sabem sobre a cultura Afro brasileira e indígena.

A Teoria Educação Histórica e a Metodologia da Problematização.

A Educação Histórica teoria cujo o autor é Jorn Rusen, professor emérito da Universidade de Bielefeld (1989 – 1997), por dez anos foi presidente do Centro de

Investigação em Ciências Humanas da Alemanha , o instituto de Ciências da Cultura na cidade de Essen. Estudou História, Filosofia, Pedagogia e Literatura na Universidade de Colônia, onde obteve o grau de Doutor em 1966, segundo ele a teoria da Educação Histórica preza pela Didática Histórica, ou seja, um ensino que prioriza a desconstrução de verdades estabelecidas e que até bem pouco tempo atrás não eram contestadas.

Como por exemplo, a Invasão do Brasil que antes era chamada de Descobrimento ou Achamento do Brasil, ou então o uso incorreto da palavra “ tribo” quando o correto é que identifiquemos : “ povos originários”, pois os mesmos tinham seus hábitos e costumes, sendo assim sabiam viver em harmonia com a natureza, por tanto os mesmos não podem ser considerados primitivos e bárbaros porque possuíam conhecimento e cultura.

Segundo Jorn Rusen quanto a Didática Histórica o mesmo afirma:

“Eu gostaria de propor de propor uma definição mais modesta do objeto de pesquisa da didática da História. Seu objetivo é investigar o aprendizado histórico. O aprendizado histórico é uma das dimensões e manifestações da consciência histórica. É o processo fundamental de socialização e individualização humana e forma o núcleo de todas estas operações. A questão básica é como o passado é experimentado e interpretado de modo a compreender o presente e antecipar o futuro. Aprendizado é a estrutura coerente. Ele determina a significância do assunto da História da didática bem como suas abordagens teóricas e metodológicas específicas. (RUSEN, Jorn. JORN RUSEN E o Ensino de História/ organizadores: Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevam de Resende Martins. Curitiba: Ed.UFPR,2010).”

Dessa forma, conforme Jorn Rusen nos afirma, os educadores que utilizam a Educação Histórica, conseguem através de muito planejamento e organização obter sucesso na construção do conhecimento histórico dos seus educandos tanto do Ensino Básico quanto do Ensino Superior, fazendo com que os educandos passem a desenvolver a noção de pertencimento histórico sabendo fazer relações atemporais, para compreender o seu presente, tornando-se, por tanto atuante na sua comunidade.

Através da Consciência Histórica os jovens conseguem em um nível mental utilizar os conhecimentos históricos no seu cotidiano como nos diz Jorn Rusen a seguir:

“ [...] a análise da natureza, função e importância da consciência histórica – é em minha opinião, a discussão mais interessante para os pesquisadores dos estudos históricos. Consciência histórica é uma categoria geral que não apenas tem relação com o aprendizado e o ensino de História, mas cobre os estudos históricos, bem como o uso e a função da história na vida pública e privada. (RUSEN, Jorn. JORN RUSEN E o Ensino de História/ organizadores: Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevam de Resende Martins. Curitiba: Ed.UFPR,2010. Pag.: 36).”

Dessa forma, conforme a afirmação de Jorn Rusen no trecho acima, o mesmo se refere a consciência histórica como estrutura ao conhecimento histórico, ou seja, a mesma não pode ser meramente equacionada como simples conhecimento do passado, mas, a mesma pode ser analisada como um conjunto coerente de operações mentais que definem a peculiaridade do pensamento histórico e a função que exerce na cultura humana.

A utilização da Educação Histórica visa garantir a construção do saber histórico baseado na cognição histórica situada, que nada mais é do que priorizar a desconstrução de verdades absolutas como, por exemplo, a inferioridade intelectual do negro, devido à cor da sua pele que era baseada em teorias científicas ultrapassadas ou na deturpação de textos bíblicos. Essa teoria presa pela reflexão sem indução e pela autonomia dos educandos na sua construção do saber histórico durante sua formação escolar.

A Metodologia da Problematização consiste em abordar um tema para posteriormente apresentar documentos com opiniões distintas sobre a mesma temática, fato em questão em que os sujeitos consigam ter acesso á novos discursos , para que ocorra a confrontação de documentos e aconteça a dialética. Em outras palavras os estudantes aprendem a refletir sobre os fatos históricos de forma a desconstruir

verdades absolutas que é imposta pela elite que esta no poder e que domina os materiais didáticos por exemplo, a historia oficial.

Dessa forma, nós como meros orientadores prezamos por conceder voz as minorias em que se incluem os negros, indígenas, mulheres e pessoas de ambas classes sociais. É ter como meta saber ouvir os estudantes na sala de aula, para que o ensino de História seja a favor do conhecimento humanista, como nos diz Eric Hobsbawm a seguir:

“Queiram ou não, é impossível negar a importância sempre atual, do ensino de História. Ser membro da comunidade humana é situar-se com relação ao seu passado, passado este que é uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e padrões da sociedade. (PINSKY, Carla Bassanezi, PINSKY, Jaime. Por uma História prazerosa e consequente- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos.Ed. 4, São Paulo: Cortez.2011. pag.19)”.

Cabe ao professor historiador planejar e verificar qual a sua intenção ao abordar determinado conteúdo ou conceito, devido à intencionalidade política, trabalhar certos conceitos implica uma posição política e ideológica, afinal, a pesquisa almeja analisar as reflexões dos estudantes sobre Cultura Afro brasileira e indígena, sendo assim, é fundamental abordar temáticas como o que é cultura, religiosidade, diversidade e valores por exemplo.

Mas prezando sempre pela liberdade de expressão, e autonomia por parte dos jovens ao responder aos questionamentos. Como ocorreu a utilização de um questionário, não houve a utilização de ferramentas áudio visuais, as aulas os seminários não foram gravados, o que não proporciona uma visualização das conversas e da abordagem que foi feita durante as aulas.

Sendo assim, as análises serão feitas através das respostas que os estudantes concederam nos questionários, inclusive os nomes que aparecerão nesta pesquisa, serão

abreviados, porém, são os verdadeiros nomes dos jovens que participaram da pesquisa, porque obtivemos a autorização dos responsáveis.

Este arco abaixo, representa as etapas que são necessárias para que o professor consiga fazer os jovens sujeitos a conhecer novos documentos históricos, tomar conhecimento dos mesmos e de ambas as versões do fato para posteriormente tirar suas próprias conclusões, se realmente acredita na história oficial ou se questiona sobre as consequências de fatos ocorridos do passado que moldaram nosso presente.

ARCO:

1-Análise do conhecimento dos educandos

2- Confronto de ideologias

Análise de Documentos

3- - Reflexão dos educandos

O Desenvolvimento da pesquisa através da metodologia da Problematização e da Teoria da Educação Histórica ocorreu durante o transcorrer de 2014 foram feitas aulas seminários nas turmas das séries participantes desse projeto, ou seja, conjuntamente com as professoras os educandos dialogaram sobre a temática cultura afro-brasileira e suas expressões artísticas como, por exemplo, Capoeira, Samba, Religiosidade Afro- brasileira e Vestimenta e Culinária assim como também temas mais polêmicos com Racismo e Cotas raciais.

Conforme a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 22, aponta que o caminho a perseguir na educação básica:

“(…) desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Dessa forma as diretrizes e os princípios pedagógicos os valores a serem transmitidos, as competências e capacidades visualizadas a seleção dos conteúdos, os conceitos fundamentais a estratégia do professor estão todas embasadas por esse princípio maior que uni a educação á pratica social do estudante, ao ensino de história a compreensão do mundo do trabalho e ao seu cotidiano como um todo.

Afinal, ao trabalhar com a legislação, um dos pontos primordiais é ter a noção que estamos concedendo acesso a direitos que todo cidadão tem, e ao trabalhar a Lei 11645/2008, abordar conceitos como cultura, exige de certa forma imparcialidade, mesmo sabendo que até o professor mediador e o pesquisador não conseguem ser totalmente imparciais, pois até a escolha da temática a ser trabalhada possui subjetividade.

Posteriormente a apresentação de slides que tratavam sobre a Lei 11645/2008, o que é uma lei, o que são conceitos, o que é cultura? Valores? Diversidade? Cultura indígena? O que é religiosidade, etc. Os educandos dialogavam entre si e com a professora, ocorrendo dessa forma a reflexão sobre o tema em questão, e no final os educandos respondiam o questionário. Entregavam para a professora conjuntamente com a autorização devidamente preenchida pelos responsáveis no caso de serem menores de idade.

A pesquisa ocorreu em cada escola durante três semanas, tempo este necessário para reconhecimento da turma da escola para somente depois ocorrer a aplicação do projeto nas escolas participantes, especificamente nas turmas de Oitava Série do Ensino Fundamental e Terceiro Ano do Ensino Médio, com o intuito de verificar o que os jovens riograndinos do Ensino Básico compreendem sobre Cultura Afro- brasileira e Indígena no final de cada etapa escolar.

I- A CULTURA AFRO-BRASILEIRA DO PERÍODO MONÁRQUICO ATÉ A CONTEMPORÂNEIDADE, NO BRASIL E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: O OLHAR SOBRE A CIDADE DO RIO GRANDE.

Neste capítulo do texto, o intuito foi mostrar a partir da parte histórica, de forma cronológica os acontecimentos verídicos que ocorreram na História do Brasil que comprovam a necessidade da existência da Lei 11645/2008, para que o ensino de ambas as culturas sejam obrigatórios nas escolas, na disciplina de História e Artes, tanto em escolas particulares quanto em escolas públicas.

Obviamente, a pesquisa ocorreu em escolas públicas, uma municipal e duas estaduais. O objetivo central era entender como os estudantes ao final de cada etapa, entendiam a cultura afro brasileira e indígena. O papel do professor e as escolhas que o mesmo faz é primordial para a aplicação da lei 11645/2008.

Almeja abordar questões de interação entre ensino aprendizagem, e a diacronia histórica, no que se refere aos períodos iniciais da história do Brasil, segundo Jörn Rusen nos explica, quando se refere à Didática Histórica, ou seja, fazer análises sobre como os educandos entendem os conceitos Diversidade, Cultura, Identidade, Tradição, Democracia, Intolerância e Cidadania, exige do professor pesquisador, o trabalho de verificar como funcionam a reflexão e consciência histórica através da noção de pertencimento e de tempo e espaço (tempo histórico), que os educandos realizam durante a construção do seu saber histórico.

Asilene Kaigang e Bebel Nepumoceno, a primeira é militante indígena que discorre sobre a luta das mulheres indígena por espaço e representação na comunidade nos relata sobre a resistência e a luta pela igualdade de gênero na sociedade, e a segunda

nos fala da importância da mulher negra e pelo enegrecimento do movimento feminista no Brasil, ou seja, ao abordar ambas as culturas, assuntos como racismo, gênero e tolerância religiosa são, temas indispensáveis, porque possibilitaram durante a pesquisa significação e motivação para que os estudantes se manifestassem e dialogassem em sala de aula, fazendo com que os mesmos se posicionassem em relação a temática e a importância da lei.

Atualmente, a diversidade cultural em nosso estado é muito forte, a mesma foi construída durante várias guerras ideológicas e políticas, como por exemplo a Revolução Farroupilha que durante dez anos lutou contra a Monarquia portuguesa.

Historicamente, o povo gaúcho é conhecido por ser politizado, ou seja, um povo constituído por pessoas instruídas e reflexivas, atuante no cenário político brasileiro, um dos políticos mais conhecidos foi Getúlio Vargas.

Tanto Dom Pedro I quanto Dom Pedro II, enfrentaram resistência por parte dos povos negros e indígenas, que eram mão de obra, sendo que os indígenas foram catequizados, os mesmos não poderiam atuar então como mão de obra, já os negros sim, havia até apoio da Igreja Católica para que o sistema escravista se estabelecesse.

Mesmo com toda a luta e empenho durante o império através de propostas de leis que assegurassem o direito e o término das explorações dos negros através da liberdade a monarquia foi fiadora da continuação da escravização dos negros que foram retirados de sua terra, como nos conta Benedito Cíntra no livro: O Estatuto da Igualdade Racial, do Ciclo de Palestras intitulado Conheça Mais, da Cultura Afro – brasileira: Nosso Patrimônio.

“A derrota das idéias antiescravistas, libertárias e mais avançadas no processo de independência do Brasil trouxe sérias e gravíssimas consequências para a formação da nação brasileira. [...] Por essas e por tantas outras razões, é imperioso registrar que a monarquia, como fiadora do regime escravista manteve e aprofundou a concepção da construção de uma sociedade baseada na hierarquia das raças, com uma minoria branca e estamentaria no topo da pirâmide social, e a população negra na

sua base, ou quase fora dela. Desde D. João VI, até o fim do império, a Coroa “distribuiu” mais títulos nobiliárquicos do que quaisquer dos seus congêneres ao redor do mundo. (CINTRA, 2012, página 15 a 16).”

Conforme Cintra, o mesmo discorre através de documentos oficiais, a situação do negro escravizado no Brasil imperial, o mesmo não era considerado cidadão dessa forma não tinha direitos jurídicos que assegurassem a sua segurança física e moral. Ocorria a partir de então a segregação e o racismo em uma sociedade de que era comandada por uma elite branca.

Mas é de conhecimento de todos que o sistema escravista ocorreu devido à lucratividade no que se refere aos negros como mercadoria de troca, alimentava assim o comércio de negros nas embarcações denominadas, navios Negreiros e com toda a manutenção do comércio de escravos no mundo, o que não deixou de ser diferente em nosso estado desde o período colonial.

Como nos descreve Regiane Augusto de Mattos neste trecho:

“Do lado do Atlântico direcionado para a América, os europeus visavam encontrar terras, de preferência não habitadas, para serem exploradas e, mais tarde, colonizadas, objetivando a produção agrícola de produtos com grande demanda europeia. Portanto, foi com o objetivo de produzir bens pela exploração do meio natural nas colônias – destinados a serem comercializados nos mercados europeus, gerando lucros para a metrópole – que se organizaram as estruturas do sistema colonial, inclusive o tipo de mão de obra trabalhadora utilizada. De início, o habitante nativo, ou seja, o índio, foi escolhido para tal fim, mas logo foi substituído pelo escravo africano, tornando-se um dos braços dessa empresa colonial. (MATTOS, Regiane Augusto, 2011).”

Fica evidente o motivo pelo qual os negros foram utilizados como mão de obra, foi devido ao sistema mercantilista, que necessitava de milhares de pessoas para desempenhar as funções que exigissem força física, logicamente esse tipo de sistema não somente na época do Brasil colônia quanto do Brasil Imperial, era fundamental a

participação dos escravizados para a manutenção desse mesmo sistema que visava somente a acumulação de bens e a exportação dos mesmos para a metrópole. Nisso se encaixava o escravizado enquanto mercadoria, devido a esses motivos o comércio dos navios negreiros expandiram-se no mundo.

“Com o intuito de garantir essa produção em larga escala para a exportação é que se adotou o trabalho escravo, Por outro lado, a utilização do escravo africano como mão de obra enquadrava-se no sistema Mercantilista do tráfico negreiro, que também proporcionava a acumulação de capital pelas metrópoles que realizavam esse comércio. (MATTOS, Regiane Augusto, 2011).”

Inclusive, antes dos europeus iniciarem o comércio de escravos pelo atlântico, no continente africano, já existia um outro tipo de escravidão na África, devido a guerras entre os povos africanos tanto da área Subsaariana quanto da África Ocidental e Centro Ocidental. Os motivos da escravização eram muitos, mas a forma como os mesmos eram tratados era bem diferente do sistema escravocrata europeu. Como nos descreve Regiane Mattos.

“Antes do século XV, quando os europeus ainda não tinham estabelecido relações comerciais na bacia do Atlântico e no oceano Índico, os escravos eram utilizados no interior das sociedades da África Subsaariana, como concubinas, criados e soldados, além de serem uma das principais mercadorias de exportação para o deserto do Saara, mar vermelho e oceano Índico. Os cativos podiam ser obtidos em guerras entre os próprios estados africanos, incentivadas por processos de expansão. Nesse caso, os povos subjugados passavam a ser tributários e submetidos à servidão. As disputas políticas motivadas, por exemplo, pelo rapto de mulheres das linhagens mais importantes, resultavam igualmente na escravização de pessoas. Na tentativa de sobrevivência, a fome ocasionava a venda de si mesmo ou de parentes, e os castigos penais por crimes ou por dívidas eram outros meios de escravização na África.(MATTOS, Regiane Augusto, 2011).”

Já no que se refere ao fim do tráfico negreiro no mundo, a Grã Bretanha proibiu o mesmo de ocorrer entre a África Ocidental e suas colônias com os Estados Unidos realizando uma campanha abolicionista nos países europeus, almejando o fim desse

comércio tão infame e cruel. Inclusive um brasileiro em Ajudá, o povo originário do continente africano, teve participação neste comércio de negros escravos, como nos relata a seguir Regiane Mattos:

“Portugal e Reino Unido assinaram um tratado, em 1810, que previa a proibição do tráfico nessa região e o aprisionamento dos navios carregados de escravos, exceto aqueles que saíssem de Ajudá. Com essa medida Ajudá voltou a ganhar importância no comércio de escravos. Mesmo assim, a partir desse momento, as exportações e o valor dos escravos sofreram um nítido decréscimo. Somente por volta da segunda década do século XIX, o comércio de escravos voltou a se expandir em Ajudá. O rei Daomeano passou a contar com a participação de um brasileiro como seu agente em Ajudá, Francisco Félix de Souza, mais conhecido como Chachá, um destacado mercador de escravos. (MATTOS, Regiane, 2011).”

Outro grande problema no que se refere ao racismo e a revolta por parte dos negros que lutavam pela sua liberdade, foi à discriminação de crioulos filhos de brancos com negros que ocupavam funções como a de capitão do mato, por terem a cor da pele mais clara ou então por serem filhos de senhores donos das fazendas em que os mesmos mesmo sendo negros não admitiam tal fato, o que despertava a repulsa dos escravizados.

1.1. Militância, Resistência das Mulheres Negras e Gênero.

Certamente, a mulher negra ocupava vários setores nas casas grandes, como cozinheiras ou então amas de leite, mas também eram vítimas de abuso por parte dos homens, devido a posição de objeto de compra e venda, já que eram escravas no contexto da escravatura. Após a abolição, várias mulheres continuaram nas fazendas pois, não tinham para onde ir, e não sabiam ler e escrever.

Conforme Bebel Nepomuceno nos mostra em seu artigo Protagonismo Ignorado sobre as mulheres negras no tópico sobre a sociedade brasileira e a raízes da desigualdades, a mesma nos afirma:

“Às mulheres negras não coube experimentar o mesmo tipo de submissão vivido pelas mulheres brancas de elite até inícios do século XX. Tão pouco seu espaço de atuação foi unicamente o privado, reservado às bem-nascidas, uma vez que, pobres e discriminadas, se viram forçadas a lançar mão de uma gama de estratégias para sobreviver e fazer frente aos desafios cotidianos. A chegada do novo século encontrou-as trabalhando como pequenas sitiantes, agricultoras, meeiras, vendedoras de leguminosas e de mais produtos alimentícios nas ruas das cidades brasileiras muitas delas viviam em lares sem presença masculina, chefiando a casa e providenciando o sustento dos seus. Outras trabalhavam para famílias de mais posses como criadas para todo serviço. Algumas haviam conseguido acumular patrimônio, formar núcleos familiares estáveis, criar redes de solidariedade e comunidades religiosas. Ao contrário do prescrito para a mulher idealizada da época, as negras circulavam pelas ruas, marcando a seu modo presença no espaço público. (NEPOMUCENO pagina 383, Nova História das Mulheres no Brasil).”

É possível perceber no trecho acima conforme Nepomuceno nos afirma, que enquanto as mulheres brancas podiam fazer escolhas, as mulheres negras construíam suas vidas com muito sacrifício devido a falta de acesso inclusive a educação ao direito de ler e escrever de serem pessoas letradas, pois se não tinham direitos através das leis , jurídicos, como haveriam de ter acesso a tais oportunidades.

A vida era difícil, mas mesmo assim, trabalhavam em serviços que exigiam a parte física, e ao contrario resistiam as circunstâncias e conseguiam trabalhar e alimentar seus filhos, criando os mesmos com toda a dificuldade sem a companhia de um cônjuge. Devido a esses motivos, é fácil entender os motivos de a mulher negra, em pleno século XXI enfrentar o racismo e a exclusão na sociedade.

Certamente a luta das mulheres negras continuou como vemos no trecho a seguir:

“A reconstrução dos movimentos negros brasileiros deu-se no contexto de articulação dos movimentos sociais e feministas, no cenário nacional, e no cenário internacional, das lutas pelos direitos civis nos EUA e anticolonialista dos povos africanos. As

mulheres negras estabeleceram no seu espaço próprio de luta tanto no movimento feminista quanto no movimento negro, mas logo iriam contestar as ações e discursos desses dois organismos ao atentar para a especificidade da experiência histórica das afrodescendentes, no caso do primeiro, e é exigir uma agenda que incluísse a dimensão de gênero no trato da questão racial, no caso do segundo, denunciado ainda as atitudes sexistas no interior do grupo. A ativista e intelectual Lélia Gonzales, uma das fundadoras do MNU e é referencia teórica dos grupos militantes, e a também ativista e intelectual Beatriz Nascimento tiveram relevante papel no desenrolar desse processo, que ficaria conhecido como o “enegrecimento do feminismo”. Esse novo olhar feminista e antirracista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra. [...] ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negros e de mulheres no país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres [...] e, por outro lado promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro. (NEPOMUCENO pagina 400, Nova História das Mulheres no Brasil).”

O movimento negro no Brasil se desenvolveu em um período em que os Estados Unidos estava passando por confrontos entre negros e brancos, um momento primordial que serviu como motivação e como modelo para as reivindicações e novos movimentos e ações aqui no Brasil, quando Nepomuceno se refere ao enegrecer o movimento feminista, a mesma se refere as novas temáticas e assuntos como gênero e raça, como assuntos que deviam ser imprescindivelmente pautados e reivindicados nas manifestações feministas.

Sendo assim fica claro o quanto as mulheres lutaram e ainda lutam pelos seus direitos, principalmente as mulheres negras que lutam pela igualdade de gênero e de raça. Essa luta ainda continua em pleno século XXI, e ainda tem muitos pontos a serem reivindicados, como a remuneração salarial na área do trabalho, ao público proletário feminino e negro.

No que se refere ao corpo negro, vivemos em uma sociedade brasileira que em pleno século XXI, convive com pessoas que são racistas e inferiorizam os negros

devido ao formato do rosto os traços dos lábios, enfim, fazem comentários negativos no que se refere ao corpo negro, principalmente a mulher negra sofre mais com esses tipos de comentários, pois a beleza ideal é a do tipo físico branco, olhos claros e cabelos lisos e loiros. Quem disse isso? Quem dita esse padrão de beleza?

Como podemos perceber no trecho abaixo de Joni Edelman no Brasil Post, o quanto as pessoas insistem em venerar o padrão de beleza imposto por uma elite global detentora e que insiste em manter o sistema Capitalista selvagem, os mesmos acabam entrando em um círculo vicioso desenvolvendo a incapacidade de se colocar no lugar do seu semelhante e de se tornar sensível e humanizado.

“O que supomos em relação aos corpos das pessoas não revela a história inteira. Todo o mundo tem uma história. Nosso corpo é apenas uma parte dela. Quando pararmos de fazer pressuposições, vamos conseguir evoluir” (Joni Edelman no Brasil Post, Publicado Há 3 horas – em 12 de junho de 2015 atualizado às 10:06 Categoria, questões de Gênero).”

A sala de aula é o lugar apropriado para desfazer essas opiniões equivocadas, certamente podemos oferecer outras formas de olhar e pensar sobre a temática que envolve gênero feminino, e o mulheres negras, pois ao ouvir de um dos alunos, “ por que devemos estudar feminismo, ou a História das mulheres?”, torna-se evidente o quanto é imprescindível dialogarmos sobre a real situação da mulher que vive em nossa atual sociedade em todos os aspectos, principalmente quando o assunto em questão é igualdade social de direitos trabalhistas, assim como a união sexual e heterossexual ou homossexual, ou também sobre o direito de ser mãe ou não de se casar ou não.

Mas o movimento negro em todo o Brasil vem reagindo desde os anos de 1970 no que se refere a resistências com estratégias como as dos grupos Ilê Aiyê e Olodum, que priorizam a reação oposta, através das musicas e da cultura fazendo com que os jovens desde sua infância, tenham orgulho de seu corpo e de seu cabelo.

Como nos afirma Patrícia de Santana Pinho:

“A produção cultural dos blocos afro tem contribuído para perpetuar uma imagem negra não apenas na Bahia, mas também dos indivíduos seduzidos pelas mensagens afrocentradas e pelas narrativas identitárias produzidas pelos blocos . Aliada ao discurso – e totalmente permeada por ele – está a prática dos blocos afro, realizada através de projetos de ação social nos bairros em que se localizam. Utilizando o poderoso arsenal de músicas, ritmos, danças, indumentárias e penteados , os membros mais velhos dos blocos afro investem nas crianças e adolescentes , apostando que estes terão acesso aos que eles próprios não tiveram plenamente: o ingresso na sociedade dominante, no mercado de trabalho e de consumo, no mundo da política, e enfim a conquista da cidadania. (PINHO, 2004: 124)”.

Quando nos referimos a resistência, estamos afirmando que o povo negro jamais deixou de lutar por direito de igualdade e de preservar suas raízes, oriundas do continente africano, com milhares de etnias, idiomas e culturas.

É necessário que a Lei 11645/2008 seja respeitada e aplicada em sala de aula, para que os educandos tenham acesso a todo e qualquer tipo de conhecimento, sendo que o direito individual de cada um no que se refere ao tipo de cabelo, do vestuário, ou da religião sejam respeitados, pois dessa forma, todos estarão contribuindo para uma comunidade igualitária.

1.2.Campos do Saber em favor da Lei 11645/2008.

A História e a Literatura são campos do conhecimento que podem ser considerados complementares, porém possuem características que as distinguem. A História através de documentos, narra cronologicamente e de forma verídica os acontecimentos da humanidade, já a Literatura aborda a vida humana de forma sensível e fictícia, narrando a história de pessoas que sentem emoções, sejam elas paixões, desilusões, amores, perdas materiais e de entes queridos, etc.; ou seja, a

Literatura narra a vida cotidiana de forma fictícia em que tudo no decorrer do texto é possível através da imaginação.

No entanto, esses dois campos do conhecimento interagem! Quem disse que não podemos falar sobre acontecimentos históricos através de uma crônica, letra de música, obra literária ou um poema? Podemos sim planejar uma aula de História utilizando um desses materiais.

Abaixo observamos que é possível abordar a escravidão no período monárquico de uma maneira diferente, através de três poemas. Um trecho do poema “ Navio Negreiro” do **poeta Castro Alves**, e logo após um trecho do poema do poeta **negro Luís Gama** e seu outro poema “Sofrimento de Gorras”.

Vamos analisar os poemas e ao mesmo tempo refletir, tentar imaginar o que os poetas estão narrando, para tentar entender o quanto foi marcante o período escravocrata, e como ocorreu a resistência do povo negro ao sistema político econômico. E também vamos pensar em como nós, em pleno século XXI, estamos lidando com temas como preconceito racial, social e econômico em nosso país.

Trechos do poema Navio Negreiro de Castro Alves.

4º

Era um sonho dantesco...O tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo as tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães;
Outras, moças...mas nuas, espantadas,

No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e magoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doidas espirais...
Ouvem-se gritos...o chicote estala.
E voam mais e mais...

5°

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura...se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! Por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! Noite! Tempestades!
Varrei os mares, tufão!...

Trecho do poema de Luiz Gama retirado do Livro “As primeiras trovas burlescas de Getulino”.

“ Desculpa, meu caro amigo,
Eu nada te posso dar;
Na terra que rege o branco,
Nos crivam de pensar!...

Ao peso do cativoiro
Perdemos razão e tino,
Sofrendo barbaridades,
Em nome do Ser Divino!!
E quando lá no horizonte
Despontar a Liberdade;

Rompendo as férreas algemas
E proclamando a igualdade;

Do cocho bestunto
Cabeça farei;
Mimosas cantigas
Então te darei.”

Poema também de autoria do **poeta Luiz Gama**, cujo o nome é “Sortimento de Gorras”.

“ Se os nobres d’esta terra, empanturrados,
Em Guiné têm parentes enterrados;
E, cedendo a prosápia, ou duros vícios,
Esquecem os negrinhos seus patrícios;
Se mulatos de cor esbranquiçada,
Já se julgam de origem refinada,
E, curvos à mania que os domina,
Desprezam a vovó que é preta-mina:
Não te espantes, ó leitor da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Após a leitura dos dois poemas de Luis Gama, o professor, pesquisador de qualquer área científica, principalmente o Historiador, o Antropólogo, o Filósofo e o Literato, são convocados a dialogar sobre os trechos desses poemas com os estudantes de qualquer nível escolar, claro, com uma abordagem plausível com a idade dos mesmos, pois, certas temáticas não podem ser tratadas com jovens menores de 18 anos. Assuntos com certa violência como aspectos que envolvam a sexualidade (a banalização da mesma) geralmente com o corpo negro e feminino, não devem ser falados de forma aberta com menos de idade de forma explícita.

Afinal a Literatura Histórica a Poética também são áreas do conhecimento que lidam com a imaginação e a criatividade, que permitem ao estudante ter acesso a outros

tempos históricos, a viver experiências que no mundo real jamais poderiam ser vividas e ao mesmo tempo ver personagens que realmente existiram, mas que talvez não tenham falado certas coisas, pois certas falas são da imaginação do autor.

Já no caso de Luis Gama, o mesmo em seus poemas deixa bem claro a sua posição de líder negro em sua comunidade a partir do momento em que através da poesia, consegue mostrar o tamanho do preconceito que ele e seus irmãos negros passavam em seu cotidiano, ao mesmo tempo em que, resistiam, preservando sua cultura e identidade.

Com o fim da escravidão no Brasil Monárquico com a assinatura da Lei Aurea assinada pela então Princesa Isabel, em 1888, foi tomada uma medida pelos fazendeiros e comerciantes que não desejavam pagar salário pelos serviços para negros. Dessa forma vieram de várias partes do mundo imigrantes para servirem de mão de obra assalariada nas fazendas de café.

A tentativa de branqueamento, através da miscigenação para ter um povo com pele mais clara. Conforme podemos verificar no trecho a seguir do livro O espetáculo das Raças de Lilia Moritz Schwarcz publicado em 1957:

“O país era descrito como uma nação composta por raças miscigenadas porem em transição. Essas passando por um processo acelerado de cruzamento, e depuradas mediante uma seleção natural (ou quiça milagrosa), levariam a supor, que o Brasil seria, algum dia, branco.(SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil.Ed. 6, São Paulo,Companhia das Letras.1993. pag.:12).”

Através do trecho acima, fica bem explicito todo o trabalho técnico e elaborado pelo império de possuir uma população com a cor da pele branca. E que seria uma questão de tempo para conseguir essa meta. A palavra depurar, significa nesse contexto, limpar, como se a pele escura fosse contaminada e a branca, clara e livre de impurezas.

A seguir mais um trecho sobre a tentativa de branqueamento, tratado na obra de Lilia Moritz Schwarcz:

“Nesse como em outros casos, a mestiçagem existente no Brasil não só era descrita como adjetivada, constituindo uma pista para explicar o atraso ou uma possível inviabilidade da nação.(SCHWARCZ,1993 pagina. 13).”

Mais uma vez, ocorre no trecho acima, a desvalorização do negro, e ainda mais evidente torna-se a visão racista da época que acreditava ser culpa dos negros o atraso econômico e cultural do país. A segregação a superioridade que os brancos de origem europeia possuíam era pautado pelas leis imperiais da época, posteriormente após a Abolição da Escravatura em 1888, a mentalidade da população permanecia racista.

A seguir outro trecho de Lilia Moritz:

“A partir de então o que estava em jogo era não apenas a construção de um novo regime político [...] Outras questões estratégicas aparecem como que misturadas na mesma ebulição social. O problema da desmontagem do sistema escravocrata, com seus avanços e recuos, a partir de 70, torna-se um fato irrevogável. Afinal, em 1871 é promulgada a Lei do Ventre Livre, que, apesar de seu caráter moderado, punha um ponto final nesse sistema de trabalho, a essa altura condenado pelas demais nações. É a partir desse momento também, com o sistema de produção ainda dependente da mão de obra passa a figurar no centro das discussões. Datam dessa época os primeiros debates e experiências com trabalhadores estrangeiros, sobre tudo europeus, entendidos nesse momento como os grandes substitutos diante do iminente final da escravidão. (SCHWARCZ,1993 pagina:27).”

O contexto social da época não deve de forma alguma ser contestado, e sim, analisado para que possamos verificar as consequências de tamanhos acontecimentos em nossa contemporaneidade, através do trecho acima de Lilia M. Schwarcz, verificamos o quanto era almejada a vinda dos europeus para substituir a mão de obra escrava, com o intuito de fazer a economia evoluir e girar, isso na opinião dos cientistas e intelectuais da época.

E para concluir essa parte vejamos a importância da Sociologia no contexto em que o mundo necessitava da ciência sociológica para empoderar a luta pelo humanismo e igualdade entre as raças. Vamos ao trecho a seguir:

“E. Durkheim, em A Divisão do Trabalho Social (1893) e Das Regras do método sociológico (1895), como que inaugura na França a sociologia ao reivindicar para essa disciplina autonomia e especificidade dentre as demais ciências. O social não era mais entendido como a soma dos indivíduos, e os fatos sociais seriam estudados como “coisas”, “exteriores e coercitivas”, por tanto, passíveis de uma análise científica em moldes sociológicos. A partir de Durkheim ocorria, pois, uma quebra, com o determinismo extra social, já que a “coisa social”, só seria explicada pela própria dinâmica social. (SCHWARCZ,1993 pagina:29).”

A Sociologia reconhecida e constituída por E. Durkheim proporciona e fornece ao mundo intelectual mundial, mais uma metodologia para analisar a sociedade de forma distinta da Antropologia e até da História, mas a mesma complementa ambas as ciências, no que se refere a temáticas como o racismo e a igualdade de gênero posteriormente. Proporcionando a análise e a verificação da tentativa de manutenção do sistema hierarquizado escravista no Brasil, como a autora Lilian, enfim, afirma a seguir:

“No caso brasileiro, a “ciência” que chega ao país em finais do século não é tanto uma ciência do tipo experimental, ou a ciência de Durkheim ou de Weber. O que aqui se consome são modelos evolucionistas e social – darwinistas originalmente popularizados enquanto justificativas teóricas de práticas imperialistas de dominação.(SCHWARCZ,1993 pagina:30).”

Embora ocorresse tamanha discriminação por parte da sociedade o negro sempre conseguiu manter sua cultura e identidade viva através de hábitos e costumes que eram praticados no continente africano.

Inclusive as peculiaridades de cada região brasileira é de fato fruto dessas interações culturais, a linguagem é um grande exemplo da tamanha diversidade cultural

de nosso país, pois, os sotaques identificam a origem da pessoa se a mesma é do Rio Grande do Sul ou da Bahia, e mesmo assim o idioma continua sendo o português.

Na região norte do Rio Grande do Sul os imigrantes italianos e alemães formaram cidades como Caxias do Sul e Bento Gonçalves em que a agricultura é forte, com a manutenção e fortalecimento das tradições religiosas e culturais oriundas de seus respectivos países.

Já a região Sul do Estado recebeu muitos portugueses e espanhóis, como também alemães, italianos, açorianos, árabes, e turcos. Sempre se destacou com o comércio e a industrialização como também e principalmente pela navegação e posteriormente pelo porto.

Mas acima de tudo o povo negro teve forte participação na formação do estado do Rio Grande do Sul e da cidade do Rio Grande, nas construções de prédios casas, bairros, ou seja, na economia a participação do negro através da mão de obra dos mesmos era fundamental, pois eles trabalhavam fazendo o serviço pesado, não trabalhavam somente nas fazendas, mas também na construção de estradas, ferrovias abertura de caminhos nas florestas.

Atualmente, devemos (professores) mencionar a importância da participação do negro em todas as etapas de construção de monumentos, de que os mesmos construíram os mesmos, e não somente que os europeus supervisionaram, idealizaram, além disso, chamar a atenção dos jovens estudantes que os negros tinham conhecimento e sabiam construir esses prédios que hoje são patrimônios culturais que estão diante de nós em nossa comunidade.

No que se refere aos povos indígenas, podemos citar o povo Guarani, que também resistiu e ainda segue na luta pela preservação de sua identidade.

Um trecho do livro *A defesa do modo de ser guarani: O caso de Caaró e Pirapó em 1628*, da autora Ezeula Lima de Quadros, nos mostra um pouco da resistência desse povo originário:

“Os Guarani, por sua vez, eram portadores de uma identidade étnica que os caracterizava, definia, identificava e diferenciava de outros grupos, quanto a seu modo de ser, pensar, agir e organizar-se material e espiritualmente”. Possuíam, por tanto, comportamentos e práticas culturais que lhes eram próprios. Seu *nãnde reko* lhes dava identidade cultural e étnica através de aspectos como a língua, os costumes, as formas de organizar a economia, a sociedade, as relações políticas e de poder, as crenças e a vida religiosa. Os guarani ao se tornarem objeto da ação evangelizadora e reducional, aceitaram, assimilaram ou incorporaram, parcialmente, alguns elementos da cultura cristã. Isso ocorreu, geralmente, quando os novos elementos culturais atendiam aos interesses indígenas ou não se chocavam com estes. Ao mesmo tempo, quando as inovações divergiam ou se contrapunham aos seus costumes e crenças, os índios apresentaram reações contra- aculturativas. Nesse sentido, as maiores reações e conflitos deram-se na medida em que as imposições contrariavam o seu modo de ser e, principalmente, quando afetavam posições estabelecidas, como as dos caciques e xamãs, ou quando influíam em aspectos tradicionais de sua cultura. No universo cultural dos guarani, suas ações e reações fundamentavam-se em motivações que se encontravam tanto em nível consciente como inconsciente. Ao mesmo tempo que visavam concretizar interesses e objetivos, como obter segurança e vantagens materiais junto aos padres, buscavam preservar as estruturas sociais e culturais que embaçavam suas ações, opções e comportamentos. Isso ocorria no nível mais mental ou inconsciente que envolvia as representações, as heranças culturais e as atitudes essenciais ao próprio viver e sobreviver indígena. Assim, em nível de inconsciente coletivo, a identidade Guarani, da mesma forma que evidencia sua identidade, pode lhes caracterizar e explicar suas reações. As reações indígenas deram-se em relação a diferenciadas realidades de interação, evidenciando-se nos choques de interesses com as outras tribos, com os conquistadores espanhóis e com os religiosos, ou quando, mesmo tendo aceitado reduzir-se, persistiam em manter o seu modo de ser Guarani. Nos registros e relatos sobre a história das missões jesuíticas na América espanhola, pode-se, de forma explícita ou implícita, encontrar fatos e acontecimentos que atestam a reação dos índios as transformações que lhes eram impostas pelos inicianos. Tais reações são confirmadas nas referências feitas as revoltas, aos enfrentamentos e, em casos extremos, ao assassinato de vários jesuítas. Ao mesmo tempo, outras reações menos evidentes ou visíveis também foram constantes. Estas estiveram presentes nas atitudes indígenas, ou na falta destas, quando os índios persistiam em seus hábitos, calavam-se frente aos jesuítas, teimavam ou simulavam comportamentos que pudessem agradar aos padres. Entre as teimosias e simulações, inclui-se a aparente adaptação a cerimoniais cristãs, aos cantos e representações religiosas, quando, ao mesmo tempo, continuavam com suas

crenças e rituais, praticando-os de forma escondida, longe dos missionários, ou incorporados aos ritos cristãos. Os indígenas, ao defenderem a permanência de suas crenças e costumes, buscavam, ao mesmo tempo, sua própria sobrevivência e a liberdade de viver segundo suas tradições e valores, mantendo, assim, sua identidade cultural. Dessa forma, ao persistirem em suas antigas usanças e ao defenderem o seu modo de ser, o gentil se opunha ao almejado pelos jesuítas, que queriam mudar, transformar ou substituir os valores da cultura destes. Isso criou um descompasso entre o desejado e o recebido e fez com que as modificações impostas a vida do índio não fossem aceitas pacificamente por todos e que, em face disto, ocorressem as atitudes de rebeldia.” (QUADROS, página 160 até 161).

Ao ler esse trecho acima de Ezeula Quadros, fica claro tamanha luta tanto do povo originário Guarani em preservar suas raízes e identidade assim como os demais povos indígenas de nosso país. Leis que zelem pela manutenção dessas identidades são imprescindíveis para que os jovens que estão no ensino regular tenham acesso a esses fatos históricos que justificam as cotas raciais para os indígenas que desejam frequentar o ensino superior em nosso país.

Quando os educandos tem essa informação e esse saber, estão empoderados para defender ou discordar de questões que envolvam a política de cotas. Ninguém é obrigado a concordar piamente, porém, para discordar primeiramente é necessário conhecer o problema social desde a sua origem, que nesse caso advém desde a invasão do Brasil.

Cabe ao professor mediador apresentar a História oficial como também a história que narra a versão indígena para que os educandos tirem suas próprias conclusões. Isso faz com que os estudantes sejam autônomos da sua própria opinião. Essa é a função da teoria da Educação Histórica. Apresentar documentos oficiais para que ocorra a reflexão e após a dialética por parte dos estudantes.

1.3. A importância da Religiosidade Afro Brasileira e indígena e da Capoeira como forma de Resistência ao preconceito e a opressão.

Certamente a religiosidade brasileira é uma das características mais fortes na sociedade brasileira, a influência da Igreja Católica Apostólica Romana, advém desde o Brasil Colônia até nossa contemporaneidade. Mas outras religiões como o Islamismo, Judaísmo e posteriormente o Espiritismo fizeram e fazem parte da história do Brasil .

Quando falamos de religiosidade Afro- brasileira estamos nos referindo às irmandades que resistiram e resistem ao preconceito e a opressão.

Durante o período escravocrata negros de vários povos originários da África integravam-se a irmandades e constituíram irmandades que formavam nações de candomblé. Como nos diz a seguir Milton Santos:

“Os diversos povos africanos desembarcados no Brasil para trabalhar nos engenhos de produção de açúcar, nas lavouras de café, fumo, algodão, nas minas de extração de ouro, etc., trouxeram consigo seus costumes, línguas, valores, deuses e crenças. Diante das contingências que viriam daí por diante, foram obrigados a negociar com os poderes dominantes (Igreja e senhores de escravos) e a dialogar com as culturas indígenas da nova terra. Forçados à diáspora migratória, que os conduziu ao desconhecido Novo Mundo, encontraram, ainda assim, estratégias para aproximar suas divindades e reelaborar seus mitos, ritos e sistemas religiosos. (SANTOS, Milton Silva. Algumas notas sobre as categorias da sexualidade dos deuses, homens e mulheres no candomblé nagô-ketu. Debates do NER, Núcleo de Estudos da Religião, URGs, Porto Alegre, II,n. 17, pp. 147 – 161, jan./ jun. 2010).”

No Rio Grande do Sul eram conhecidos como batuques, já em outras regiões como candomblé, o intuito era fortalecer a identidade do grupo e o companheirismo em momentos de dificuldade como falecimentos, arrecadação de roupas e de comida.

Milton Santos também destaca as misturas e intercâmbios culturais que ocorrem em todas as religiões:

“É importante assinalar que misturas, identificações e intercâmbios são frequentes nas religiões afro-brasileiras e constituintes delas. Não só as africanas, mas todas as religiões são instituições dinâmicas que se transformam de acordo com as circunstâncias socioculturais advindas de fora. Se fossem incapazes de rever ou mesmo abandonar o passado, elas poderiam desaparecer completamente, deixando, quando muito, um mero vestígio histórico e arqueológico. (SANTOS, Milton, 2010).”

Com o surgimento da Umbanda que tem a influência do Catolicismo e do Espiritismo do francês, Allan Kardec, com tradições Indígenas., iniciou-se a história de uma religião brasileira. A Umbanda é brasileira, e no século XX no Rio de Janeiro a mesma iniciou seus trabalhos com o propósito de trabalhar com seres de luz, espíritos de pessoas que já tinham vivido em nosso plano terrestre, subdivididos em falanges vibratórias com o intuito de auxiliar seus visitantes com conselhos e a curar a alma e as doenças através de ervas, e a encaminhar as pessoas aos médicos da terra quando se tratar de uma doença grave.

Os integrantes eram negros crioulos, mulatos e até filhos de imigrantes de todas as classes.

Como Milton Santos nos afirma a seguir:

“A partir do princípio da igualdade determinado pela Constituição Brasileira de 1988, essas religiões, outrora praticadas por negros, mestiços e brancos pobres, mudaram de feição, sendo que suas fronteiras nacionais, culturais, étnico raciais e sociais foram ultrapassadas há muito tempo. Tanto o candomblé quanto a umbanda, por exemplo, já desembarcaram nos países do Mercosul (Uruguai e Argentina), da Europa, inclusive na terra de Camões, e são praticados por adeptos de múltiplas nacionalidades e classes sociais. (SANTOS, Milton, 2010).”

Sobre outras tradições vindas com os negros, podemos destacar a Capoeira foi uma forma de resistência contra a opressão, e ainda hoje é uma das formas de afirmação de identidade dos descendentes dos negros africanos que aqui chegaram.

No Batuque, inclusive existem entidades que se apresentam como capoeiristas que viveram durante a escravidão, em falanges de marinheiros ou pretos velhos.

A religiosidade Afro-brasileira e principalmente, os seus membros sofrem muito preconceito ao se declararem umbandistas ou batuqueiros, devido a marginalização da religião, em que muitas vezes pessoas integrantes de grupos Pentecostais, mal informados acusam os espíritas ou macumbeiros, umbandistas de adorarem o “Demônio”, que na verdade é Exu, divindade africana.

Na umbanda é entendida muitas vezes erroneamente como sendo do mal, quando na verdade são entidades responsáveis entre outras coisas pela guarda dos territórios como encruzilhadas que na verdade são portais, locais de energia cósmica, cemitérios, ou seja, que são o local de ligação entre a vida terrena e a vida espiritual.

Rubens Saraceni discorre a seguir:

“Exu é o guardião das Passagens e Porteiras que existem em nosso mundo visível, protegendo para que não adentrem em nosso ambiente as influências negativas. Sua característica mais marcante é a de transmissor da fertilidade e da fecundação. Caminha no tempo e espaço, com tranquilidade, abrindo nossos caminhos. Difícil falar de Exu sem comentar a controversa face do mal que se formou no imaginário popular. Outro ponto bastante discutível é se ele é um Orixá ou apenas uma entidade representativa do ser humano. Mas Exu é muito mais que isso; tanto pode se apresentar no mundo visível que conhecemos, como também no mundo dos Orixás, Entidades e Espíritos dos mortos. Exus, são entidades muito poderosas, mas qualquer um que se utilize de sua vibração, deve tomar sempre muito cuidado, pra não causar desequilíbrio energético. Ele é o mensageiro, aquele que leva ossos pedidos até os Orixás. Na época da Escravidão, os negros dançavam nas Senzalas e os brancos entendiam como uma simples saudação aos seus deuses. Mas ali, incorporavam seus Exus, que som seu jeito de se movimentar e gritar, acabavam por assustá-los. Estes, os brancos acabavam por agredir os médiuns, dizendo que estavam possuídos pelo demônio. Com o tempo, os brancos conheceram melhor a religiosidade africana, e sabiam das entregas feitas a Exu,

confirmando em sua visão deturpada, a incorporação do demônio. Dessa forma essas e outras incorporações mal interpretadas foram se inserindo na mentalidade do povo. Tudo isso não passa de uma grande e injusta mentira, que hoje, graças a evolução, esta sendo derrubada, fazendo com que muitos conheçam sua verdadeira função e atividade, que é a de guardião e controlador da Criação e do Universo é através do Exu que nós, seres humanos, conseguimos exercer nosso livre arbítrio, falando diretamente de nosso coração. (Revista Espiritual de Umbanda, Edição especial I, Ano I, Editora Escala, Sábado 15 de Outubro de 2011).”

Milton Santos afirma a seguir:

“Ainda que muitas mudanças tenham ocorrido nas últimas décadas, mesmo hoje é possível se deparar com uma série de preconceitos que põem em risco a seriedade das religiões afro-brasileiras. Leigos se põem a falar delas sem conhecê-las minimamente. Recorrem a surrados estereótipos que além de reforçar preconceitos, não têm validade sociológica, antropológica e contextualização histórica. Sempre depreciativo, o preconceito estigmatiza pessoas e grupos sociais, cristaliza crenças e clichês, provocando generalizações errôneas e apressadas, como aquelas proferidas por um pedestre interpelado na Paulista, a mais badalada entre todas as avenidas de São Paulo. Um estudante de jornalismo perguntou-lhe; “ O que é candomblé?”. Sem vacilar, respondeu; “ É coisa ruim, que leva as pessoas pra trás; se fosse boa, se chamaria boacumba, lembra galinha preta. (SANTOS, Milton, 2010).”

Por pura falta de conhecimento, não compreendem o modo e as origens das religiões afro brasileiras, que pregam a paz, a irmandade e o respeito ao próximo, principalmente por se tratar de grupos de pessoas que foram retiradas a força de seu continente e trazidos para serem meros objetos de comércio e trabalho, porém, a espiritualidade dos mesmos é muito forte, e tradicional devido a união que os mesmos desenvolvem.

Filhos de santo são irmãos de alma, todos se tratam como irmãos, formam uma família, são amigos, e acreditam em epifanias, manifestações de espíritos ancestrais, que incorporam em médiuns para prestar conselhos e caridade.

Em uma terreira de Umbanda ou de Candomblé todos são iguais, as únicas diferenças são dos médiuns que inclusive dependendo da formação espiritual podem ser

Pai e Mãe de Santo ou Baba orixás e Ia orixás no Candomblé. Mas o primordial é a preservação de hábitos e costumes religiosos que estão mantidos e que inclusive continuam sendo passado para as novas gerações através da oralidade, memória e prática no cotidiano.

Milton Santos encerra sua fala afirmando a seguir:

“Apesar das atrocidades da escravidão, elas asseguraram a permanência de uma ancestralidade africana milagrosamente preservada e reelaborada graças à memória coletiva de homens e mulheres, de escravos e libertos. Ancestralidade portadora de um passado simultaneamente mítico e histórico rememorando, por exemplo, no xirê de candomblé, festa pública que , além de celebrar os deuses afro- brasileiros, reúne todos aqueles que estejam abertos e dispostos a se juntar à “ roda da alegria”. (SANTOS, Milton, 2010).

1.4. O ensino de Valores e a importância da aplicação da Lei 11645 de 2008 nas escolas públicas de Raio Grande- RS.

Sempre quando estudamos conteúdos sobre África ou país africano não por mera coincidência faz menção ao período escravocrata, porém, sempre nos esquecemos de que nossas opiniões sobre o tema sofrem influencia de leituras e opiniões de outras pessoas que interagem conosco durante a nossa vida.

Mas Historicamente, sabemos que é fácil subjugar e inferiorizar a cultura dos negros, e dificilmente alguém contesta a cultura do europeu.

Mia Couto discorre sobre essa temática a seguir:

“Aconteceu, num debate, num país europeu. Da assistência, alguém me lançou a seguinte pergunta:
- Para si, o que é ser africano?
Falava-se, inevitavelmente, de identidade versus globalização.
Respondi com uma pergunta:
- E para si, o que é ser europeu.
O homem gaguejou. Não sabia responder. Mas o interessante é que , para ele, a questão da definição de uma identidade se

colocava naturalmente para os africanos. Nunca para os europeus. Ele nunca tinha colocado a questão ao espelho. (COUTO, Mia. Prefácio. HERNANDES, Leila Leite. A África na sala de aula. Visita à história contemporânea. 4ª edição. São Paulo. 2008).”

A interação entre as várias etnias que formaram nossa nação durante a história do Brasil é inquestionável, cada região e estado possui suas distinções e peculiaridades culturais próprias de sua localização geográfica.

Devido á esses motivos é evidente a mistura de hábitos e costumes dos sujeitos históricos que chegaram no nosso estado gaúcho. Quantas festas com temáticas culturais e folclóricas temos no Rio Grande do Sul? FENADOCE em Pelotas, a Festa do Mar em Rio Grande, como também a Festa da Uva em Caxias do Sul, e finalmente a Festa Internacional do Folclore realizada em Passo Fundo- RS.

São exemplo da tamanha reafirmação da identidade cultural, por parte das comunidades citadas acima, se pararmos para pensar a História é feita por pessoas, por sujeitos históricos, que através de seus costumes do dia a dia, criaram um característica que identifica um povo, por exemplo, quantos doces feitos por escravas nas fazendas de Pelotas ficaram famosos e são feitos até hoje? A FENADOCE em Pelotas- RS é uma festa que além trazer shows e vender doce, também conta através de suas bancas a história de cada doce e como os mesmos eram feitos e por quem.

Não podemos esquecer que a interação ocorre por comunicação, a fala o modo como o gaúcho pronuncia as palavras a fonética explicada através da Linguística e a Fonologia também nos mostra o quanto ocorreu e ainda ocorre a interação de culturas.

Enfim, certamente se formos estudar a culinária a vestimenta, a musicalidade, etc... Conseguiremos ver cada vez mais a interação de culturas e etnias em nossa contemporaneidade e do quanto foi e é importante não inferiorizar nenhuma cultura. É

fundamental enaltecer a nossa cultura riograndina como também a cultura de nosso estado gaúcho como um todo.

No que se refere à Cultura e Valores recorremos à Sociologia, pois, a diversidade, o comportamento humano é seu objeto de pesquisa, pois trata das distinções e especificidades dos costumes e hábitos de um povo em sua região, ou seja, trata de cultura que se subdivide em várias outras culturas em nosso vasto território brasileiro e mundial.

Conforme Anthony Giddens, podemos entender o que é Sociologia:

“A Sociologia é o estudo da vida social humana, dos grupos e das sociedades. É um empreendimento fascinante e irresistível, já que seu objeto de estudo é nosso próprio comportamento como seres sociais. A abrangência do estudo sociológico é extremamente vasta, incluindo desde a análise de encontros ocasionais entre indivíduos na rua até a investigações de processos sociais globais.”

Tratar sobre cultura exige das pessoas em geral ter a noção do diferente, muito mais do que isso, aceitar que as diferenças existem. Dessa forma, as pessoas estarão praticando a tolerância. O filósofo Descartes que deixou uma das frases mais marcantes de todos os tempos disse: “*Penso logo existo*”.

Certamente, essa frase é fascinante devido a conclusão de que existe a constatação de que a mente controla o corpo, o importante é o mental o racional, já o corpo é meramente uma matéria que nos faz existir biologicamente e fisicamente.

No mundo Ocidental, a Racionalidade fundamenta todas as Ciências, é necessário por parte dos educadores e pesquisadores saber apresentar aos educandos todas as opiniões e pontos de vista possíveis sobre um determinado tema, sendo o mesmo polêmico ou não, a racionalidade existe e determina até a diferença entre o trabalho do Psicólogo (que trabalha com a mente) e do Psiquiatra (que trabalha com o corpo, pois, receita medicamentos).

Dessa forma, a cultura é mais que um conceito, ou uma palavra, significa a marca ou os hábitos de um povo ou um grupo, simbolizada através das estruturas sociais, como Anthony Giddens nos explica a seguir:

“O conceito de “estrutura social” é importante na sociologia. Ele se refere ao fato de que os contextos sociais de nossas vidas não consistem apenas em conjuntos aleatórios de eventos ou ações; eles são estruturados ou padronizados de formas distintas. Há regularidades nos modos como nos comportamos e nos relacionamentos que temos uns com os outros. Mas a estrutura social não é como uma estrutura física, como um edifício que existe independentemente das ações humanas. As sociedades humanas estão sempre em processo de estruturação. Elas são reestruturadas a todo o momento pelos próprios “blocos de construção” que as compõem – os seres humanos como você e eu. (GIDDENS, 2005, pág.26).”

Dessa forma, ao abordar o conceito cultura em sala de aula, exige tanto do professor quanto dos estudantes a reflexão sobre vários aspectos da vida cotidiana em coletividade e não somente ao grupo familiar. Abordar a cultura Afro- brasileira é olhar para o passado, o contexto histórico da época e verificar como os sujeitos históricos e sociais comportavam-se, e como ocorria a interação de ambas as etnias em determinado momento, seja na escravatura, na republica ou em nossa contemporaneidade.

No que se refere ao educador de História, fica claro o quanto é imprescindível, saber analisar certas teorias, pois em cada ideologia existe a intencionalidade, falar em racionalidade, na precisão dos fatos e das ciências é falar também sobre refutações que colaboram para o desenvolvimento da evolução humana, um exemplo foi da inferioridade do negro, que era confirmada por pesquisas científicas que afirmavam a superioridade intelectual e física dos brancos sobre os africanos, como nos diz Leila Hernandez a seguir:

“Os africanos são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas baseadas em certa noção de raça negra. Assim sendo, o termo “africano”, ganha um significado preciso: negro, ao qual se atribui um amplo espectro de significações negativas tais como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo. (HERNANDEZ, Leila Maria

Inevitavelmente, essas teorias racistas de Diderot, Voltaire, Buffon e Kant foram refutadas e constatou-se de que o termo raça, não é o correto, e sim etnias, raça só existe o Homo Sapiens Sapiens (Aquele que sabe e sabe), ou seja, a raça humana, sendo assim, somos todos iguais biologicamente, fisiologicamente, e intelectualmente.

Mesmo em pleno século XXI os negros, ainda sofrem preconceito devido aos resquícios de ideologias racistas oriundas do passado recente, afinal é um pouco mais de um século que nos separam temporalmente do fim da escravidão em nosso país. Cabe a toda sociedade combater todo e qualquer tipo de preconceito, e principalmente em instituições feitas e planejadas para o diálogo, as escolas, por isso a importância das escolas públicas serem laicas, somente assim todos os assuntos podem ser discutidos em sala de aula, afinal, é um espaço feito com o intuito de conceder espaço e voz a todos os povos e suas culturas, é chegado o momento de dar voz e mostrar de forma a enaltecer a cultura do negro e do indígena em nossas aulas de história para desconstruir a imagem negativa da cultura dos povos negros e indígenas tanto no passado quanto em nossa contemporaneidade.

Cultura nada mais é do que o conjunto de hábitos e costumes de um povo, são as expressões artísticas de uma etnia, um exemplo é a Capoeira que pode ser chamada tanto de uma dança ou quanto um esporte. Já para os historiadores, a Capoeira é considerada uma forma de resistência contra o sistema escravista como também uma das formas mais eficazes de afirmar a identidade e tradição cultural de vários povos originários da África que desembarcaram em território brasileiro.

Embora já saibamos que o aspecto social e indenitário contribua para a construção das características de uma cultura, vivemos atualmente um desequilíbrio

temporal, ou seja, as novas gerações estão se acostumando a viver somente o agora, o presente, sendo submetidos a todo tipo de informação através da internet, com isso, os adolescentes obtém conhecimento superficial sobre várias temáticas e problemáticas, é a famosa frase dos professores nas escolas: “ sabem sobre tudo , mas não aprofundam seu conhecimento sobre um assunto”.

Os educandos, principalmente na fase escolar, estão formando suas personalidades, seu temperamento, estão procurando seu grupo, através da afinidade que os mesmos possuem. Mas ao mesmo tempo, não vivenciam certas experiências não desenvolvem certas habilidades e responsabilidades que pessoas de outros contextos históricos vivenciaram.

Nesse momento ocorre a ansiedade e a preocupação dos mesmos em ter que fazer escolhas, naturalmente isso ocorre como todos nós, mas ser adolescente negro , indígena, ou então um branco ou pardo sem poder aquisitivo com problemas de drogas licitas e ilícitas na família, contribui para um conflito interno. A partir desse momento começam os questionamentos as rebeldias e até a desistência da vida escolar.

Como o professor deve lidar com a evasão escolar, e o melhor como o professor de história pode tentar impedir e contribuir para a diminuição da evasão escolar? Simplesmente mostrando aos alunos a superação que outros sujeitos históricos viveram em outras épocas. Afinal todo o educador não deve jamais se constranger em ser chamado de revolucionário, pois todo o revolucionário deseja a mudança em prol da melhora das condições de vida humana.

Discorrer sobre identidade e diversidade é fundamental, pois está intrinsecamente ligado a Cultura, ao social, como nos diz a seguir Bhabha:

“Compreender as identidades de etnia, sexualidade, gênero e profissionais, parece muito exigir desta arte do presente. A identidade tem um enraizamento temporal muito forte, há o aspecto histórico, mas há também o momento de trânsito em que espaço e tempo se entrecruzam e a compactação dá a sensação

de desorientação. Por isso , talvez, a definição de professor revolucionário. Isto o coloca num movimento exploratório incessante e sombreia os aspectos institucionais e organizatórios. As estratégias historicamente validadas e básicas entram no jogo das cadeiras, jogo jogado para valer em tempos de globalização, dando a impressão de que , os lugares são disputados , todos os dias , em todas as salas de aula, por todos os alunos, instituições , e por todos os atores sociais. Bhabha nos adverte que o intercâmbio de valores, significados e propriedades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico , podendo ser profundamente , antagônico, conflituoso e até imensurável. (BHABHA, Homi. O local da Cultura. Tradução de Myriam Ávila et al.,3º. Reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005).”

Obviamente, cabe ao educador estar ciente de que embasado por uma teoria e metodologia, poderá verificar o perfil da turma em questão para poder planejar uma aula em que se torne possível a participação positiva com conteúdo por parte dos educandos, o educador é um mero orientador, é ele que apresentará os conteúdos históricos e realizará um trabalho de orientação, o meio entre o ensino e a aprendizagem histórico, o saber histórico dos educandos.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Falar em Democracia é dialogar sobre todos esses problemas que assolam nosso país, falar desses problemas também é questão de ser um cidadão consciente que está a par do que ocorre na sua comunidade. Esse tipo de consciência pode ser denominada consciência histórica, pois, o indivíduo que consegue identificar as origens dos problemas historicamente colocados e os liga à atualidade, possui a habilidade de reflexão histórica e noção de Cidadania.

Certamente a cidadania ainda está em construção, pois, é necessário que as pessoas obtenham moradia, acesso a educação, um sistema de saúde de qualidade e eficaz segurança e principalmente compromisso para com a comunidade, porque ao

mesmo tempo em que necessitamos de direitos, temos que respeitar o próximo, saber viver em comunidade, cada um fazendo sua função, não se deixando corromper por poder ou dinheiro, ou seja, realizando nossos deveres com ética para sermos respeitados.

Podemos concluir então, que o professor deve se comprometer com a organização e o planejamento de suas aulas conforme os PCN's e a lei 11645/2008 exigem, de forma a realizar aulas que visem a participação dos educandos, de maneira a fazê-los refletir e desenvolver o senso de autonomia para que posteriormente construa seu saber histórico, mas para isso, os educandos devem saber a importância e relevância da Diversidade cultural, pois a mesma interage com Cultura, Patrimônio e Identidade, como nos descreve a seguir Circe Bittencourt:

“As mudanças curriculares devem atender a uma articulação entre fundamentos conceituais históricos, provenientes da ciência de referência, e as transformações pelas quais a sociedade tem passado, em especial as que se referem às novas gerações. Diversidade cultural, problemas de identidade social e questões sobre as formas de apreensão e domínio das informações impostas pelos jovens formados pela mídia, com novas perspectivas e formas de comunicação, têm provocado mudanças no ato de conhecer e aprender o social.(BITTENCOURT, 1992: 35).”

É fundamental a construção do saber histórico por parte dos educandos nas escolas, que são espaço de diálogo e por tanto servem para tratar sobre todos os tipos de assunto, mas a diferença é que para os estudantes adquirirem consciência histórica, noção de pertencimento histórico e por fim conseguir fazer relações temporais é necessário que o educador estimule seus educandos a refletirem e realizar confrontos de ideias, ou seja, sempre se questionarem, não admitir somente uma narrativa sobre uma temática. Um exemplo muito recorrente é sobre o preconceito, será mesmo que a mulher loira sofre mais preconceito do que a mulher negra?

Será que de fato é irrefutável o preconceito contra a mulher que recebe menos que o homem ou é a mulher que recebe um salário maior que o seu cônjuge que sofre mais ? E o cônjuge dessa mulher não sofre preconceito entre os amigos por ganhar um salário menor do que de sua esposa? Será que a atual geração de adolescentes denominadas “neném” , ou seja, que não estão preocupados com o seu futuro, será realmente que são todos os adolescentes dessa geração que não tem foco? Podemos generalizar?

Esses exemplos citados acima são simplistas, porém, são a demonstração de um educador que provoca, que traz os educandos para a roda de conversa, que os torna o centro da aula, sujeitos atuantes que passam a refletir e a responder, a processar o conhecimento de maneira dialética.

Dessa maneira debatendo sobre vários pontos de um conteúdo, e tratando de assuntos atuais com significado, com realismo e de forma a aproximar os educandos de épocas passadas e principalmente de pessoas de épocas passadas que viveram em um contexto histórico diferente do nosso atual, as propostas da Educação Histórica se apresentam.

Evidentemente, construir o saber histórico é difícil tanto para o educador quanto para os educandos, devido ao tempo que se gasta com planejamento e organização, e principalmente com a imaginação e criatividade do educador, sim, planejar aula com o intuito de trabalhar o saber histórico necessita do professor criatividade e desacomodação. Somente através de uma aula bem planejada e pensada para o perfil de cada turma, é que o trabalho e os objetivos que o educador almeja serão alcançados.

Enfim, a importância está em formar educandos com personalidade e autonomia, para isso os mesmos devem estar aptos para refletir e agir em suas comunidade, mas isso só irá ocorrer de fato se o indivíduo conseguir escrever, fazer operações aritméticas,

saber realizar contas, e principalmente interpretar, raciocinar politicamente e historicamente. Assim como as disciplinas de Matemática e Português são essenciais, a História também é primordial para o raciocínio de todos nós.

E principalmente, a construção e noção de pertencimento histórico facilita a noção de identidade no que se refere aos educandos negros, os mesmos aprenderão conjuntamente com os demais colegas de que os negros não são inferiores, e que seus ancestrais na verdade não foram vítimas mas sim pessoas de brio que jamais deixaram de resistir a opressão e a preservar sua cultura; como nos diz Circe Bittencourt neste trecho a seguir:

“[...] um dos objetivos centrais do ensino de história na atualidade relaciona-se à sua contribuição na constituição de identidades. A identidade nacional, nessa perspectiva, é uma das identidades a ser constituída pela história escolar, mas por outro lado, enfrenta o desafio de ser entendida em suas relações com o local e o mundial, por tanto a constituição das identidades está totalmente relacionada com a questão da cidadania, que é um problema essencial na atualidade brasileira. Nesses aspectos discutidos e tendo como fundamento todo o debate teórico intrínseco nos PCNs, é que devemos repensar a questão de como os professores e professoras irão trabalhar com esse material, principalmente, pelo fato de que muitas vezes a realidade encontrada nas escolas dificulta-lhes muito o trabalho.(BITTENCOURT, 1992: 35).”

As escolas, conforme Circe Bittencourt, têm dentre vários desafios para trabalharem as identidades, todas sem exceção, e a Lei 11645/2008 nos ensina como trabalhar na prática, entre vários conceitos a Igualdade e o Respeito entre nossos semelhantes, principalmente em um momento em que as dificuldades são muitas, encontradas em nosso cotidiano no Brasil e no mundo e em vários setores, o preconceito religioso, sexual e étnico, como também a violência contra as mulheres e a luta dos povos indígenas pelas suas terras e constantes confrontos com os madeireiros. São Assuntos que jamais devem ser deixados de serem abordados em sala de aula, porque as escolas são laicas e devem fornecer acesso a todo e qualquer tipo de conhecimento.

Mesmo com alguns retrocessos como a redução da maior idade penal, pois o governo não concede um sistema prisional de qualidade e eficácia, que tenha um planejamento de reeducar os menores infratores ou os condenados a voltarem para o convívio social, um planejamento que realmente conceda formação qualificada, para que os mesmos saiam com uma profissão e aptos a trabalhar. Todos sabemos o quanto o comércio em geral não emprega ex presidiários.

Pessoas que possuem a ficha suja no sistema penal ou policial, encontram dificuldades de possuírem carteira assinada. Sabemos também que a maioria de jovens que são presos e condenados são negros, e de classe média baixa ou em extrema pobreza.

Por esses motivos realmente foi um retrocesso tamanho, pois se querem diminuir a idade penal o congresso deveria fornecer um sistemas carcerário de primeiro mundo, é inadmissível jovens com 16 anos responderem por crimes como adultos, e fora que moças de 16 anos serão maiores correm o risco de sofrerem abusos como estupro bem mais cedo, nesse aspecto jovens negras infelizmente são abusadas, está em todos os telejornais possíveis e redes sociais para todos nós vermos e geralmente a jovem a mulher em geral é culpada, enquanto sabemos que é o inverso a mesma é a vítima.

Podemos verificar no terecho de Azelene Kaingang militante pelos direitos das mulheres e das mulheres indígenas a mesma discorre em seu artigo “Depoimento de uma Militante” questões em que a mulher aparece ora em destaque ou em segundo plano, mas mesmo assim a mulher indígena consegue ocupar seu lugar de respeito e direito através de muita luta, como vemos a seguir:

“ No caso dos povos Jês, os homens tem o poder formal, porque somos povos patrilineares (quem dá a identidade ao filho é o pai). No caso dos Tupis, quem tem o poder, pelo menos historicamente, são as mulheres, porque eles são matrilineares (quem dá a identidade aos filhos é a mãe). Isso acontece de forma muito natural no cotidiano das comunidades e todos sabem, mas quase ninguém comenta.” (Kaingang pagina 411, Nova História das Mulheres no Brasil).

Conforme Kaigang, a sociedade ainda é patriarcal em vários povos indígenas, porém, as mulheres indígenas estão conquistando espaço e voz nessas comunidades.

E a mesma continua a seguir:

“A luta contra a violência que afeta as mulheres indígenas no interior das suas comunidades é constante. Apesar dos avanços e da organização das mulheres indígenas, ainda há muito por fazer para conseguir, pelo menos, contra a violência. Quando se usa o argumento de que determinada violência “faz parte da cultura”, em nome da “ cultura”, os direitos humanos ficam esquecidos. Ora, se, ao longo da história, abrimos mão de muitas coisas preciosas de nossa cultura para nos adaptar e sobreviver, também podemos abrir mão daquilo que há de mais perverso nela, como o machismo, o infanticídio, a tortura e tantas outras formas de violência. Isso não nos fará menos indígena do que somos. Não considero que a luta pela igualdade de direito e mulheres seja uma violação cultural. Se assim fosse, poderíamos dizer que os indígenas que saem de suas aldeias para estudar deixam de ser índios. Ao contrario: no contato com “o outro”, com “o diferente”, a minha diferença se explicita e, somente assim, me percebo diferente e valorizo minha diferença. Os direitos humanos têm que ser soberanos, em especial quando esse direito humano é o direito a vida. Nesse sentido, uma tradição pode, sim, ser mudado. O povo indígena Kayapó também já teve a prática do infanticídio. No entanto, em dado momento, decidiu que toda a comunidade cuidaria de qualquer criança que nascesse nas condições que até então exigiriam o infanticídio. E essa decisão não fez dele menos Kayapo. (KAIGANG, pag. 419, Nova História das Mulheres no Brasil).”

Esse trecho nos mostra a luta das mulheres indígenas pelo seu espaço e por suas reivindicações por mais poder de decisão e participação na sociedade indígena. E também, nos mostra a união de todo o povo Kayapo, porque nesse caso todos uniram-se em prol da luta contra o infanticídio. Isso nos mostra o poder da união da coletividade, que os povos originários indígenas tem, nos serve de exemplo, mas todavia, os indígenas também tem pontos a serem contestados como por exemplo o direito das mulheres em terem sua independência financeira, como veremos a seguir:

“Mas as mulheres quebraram paradigmas e abriram seus próprios espaços ancoradas num novo argumento: a qualificação técnica e

profissional para uma defesa qualitativa dos seus direitos. Assim, se o simples fato de ser mulher diminuía o espaço de atuação, ao se profissionalizar e se qualificar, as mulheres ampliavam suas possibilidades. Os homens passaram então a perder terreno, para elas até chegar o momento em que a maioria das representações em Conselhos Nacionais, de 2005 a 2010, por exemplo, era ocupada por mulheres indígenas, em especial na área de segurança alimentar. Porém, como a estrutura de poder no Brasil também é historicamente machista, as mulheres indígenas encontram dificuldades para se inserir nos espaços de discussão política das questões que afetam os povos indígenas.” (Kaigang página 417, Nova História das mulheres no Brasil).

Enfim, é preciso o mais urgente possível parar com as desculpas de que não é possível trabalhar e aplicar a Lei 11645/2008 em nossas escolas, pois como será visto nos demais capítulos dessa dissertação, veremos através da fala dos educandos que participaram da pesquisa desse projeto, o quanto o preconceito religioso, de gênero e étnico está cada vez mais latente e devem ser desconstruído o mais rápido possível, através da atuação dos educadores em geral e principalmente dos professores da área do saber Histórico, Sociológico, Filosófico e Antropológico nas escolas particulares e públicas de nossa cidade do Rio Grande e do Brasil.

Certamente ao analisarmos e refletirmos sobre como nossa sociedade brasileira ainda vive com um preconceito velado, com segregação até em empresas e indústrias que deixam de contratar funcionários negros e com ótima qualificação devido a cor da sua pele, definitivamente a culpa é de todos nós, pais, mães, e funcionários públicos de todos os setores, até educadores e profissionais que atuam na área da Educação principalmente particular. Sempre existe alguma justificativa para o preconceito ocorrer em vários locais da sociedade.

São pessoas que acham melhor se calarem diante de algum fato ou situação de preconceito que presenciaram, porém, ser omissos é ser cúmplice, porque a real função da área Educacional é prezar pela Diversidade, seja ela cultural, étnica, religiosa ou sexual.

Enfim, a Educação é a grande ferramenta para a evolução de uma sociedade, principalmente quando nos referimos ao reconhecimento da cultura do negro e do índio, do quanto foi imprescindível a interação dessas culturas com as demais que chegaram aqui com os imigrantes.

Dialogar sobre culturas as origens dos negros que aqui chegaram e dos indígenas que aqui estavam antes da invasão dos europeus, é de extrema importância, educadores que planejam suas aulas, e conseguem falar sobre essas culturas e da interação das mesmas durante os períodos históricos de nosso país, certamente conseguiu plantar algo novo e começar a desconstrução da marginalização do negro e do índio.

A lei 11645/2008, foi decretada para que barreiras que impediam o acesso ao conhecimento dos alunos do ensino básico caíssem, para que tanto a cultura afro brasileira quanto a cultura indígena sejam enaltecidas como as demais.

Projetos como o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), contribuem para novos métodos, técnicas e abordagens para ensinar História e as demais ciências de forma a ocorrer uma significação e noção de pertencimento histórico, para que assim os alunos respeitem e valorizem todas as culturas da mesma forma sem discriminação, e como ferramenta contra o racismo.

Podemos também destacar movimentos como os grupos formados por professores e alunos que se organizam politicamente nas Universidades Federais desempenhando papel fundamental para esclarecer dúvidas e conceder informações sobre as leis que protegem os direitos dos negros e indígenas no que se refere as áreas da diversidade, acesso a educação e luta política por reconhecimento de etnias. Um ótimo exemplo desses grupos é o NEABI (Núcleo de Estudos Afro brasileiros e Indígenas) que atualmente é coordenado pela Doutora Cassiane Paixão na

Universidade Federal do Rio Grande, assim como os Coletivos que atuam em todo o Brasil como também em nosso estado gaúcho.

2- ANÁLISE DAS REFLEXÕES FEITAS PELOS ESTUDANTES SOBRE OS ASPECTOS DAS CULTURAS AFRO- BRASILEIRAS E INDÍGENA.

No segundo capítulo e seus respectivos sub capítulos, a escrita se concentrou aos depoimentos e as reflexões dos estudantes sobre as temáticas abordadas nas aulas seminários em que os mesmos até falaram sobre situações de preconceito que tinham passado ou que foram testemunhas de algum ato preconceito com parentes, assim como os jovens também falaram sobre a prática da Capoeira e sua importância cultural e da compreensão que eles tinham sobre conceitos como Valores, Cultura e Diversidade.

Assim, como o depoimento dos jovens sobre trabalho voluntário, demonstrando que apesar de fazerem parte da geração “nem- nem”, que possuem informação de mais sem aprofundamento de seus saberes, os jovens mostraram outro comportamento, em sua maioria.

O objetivo principal deste projeto é saber justamente, a opinião dos educandos que estavam completando tanto o ensino fundamental quanto o ensino médio, para entender como eles percebem e compreendem questões sociais que mexem com o cotidiano de toda a sociedade como, por exemplo, o racismo, as relações de poder, as classes sociais e como ocorre a interação a cultura, os valores e diversidade religiosa, em nossa comunidade.

Neste capítulo veremos o que os estudantes tem a dizer sobre a Cultura Afro – brasileira e Indígena, o que eles pensam sobre ambas , pois, na sala de aula os mesmos sentiram-se um pouco surpresos em falar sobre esses temas abertamente, por serem ouvidos antes de responderem um questionário.

As professoras regentes sempre trabalharam em sala de aula assuntos como religiosidade, política e relações de poder, conceitos como Democracia e Cidadania, conforme os PCN 's (Parâmetros Curriculares Nacionais) exigem, sempre de uma forma neutra e livre, que os estudantes estarem habituados a serem ouvidos em sala de aula, os mesmos acharam-se surpresos ao ver que suas opiniões são importantes e não sabiam que a Universidade era acessível.

As turmas são do Ensino Médio, a professora Josiane da Silveira regente da turma 304, desde o início foi acessível e colaborou da melhor maneira possível, concedendo os horários de sábado pela manhã, em que é realizada a aula seminário conforme o Ensino Politécnico exige o desenvolvimento de projetos com as turmas.

Inclusive a turma 304 possui um grupo que produz um projeto sobre a Ditadura Civil Militar, ou seja, assuntos como Democracia, direitos e deveres, liberdade de expressão estavam sempre em questão.

Realmente a turma durante a aula seminário dialogou sobre vários temas sendo que o mais elencado foi a discriminação e a falta de respeito a intolerância em todos os sentidos, como por exemplo a intolerância religiosa, sexual e o racismo.

Já na Escola Brigadeiro José da Silva Paes, a professora Débbie, concedeu a turma do terceiro ano, 301. A turma com estudantes regulares, porém, com educados que não eram repetentes e a segunda turma possuía alguns repetentes e maiores de idade.

A pesquisa (aula seminário) ocorreu em dois dias, cada um com dois horários, das 7horas e 45 minutos até às 10 horas e 15 minutos, a professora regente inclusive conseguiu um horário a mais com o professor de Artes para que os estudantes das duas turmas participassem ao mesmo tempo da aula seminário , para que ocorresse um debate

entre eles, e que todos pudessem dialogar e explicar suas opiniões sobre a temática Cultura Afro- brasileira e Indígena.

A escola Brigadeiro José da Silva Paes também autorizou que a pesquisa fosse realizada na turma de Oitavo ano, pois, tinham muitos estudantes oriundos de outros estados brasileiros, famílias estas que vieram devido aos empregos ofertados pelo Polo Naval que estava em alta até 2014.

Ocorreu um choque de culturas, e por esse motivo essa turma em questão era muito difícil de trabalhar segundo a coordenação. O projeto chegou em boa hora, pois depois das aulas seminários certas questões como preconceito racial, cultural e até linguístico foram discutidos em aula.

Também na Escola Juvenal Muller, a professora Patrícia Barbosa, cedeu espaço de dois dias para realizar a pesquisa com a turma de Oitavo ano, que inclusive se mostrou muito participativa e questionadora, pois os jovens tinham pesquisado sobre a cultura afro e indígena durante o ano.

Durante as aulas seminários os estudantes sentaram-se em roda, para que todos pudessem se enxergar no princípio a intenção era passar vídeos curtos com trechos de reportagens sobre a temática cultura Afro e indígena, porém os educandos quando perceberam que podia como deviam falar conversar sobre, se empolgaram de tal maneira, que não foi possível passar os vídeos.

O que foi possível foi dialogar sobre cultura regional e nacional, diversidade cultural e religiosa, e racismo e sistema de ações afirmativas como as cotas raciais e cotas sociais que são destinadas a comprovação de renda de até um salário mínimo e meio, cotas que são para futuros universitários.

Esses assuntos tomaram conta das aulas seminários, pois os mesmo faziam questionamentos como: “ Será que consigo permanecer na FURG, universidade publica

de nossa cidade, pois sou pobre e moro em vila? Será que vou sofrer preconceito porque desejo entrar na universidade quando me formar aqui, mas sou negra (o)”.

Como se tratava de alunos dos terceiros anos do ensino médio de uma escola que localiza-se no bairro Lar Gaúcho que recebe estudantes dos bairros ao redor como Mangueira, Barra, Santa Tereza, Vila Santinha, Bairro Getúlio Vargas, Navegantes e Vila Militar, em que muitas vezes os estudantes são de famílias humildes e que dependem até da merenda da escola, ou que abandonam os estudantes para ajudar financeiramente em casa, essas questões sobre cotas e preconceito tomaram conta das aulas.

Muitas vezes discutimos política somente em ano eleitoral, com em 2014 com as eleições presidenciais, porém quando falamos em política estamos lidando com oportunidades de melhorar a vida das pessoas que sofrem com a pobreza e a falta de oportunidade de emprego.

Muitas pessoas vieram para nossa cidade a procura de uma vida melhor com o polo naval desde 2008, porém em 2014 o mesmo parou e muitos ficaram desempregados, famílias que vieram de outros estados brasileiros principalmente Bahia e Rio de Janeiro, se viram em péssimas condições pois alguns não tinham dinheiro para retornar a seu estado de origem.

Não podia ser diferente em sala de aula, pois ficou evidente que ocorria como ocorre preconceito com as pessoas que estão aqui em nossa cidade (Rio Grande) que são baianos ou cariocas, isso foi dito pelos próprios filhos dos mesmos que estudavam nas escolas participantes desse projeto. E como estávamos falando sobre discriminação e preconceito este assunto também foi discutido em nossa aula seminário.

Outras questões culturais também foram elencadas como a musicalidade o preconceito para com o samba e o pagode assim como ritmos como o funk e o sertanejo

universitário. Assim como a cultura local como o tradicionalismo, pois na turma 301 tinham três estudantes que eram e são prendas de CTG.

A Religiosidade também foi outro ponto muito marcante, porque estudantes que são evangélicos como também, educandos que se denominaram umbandistas e filhos de santo do candomblé se manifestaram e ambos disseram ter sofrido preconceito por fazerem parte de religiões que possuem formas distintas de acreditarem em DEUS.

Mas os slides continham respostas superficiais, mas, de acordo com a verdade, tudo para fazer com que os educandos dialogassem sobre esses temas sob a orientação da professora regente, para ao final da segunda aula seminário os mesmos responderem o questionário com suas palavras, sem colar da internet ou dos slides.

Afinal, primeiramente foi feito o reconhecimento das turmas, o tipo o perfil de cada turma, a quantidade de educandos de cada turma, ou seja, foi feita uma análise do público que participaria do projeto. Posteriormente a apresentação do projeto para os educandos, mostrar aos mesmos qual o objetivo da pesquisa e a importância da opinião os mesmos, nesse mesmo dia os estudantes levaram a autorização para seus pais ou responsáveis assinarem.

Finalmente com tudo esclarecido, e devidamente registrado e autorizado, com a permissão da coordenação das escolas o projeto ocorreu na Escola B. José da Silva Paes em dois dias nas turmas 301 e 302. Assim como na turma do Nono Ano do Ensino Fundamental da escola Wanda Rocha no Balneário Cassino.

Dois dias que foram muito gratificantes, porque notava-se em um primeiro momento surpresa dos educandos e conforme a roda de conversa prosseguia os mesmos sentiam-se a vontade e começavam a dialogar. Cada um manifestava e contava experiências de seu cotidiano, situações em que os mesmos se viam e indignavam-se com o que passavam.

Muitos deles principalmente da turma 301 disseram que sofriam preconceito sim, meninas que por terem seus cabelos naturais e que se negam a alisar o mesmo, rapazes que por gostarem de andar de skate ou de praticar Capoeira e participar de rodas de Samba, grupos de batuque de Umbanda ou Candomblé, também relataram situações que sofreram preconceito.

A Educação Histórica, através do Arco com três etapas, a primeira de reconhecimento do nível intelectual, a segunda de apresentação de novos conhecimentos, novos olhares sobre um tema em questão e a terceira etapa que concede ênfase a análise da verificação da ocorrência ou não da reflexão ou da dialética.

Ficou visível durante as aulas seminários, pois notou-se nas respostas dos questionários o quanto os mesmos aprenderam e adquiriram conhecimentos novos como por exemplo as cotas, e que saberão usufruir desses novos conhecimentos para mudar a sua realidade.

No subcapítulo a baixo serão expostas as opiniões dos estudantes referentes a cada tema conceito que foi dialogado nas aulas seminários que ocorreram com apresentação de slides que discorriam sobre a temática, os mesmos abordavam e faziam questionamentos como o que é Cultura, Diversidade, Cultura Afro-brasileira e Indígena, Religiosidade, Preconceito, Democracia, etc.

2.1- Diálogos e opiniões dos jovens estudantes sabem sobre Diversidade, Valores e Cultura Afro-brasileira e Indígena.

Como se trata de aulas seminários, obviamente foi necessário elaborar um plano, e uma ordem de assuntos que poderiam ser elencados para após abordar a temática Cultura Afro-brasileira e Indígena. De nada adiantaria falar sobre essa temática se os estudantes não soubesse claramente o que é Cultura e Diversidade por exemplo.

Nesse sentido foram elaborados slides que continham essas informações, com significados superficiais mas fundamentas para verificar o conhecimento que os educandos já possuíam.

Logo após a essa análise inicial, começamos a segundo etapa que foi a de apresentação da temática, o que é cultura Afro- brasileira e indígena. Mostrando a Cultura e os povos originários indígenas locais como, por exemplo, os minuanos, os Charruas e os Guaranis, assim como a influencia desses povos indígenas na sociedade desde o período Colonial, Monárquico, até nossa Contemporaneidade.

Entre outras indagações foi o motivo, o por que de saber o significado do conceito “diversidade”, nesse momento a professora regente entrevistou e pediu a palavra:

“ Pessoal, como vocês podem falar sobre um assunto sem saber do que se trata, sem saber o significado, ou seja , como falar de leis de regras se não sabem o que diz a lei e como a mesma funciona?”

Logo após uma educanda se manifestou:

“ Sim, mas como e qual utilidade isso terá na minha vida, tenho somente 15 anos, e estudei tantas coisas até agora, que de nada acrescentaram em minha vida, exemplo: fórmula de báscara, vou usar quando se não pretendo ser professora?”

Neste momento, mais educandos começaram a querer falar, conforme íamos fazendo questionamentos como: “ O que vocês acham sobre os costumes locais como por exemplo tomar chimarrão, comemorar o 20 de Setembro?”

Surgiam várias respostas como:

“ *Simples, por que agente aprende isso desde pequenos com nossos pais e avós.*”

“ Já faz parte do nosso cotidiano desde sempre”,

“ Porque somos gaúchos!”

Após a professora comentou:

“Sim, todos estão corretos, pois esses costumes são denominadas tradições, ou seja, fazem parte do nosso cotidiano há tanto tempo, que virou uma marca uma identidade.”

Ao fundo da sala três moças ficavam conversando entre si quando indaguei:

“E vocês meninas o que acham?”

E as mesmas responderam:

“Nós fazemos parte de CTG, e somos prendas, aprendemos que é a nossa identidade, e devemos passar esses costumes para as novas gerações.”

Nesse momento, conseguimos chegar onde desejávamos, conforme o plano da aula seminário, uma oportunidade de falar sobre a diversidade e a cultura Afro e Indígena. Foi quando me pronunciei novamente:

“ Vocês sabiam que a boiadeira, aquela espécie de arma que é formada por cordas com bolas de ferro ou de madeira bem espessa é de origem charrua , minuano e até de indígenas guaranis. Esse tipo de material é utilizado até hoje em rodeios e na vida campeira?(grifo do autor).”

Foi quando a turma ficou pensativa, tirando as três moças que eram de CTG, pois a maioria não sabia desse detalhe. Abordamos também sobre a guerra do Paraguai que teve participação de escravos, que lutaram para conseguir a liberdade ao término da guerra, o que não ocorreu, o que fez originar um revolta no Exército, pois alguns militares desejavam que a promessa fosse cumprida.

Detalhes como esses ao falar de Diversidade e Valores são fundamentais para que os estudantes comecem a refletir sobre esse conceito que é complexo e simples ao mesmo tempo, pois muitos confundem Valores com Cultura, na verdade uma complementa a outra, mas no que se refere a Valores, a mesma é a capacidade de sermos tolerantes e reflexivos ao ponto de aceitar permitir-se conhecer novas culturas novos conhecimentos, colocar-se no lugar do outro, dessa forma adquirir novos valores.

No senso comum, segundo Orson Camargo colaborador do Brasil Escola e Graduado em Sociologia e Política pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP, Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, para a Sociologia a cultura adquire diversos significados.

“Aos olhos da Sociologia, cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana. São ideias, artefatos, costumes, leis, crenças morais, conhecimento, adquirido a partir do convívio social. Só o homem possui cultura. Seja a sociedade simples ou complexa, todas possuem sua forma de expressar, pensar, agir e sentir, portanto, todas têm sua própria cultura, o seu modo de vida. Não existe cultura superior ou inferior, melhor ou pior, mas sim culturas diferentes.”

E conforme Orson Camargo, podemos entender também a cultura de massa e de beleza como uma imposição:

“Implica em alguma forma de violação da condição natural do homem. Por exemplo: paletó e gravata são incompatíveis com clima quente; privar-se de boa alimentação em prol da ostentação de um símbolo de prestígio, como um automóvel; pressão social para que tanto homens quanto mulheres atinjam o ideal de beleza física. O que é belo numa sociedade poderá ser feio em outro contexto cultural.”

Já o conceito de cultura de massa pode ser definido como padrões compartilhados pela maioria dos indivíduos, independente da renda, instrução, ocupação etc. Cultura de massa é produto da indústria cultural, tipicamente de sociedades capitalistas; refere-se aspectos superficiais de lazer, gosto artístico e vestuário.

A indústria cultural está sempre “fabricando” modas e gostos, a cultura de massa só é viável em razão da invenção da comunicação em massa.

Nas escolas os educandos manifestaram as suas opiniões sobre o que os mesmos entendem por cultura, primeiramente de uma forma muito superficial. Quando começamos a dialogar sobre o que é Cultura, ao observar o significado da palavra cultura e o conceito que estava no slide.

“Para sociologia, cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana. Não existe cultura superior ou inferior, melhor ou pior, mas sim culturas diferentes. O objeto de estudo que o sociólogo estuda é o comportamento humano. (GIDDENS, 2005).”

Um dos educandos perguntou:

“ Então eu faço cultura?”

E respondemos: “ O tempo todo!”

A professora em questão das turmas 301 e 302, Debbie, afirmou que fazemos cultura quando escutamos música, quando cantamos, lemos um livro, quando praticamos algum esporte, ou quando dançamos e participamos de eventos como CTG ou um baile de carnaval, quando participamos de grupos de capoeira.

Todo e qualquer tipo de manifestação ou expressão artística, hábitos e costumes constituem a Cultura de um povo, que vive em determinada região. Vestimenta, Culinária, Musica, Linguagem e outros aspectos conferem identidade a uma nação, etnia e ao local.

O fato, é que na maioria das vezes os educandos acham que para fazer cultura é necessário estar em um evento, mas na verdade, o que faz a mesma ocorrer e ser reafirmada, é o cotidiano dos sujeitos históricos em seu tempo. O contexto histórico é feito pelos sujeitos ativos que fazem a mesma ocorrer em sua comunidade.

Essa noção de pertencimento histórico, e de se enxergar como um sujeito ativo que faz a História acontecer, é que está prejudicando a maioria dos trabalhos em sala de aula, pois os mesmos não sabem não é somente o presidente ou o cantor da banda famosa de rock que faz cultura e marca a sua presença na memória, mas que eles (os estudantes) também fazem a cultura e a história acontecer.

Já na turma 304 do I.E.E. Juvenal Muller.

Já na turma 304, ocorreram perguntas dos educandos como:

“ Então a Cultura se subdivide?”

E até afirmações como:

“ Então se eu participo de grupos de capoeira ou de um coral na igreja estou colaborando com a cultura?”

Questões como essas foram sendo dialogadas em sala e aula, e ocorreu a compreensão de que a cultura ocorre a todo o momento, e a mesma é flexível, pois no decorrer do tempo e do espaço por meio da ação humana, a cultura também agrega outros costumes e hábitos.

O futebol, por exemplo, faz parte da cultura do brasileiro, faz parte da identidade nacional, assim como o carnaval e o hábito de tomar mate identifica - se como costume gaúcho. A própria cultura gaúcha foi formulada, pensada e colocada em prática, Simões Lopes Neto foi um dos precursores dessa formulação, porém várias pessoas colaboraram para que essa marca indenitária fosse reconhecida nível Brasil e Mundo.

Pessoas como Nico Fagundes, historiador, escritor e apresentador de televisão, foi outra figura importante para a expansão dessa cultura formulada, afinal, o Rio Grande do Sul possui a colaboração dos imigrantes dos indígenas e dos africanos na construção da cultura sul rio-grandense. E certamente jamais poderemos admitir que

somente um ou dois nomes fossem lembrados como os autores de um imaginário como é a cultura gaúcha, tradicionalista.

Veremos algumas opiniões dos educandos (as) do I. E.E. Juvenal Muller: sobre o que eles entendem por Diversidade, Valores e Cultura:

Para Marina R.

“São as diferenças culturais que existem entre o ser humano, como a linguagem, as danças e a vestimenta”.

Para Priscila L:

“Diferentes costumes, gostos, histórias, enfim, diferenças entre povos de diferentes regiões”.

No que se refere as reflexões de Mariana e Priscila, as duas entendem que tanto a cultura quanto a diversidade e valores, as jovens entendem que as características comportamentais de uma comunidade constituem e afirmam os valores de uma sociedade em questão. Quanto a palavra “gostos”, Priscila tenta dizer que são os costumes, as escolhas que determinado grupo opta por praticar.

Para Katiúscia R. S:

“Engloba as diferenças culturais que existem entre as pessoas, como a linguagem, danças, vestimenta e tradições, bem como a forma como as sociedades organizam-se conforme a sua concepção de moral e de religião, a forma com eles interagem com o ambiente”.

Na reflexão acima da jovem Katiúscia, a mesma utiliza a palavra “engloba”, com a intenção de dizer que existem diferenças de hábitos e costumes, grupos e comunidades que possuem tradições distintas, mas que mesmo assim, constituem a cultura brasileira.

Para Yasmin C:

“É a interação e união de vários povos não só brasileiros mas de todo o mundo”.

Para Nicole Moura:

“Diversas manifestações culturais no mundo ou mesmo em certo país”.

Para Douglas do A:

“Diferentes Culturas”.

No posicionamento de Yasmim, a palavra “interação” se refere à cultura como um meio de união entre várias pessoas e inclusive de uma nação, mesmo com o fator da cultura local devido a geografia de u país como o Brasil.

Através dessas opiniões, notamos que alguns estudantes não tem o hábito de escrever uma resposta longa, em sua maioria são sucintos, já outros educandos escrevem bem mais, mas a opinião é a mesma, porém com formas distintas de afirmar que a diversidade, a cultura e os valores prezam pela tolerância e respeito para com as diversas manifestações da cultura não somente no Brasil como no mundo e ao mesmo tempo a conservação dos costumes de cada povo e comunidade em questão.

Os educandos entendem o que é diversidade, mas ao tentar escrever não conseguem esmiuçar, detalhar o que a mesma é, realizando e formulando uma resposta objetiva, mas que mostra que ao dialogar sobre situações do cotidiano, geralmente de intolerância, acabam falando sobre essas ocasiões e conseguem compreender por fim o que é diversidade cultural e valores.

O interessante é que na fala de alguns dos estudantes aparecem as palavras “união”, “gostos” e “moral”, isso significa que é inegável a influencia da família quando o assunto em questão são “valores” e “tradições”, a Sociologia conjuntamente com a História, possui um papel importantíssimo que é falar justamente do ser humano,

agindo como sujeito ativo e histórico, o primeiro porque produz cultura e o segundo porque ao se enxergar sujeito ativo e histórico atua em seu meio.

A família portanto, tem o papel de salvaguardar as memórias e transmitir valores, educação e saberes, nessa trajetória de formação de personalidade e de identidade, já a escola possui o papel de conceder aos jovens acesso ao saber, novos conhecimentos, com isso, ao chegar na escola, os estudantes já possuem conhecimento através das vivências do seu cotidiano.

Sendo assim, já sabem o significado de valores, como moral, o certo e o errado, o bem e o mau, o preconceito a tolerância, etc. Somente não sabem refletir e escrever sua opinião ao tentar dizer o que é um conceito, mas os vivem na prática.

Agora vejamos o que os estudantes da E.E.E.F.M. Brigadeiro José da Silva Paes, das turmas 301, tem a dizer sobre Diversidade Cultural e Cultura e Valores:

Para Lucas Felipe:

“Várias culturas diferentes Ex: O Brasil por se dividir em 4 regiões cada uma com sua cultura, quer dizer então que o Brasil tem grandes diferenças culturais.”

Para Camila N:

“Diversidade e cultura, hábitos, costumes diversos de uma comunidade, sociedade”.

Para Gilberto Junior:

“Significa diversas culturas como no Brasil é, temos a cultura, portuguesa, alemã, indígena e outras”.

Os estudantes ao responderem, refletiram e constataram que, existem culturas diferentes, concederam ênfase nas palavras “hábitos” e “costumes” para explicar as diferenças entre as culturas de origem africana ou indígena das de outras etnias como por exemplo das culturas europeias.

Para Elem Sória:

“Diversidade cultural é várias nações, conhecendo a cultura uma da outra, é os países procurando expandir seus hábitos culturais. Procurando não apenas impor seus costumes, mas também, procurando saber sobre as outras culturas de outros países”.

Elem ao refletir sobre a diversidade cultural e valores, concluiu que as nações, os estados possuem uma cultura, e que as mesmas ocorrem paralelamente, mas sempre mantendo suas especificidades. E ao mesmo tempo constatando que para ocorrer a diversidade, não deve acontecer a imposição.

Para Veronica R:

“Acredito que seja muito semelhante á cultura, porém a cultura é mais como você é e a diversidade é sobre seus ideais e convivência com determinados ambientes”.

Ao explicar a sua reflexão, Veronica trata a cultura como um olhar individual, como as pessoas vivem cotidianamente suas vidas, através de suas escolhas e vivencias, e ao mesmo tempo, a mesma reflete sobre diversidade e valores mais no âmbito coletivo, refletindo e constatando que ao se tratar de vida coletiva Veronica enxerga a coletividade quando se trata de atividade em grupo, sendo assim ir a igreja, ou estar em espaços em que grupos estejam naquele local compartilhando alguma ideologia ou ritual, se caracteriza os valores de um grupo ou povo.

Para Pâmela L:

“ Diversidade Cultural é ter várias pessoas de etnias diferentes, com costumes, manias, modo de se vestir em um mesmo lugar”.

Já para Pâmela L, a diversidade cultural proporciona a individualidade e o direito de as pessoas em geral, escolher um modo de vida. E também utiliza a palavra

“manias” para explicar os costumes de um determinado povo, ou a individualidade de alguém ao integrar algum grupo ou da decisão de escolher um modo de se vestir.

Dessa forma, percebemos o quanto os jovens identificam a influencia das mídias no cotidiano dos sujeitos históricos e sociais, as escolhas que fazemos diariamente são influenciadas pela mídia, que dita a moda por exemplo. E ao ensinarmos História e Sociologia, ou abordamos temáticas que envolvem cultura, é importantíssimo nos distanciarmos e conceder espaço e voz aos estudantes, sermos professores instigantes para nos tornarmos professores ouvintes.

Para Jéssica O:

“ Todos as culturas juntas , interagindo entre si”.

Concluindo com Jéssica O, percebemos que a mesma refletiu que as culturas interagem entre si, sendo assim, que mesmo havendo conflitos de ideologias ou incompreensão de algumas pessoas aos costumes religiosos ou simplesmente de ideologias que discordam em alguns aspectos de comportamento humano, a sociedade possui valores que interage o tempo todo sem perder suas autenticidades.

A reflexão dos estudantes da escola Juvenal Muller, expressa o quanto é fundamental, aprender a conviver com as diferenças e de nada adianta ser intolerante, pois, apenas tolerar a religião ou a etnia de alguém em nada acrescenta ou colabora para a cidadania e a difusão da prática da democracia, aspectos a ações fundamentais para que a Diversidade seja ela cultural, religiosa ou sexual, prevaleça tornando a noção de valores mais significativa.

No início das aulas os educandos não pensavam dessa forma, muitos alegavam que não eram obrigados a respeitar as diferenças, chegando até a afirmar que podiam tolerar, respeitar mas não aceitar, conforme os conceitos iam sendo apresentados com seus respectivos significados, os mesmos questionavam, já outros apenas ficavam pensativos.

Quando a aula seminário terminou, tivemos essas surpresas quando nos deparamos com tamanhas respostas, pois tanto a professora quanto a pesquisadora em questão de certa forma não esperavam que os mesmos refletissem de tal maneira e conseguissem colocar no papel o que pensavam, principalmente aqueles que não concordavam em respeitar as diferenças conforme a diversidade, os valores e a cultura nos ensinam.

Foi de grande alegria e inestimável surpresa, que verificamos que os mesmos educandos que antes criticavam algumas questões, após as aulas seminário, concordaram e entenderam o que significa Diversidade, Valores e Cultura, conceitos esses que são fundamentais para entender o real motivo de existir uma lei que obrigue o ensino de Cultura Afro - brasileira nas escolas.

Quando os educandos se referem a Cultura, os mesmos tendiam a generalizar, o começo das aulas seminários, no momento das verificações do quanto os mesmos entendiam sobre o tema. Mas “generalizar” de forma a não especificar o que seria a cultura, o que a constrói e a faz ser o que é.

Os estudantes não sabiam que a cultura se subdividia e que não pode ser considerada como diversidade. A seguir, mais reflexões dos estudantes após a aula seminário.

Para Marina R:

“É tudo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos, é a capacidade adquirida pelo homem como membro da sociedade”.

Para Andressa N:

“Cultura é a identidade de um país, que representa sua origem”.

Na reflexão de Marina R. a mesma nos mostra perfeitamente a representação da “estrutura social” de uma sociedade, ela cita a lei, os costumes e a moral, ou seja, os

alicerces de uma ideologia coletiva, conforme vimos com Anthony Giddens, este molde esta inserido no inconsciente coletivo, a forma como uma sociedade se organiza.

Já para Andressa, em sua reflexão, a mesma afirma que a cultura é a identidade de um país e que representa a origem, a ancestralidade, o passado. Realmente, ao vermos as reflexões dos jovens verificamos em suas escritas a ligação do passado e presente. Outra questão e a forma que os jovens ligam a cultura com costumes e hábitos, ou seja, “comportamento”, é exatamente esse o estudo da Sociologia.

Realmente é uma grande vitória perceber tamanha assimilação dos conceitos por parte dos educandos, pois após a aula seminário os estudantes conseguem falar sobre os conceitos de uma maneira pessoal, pois, adquiriram novos saberes, se apropriaram de novos conhecimentos, assim sendo, escreveram suas opiniões com autonomia.

Veremos a seguir as opiniões e diálogos dos estudantes das turmas de Oitavo ano das Escolas Publicas, Brigadeiro José da Silva Paes, Wanda Rocha e Juvenal Muller.

Primeiramente, os jovens residem em comunidades distintas, os educandos da escola Wanda Rocha moram no Bolacha, Cassino e Querência, já os jovens que estudam na escola Brigadeiro José da Silva Paes residem no bairro Lar Gaucho, Santa Tereza e BGV e Navegantes e os estudantes da Escola Juvenal Muller são oriundos de diversos bairros, devido a localização central da escola.

Os mais desfavorecidos economicamente, são os estudantes da escola Wanda Rocha, claro que alguns possuem condições financeiras boas, devido ao seus pais que possui um emprego em que a remuneração é alta. Mas em sua maioria são filhos de pessoas de origem humilde.

Vejamos as opiniões dos mesmos sobre Diversidade Valores e Cultura.

Rafaela. O declarou:

“Cultura é o habito e costume de todos. Cultura Indígena é as crenças, costumes, pinturas com a cerâmica. Cultura Afro-brasileira é a cultura da África chegou ao Brasil, em sua maior parte, trazida pelos escravos, a origem africana encontra-se em geral mescladas a outras referencias culturais e a Diversidade cultural ou valores são diferenças que existe entre o ser humano, como, linguagem, danças, vestuário e religião.”

Lucas M. discorreu sobre:

“É tudo que envolve o conhecimento, a arte, crenças e hábitos de onde moramos. Acho que é um conjunto de manifestações no Brasil. Valores são diversas culturas”.

Gloria M, respondeu:

“Cultura é tudo aquilo que pode dar a toda pessoa razões e esperanças para viver. É arte que é um conjunto de manifestações no Brasil e no mundo.”

E concluindo a opinião dos educandos da escola Wanda Rocha, Kauhã D:

“Cultura é origem do povo e valores eu acho que são varias culturas de um povo, roupas, acessórios e colares, características de um povo”.

Obviamente, os estudantes concedem a sua opinião conforme a sua experiência de vida, no caso dos educandos do nono ano da Escola Wanda Rocha, a maioria dos estudantes tinham 14, 15 anos, pois eram do período vespertino, alguns já estavam com idade avançada e prestes a ir para o Supletivo ou EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A seguir veremos algumas opiniões dos jovens do oitavo ano do Instituto de Educação Juvenal Muller da turma 82.

Ketllin Macedo discorreu:

“Cultura é a mistura de arte, dança, música, povos, etnias e etc. Mas além disso a cultura passa de geração a geração e nunca parou de existir, cultura tem grande importância na sociedade para definir cada um. Entendo que ambas as Culturas são muito

importantes no Brasil, para gerar essas misturas e também a diversidade cultural, ou valores. A forma de outras pessoas aceitarem a cultura dos outros sem preconceito, sem racismo, sem querer ser superior”.

A jovem Ketlin, ao refletir sobre a cultura, se referiu a mesma como “mistura” de várias características, como a arte, danças e musica, elencando essas atividades aos povos e etnias, enfatizando a forma como cada sujeito social e histórico encara o comportamento das pessoas que integram e constituem grupos sociais que compartilham ou não de ideologias religiosas ou políticas.

Delair C. respondeu:

“Na minha opinião é um conjunto de modos de se comportar, da musica que escuta, religião que tem e principalmente o modo de pensar. Cultura Afro e indígena é o jeito que os negros e os índios tem como a vestimenta. E diversidade ou Valores são as etnias convivendo juntas sem preconceito.”

Já Delair C ao expressar sua reflexão, diz que a cultura é um “conjunto de modos de se comportar”, ou seja, que existem dentro de uma sociedade, normas e regras a serem seguidas, e que as mesmas são embasadas pela constituição, sendo assim, tanto a cultura afro- brasileira quanto a indígena, possuem comportamentos distintos e que durante a História do Brasil interagiram entre si.

Conforme cada comunidade, e cada escola em que a pesquisa foi realizada, temos sempre que levar em conta o perfil de cada educando, de cada turma, pois influencias externas como a base familiar a condição financeira da família a qual os jovens pertencem, faz com que a opinião de cada discente seja única, autentica.

Obvio que os estudantes que trabalham para ajudar sua família e casa possuem uma visão de mundo mais amadurecida, o que não quer dizer que os jovens que não trabalham não a tenham igualmente , porem, certas questões como mercado de trabalho, luta por uma vida melhor sejam melhor compreendidas justamente por aqueles jovens que tenham que trabalhar para se sustentar.

O que diferencia mesmo a pesquisa, foi o acesso a informações que os estudantes obtiveram sobre questões que envolviam a Lei 11645, pois os mesmos principalmente nas turmas de ensino médio discutiram mais arduamente durante as aulas seminários, sobre cotas raciais, sociais, e o motivo das mesmas existirem, assim como a própria lei que na opinião geral de todos os participantes da pesquisa não precisava existir.

A opinião dos educandos da nona série da escola Wanda Rocha era de certa forma preconceituosa e de senso comum no que se refere a questões religiosas, na cultura Afro – brasileira e como o principal interesse da pesquisa era informar e levar novos conhecimentos, o foco foi mostrar e falar sobre essas religiosidade de forma a proporcionar um novo saber, pois o que menos interessava era doutrinar mas sim dialogar sobre toda e qualquer forma cultural.

Esse é o objetivo da Educação Histórica e da Metodologia da Problematização, a ocorrência da dialética, através de uma aula conversa que proporciona troca de saberes e questionamentos para ocorrer uma reflexão, mas para isso é necessário a Didática Histórica, o educador tem que planejar uma aula conversa para que o dialogo ocorra, para saber o que os estudantes sabem sobre o tema em questão.

Dessa forma o professor saberá escolher os documentos com ambas vozes da Historia Factual, a historia documentada tanto do colonizador quanto dos negros africanos e dos indígenas. História essa que atualmente esta sendo escrita pelas minorias que estão tendo acesso ao ensino superior e escrevendo dissertações que narram a historia de seus ancestrais pertencentes aos povos originários indígenas e afro brasileiros.

O Afrocentrismo é justamente essa nova História que esta sendo escrita pelos graduandos, mestrados e futuros doutores, que estão formados ou prestes a conquistar

um grau, essa História oficial, esta sendo feita para conceder voz ao negro, ao índio as mulheres, etc.

2.2. O Racismo na opinião dos estudantes e a reflexão dos mesmos sobre os últimos acontecimentos racistas na mídia, assim como, a vitimização ou não do negro no passado e em nossa atualidade.

Fala sobre racismo na maioria das vezes é complicado, porque as pessoas insistem em dizer que atualmente esse tipo de atitude e agressão não existe, ou seja, a sociedade brasileira vive um racismo velado, em que todos sabem que o mesmo existe, mas não como antigamente.

Na verdade alguns estudantes deixaram bem claro que vivenciam o racismo devido ao corte de cabelo ou então as meninas por usarem o cabelo natural sem a utilização de produtos químicos para alisar os mesmos. Já os rapazes por utilizarem cabelo rasta ou Black e roupas de estilo “mano” como eles chamam.

Durante a aula seminário na Escola Brigadeiro José da Silva Paes com os estudantes dos terceiros anos das turmas de 2014, um deles relatou sua ainda ao supermercado no calçadão de nossa cidade (Rio Grande):

“Fui ao supermercado para comprar uma bolachinha recheada e um refrigerante, quando vi que o segurança estava andando atrás de mim com o rádio, dai peguei o que queria e fui em direção ao caixa, e enquanto permaneci na fila, os dois seguranças ficaram me vigiando. Pensaram que eu era ladrão ou que eu iria assaltar a caixa. Só porque uso calças frouxas e camiseta, corrente prateada e cabelo Black”.

Já outra educanda falou:

“Fui à entrevista de emprego para tentar uma vaga de estágio para o Jovem Aprendiz, claro devidamente arrumada, com roupas adequadas e com meu cabelo Black como sempre uso, mas a responsável pela seleção não me selecionou porque

respondi que não mudaria o meu cabelo, que jamais alisaria. Conclusão, não fui selecionada devido ao meu cabelo que foi considerado ruim. Na época fiquei furiosa mas não sabia que tinha direito de processar aquela mulher”.

Certamente, o visual de uma pessoa favorece e muito em uma entrevista de emprego, o cabelo deve estar hidratado, bem cuidado, não faz diferença se a mulher negra ou não tem o cabelo liso, ou crespo, cacheado, com chapinha ou sem, cada pessoa deve andar com o visual que se sente bem, porém nada justifica, ter uma oportunidade de emprego negada devido ao Black que a jovem estava usando.

Situações como essas são consideradas rotineiras e comuns, quando na verdade não são, o racismo é velado, pois o preconceito existe em todos os setores de nossa sociedade, inclusive de empresas, multinacionais, instituições de segurança particular, órgãos que contratam mão de obra para o mercado de trabalho.

Não podemos generalizar, pois não são todos os seguranças e policiais que agem com racismo com negros e negras, mas o perfil que é considerado como uma ameaça é sempre um negro com roupas e acessórios característicos e principalmente que moram em periferias, vilas e bairros afastados do centro.

Inclusive outro estudante se manifestou e disse:

“Na verdade, só porque agente é pobre e negro, já ficam dizendo que agente assaltante, meu irmão se matou trabalhando para ter uma moto e a vizinha ficou espalhando que foi roubada, como se ele não pudesse comprar uma moto.”

No decorrer do seminário os educandos já se mostraram mais receptivos e a vontade para narrar experiências vividas em seu cotidiano. E como a maioria reside em vilas, esse assunto que geralmente é polêmico, com esses estudantes não foi, muito pelo contrário, falaram abertamente sobre o tema racismo, tanto na escola quanto em sociedade riograndina.

Certamente a professora regente que estava presente em aula, embora tinha momentos que a mesma tinha de se retirar por uns minutos para resolver algum problema na secretaria quando era solicitada a sua presença, explicamos para eles o que é racismo na forma oficial:

“Racismo é quando excluimos alguém devido à cor da pele. Preconceito é quando não aceitamos a preferência sexual e religiosa de alguma pessoa. O racismo também é uma forma de preconceito.” (JESUS, Damásio E. de. Direito Penal. Saraiva. 2006).

Desses esclarecimentos explicamos que existem meios legais para denunciar qualquer tipo de racismo ou outro tipo de preconceito em geral. É necessário ouvir testemunhas, ou então gravar a fala ou a voz do agressor, por meio de provas fica mais fácil comprovar o crime e o agressor responderá pelo seus atos conforme a lei.

É fundamental que os educandos tenham acesso a esse tipo de informação, apesar de existirem campanhas de conscientização, porque as pessoas insistem em afirmar que “certas brincadeiras são normais”.

Vejamos a seguir o que os educandos do I.E.E. Juvenal Muller entendem sobre o Racismo e os casos de preconceito racial na mídia.

Priscila L. discorreu:

“Associação negativa á uma diferença étnica, expressa por discriminação e preconceito. É inaceitável, no século XXI ainda existirem atos preconceituosos que ameaçam o avanço social conquistado no mundo inteiro. Deve-se reprimir todo o tipo de preconceito”.

A estudante Priscila fala em discriminação, o que nos leva a concluir que a jovem entende que o racismo é um tipo de preconceito e que impede o avanço de uma comunidade que almeja a igualdade.

Marina R. discorreu:

É uma maneira de discriminar as pessoas baseadas em motivos sociais, cor de pele ou outras características físicas de tal forma

que umas se consideram superiores as outras. É algo desnecessário, depois de tudo que já passamos e vivemos, ainda ter pessoas que se diferenciam de outras pela cor da pele”.

J a jovem Marina R. refere-se aos vários modos e tipos de excluir pessoas devido ao tipo físico, ou cor da pele, o racismo em si. A estudante refletiu sobre o racismo e ao mesmo tempo nos diz que depois de tantos acontecimentos e direitos adquiridos, ainda assim existem pessoas que se julgam superiores as demais devido a cor da pele, sendo que a ciência atual afirma que a cor da pele em da pauta a superioridade biológica ou intelectual de alguém.

Luiz Fernando discorreu:

“É uma falta de respeito porque quando torcemos para nosso país, não tem essa de cor e raça. O negro foi vítima e ainda resiste e se firma diante a sociedade racista”.

Priscila S. discorreu:

“É a tendência do pensamento, ou modo de pensar em que dá grande importância a noção da existência de raças humanas distintas e superiores umas as outras, normalmente relacionado a características físicas. Com o passar dos anos a escravidão terminou, mas não acabou, o negro ainda é vítima de uma sociedade racista, pois para algumas pessoas não conseguem enxergar que só existe uma raça, o ser humano”.

Quando Priscila fala em tendência de pensamento, sem querer a mesma aborda o senso comum, e o pior, que o racismo esta implícito no inconsciente na mentalidade da sociedade, que ainda possui pessoas que tem atitudes racistas.

Katiucia R. da R. discorreu:

“Dividido por raças. Tais como Índios, asiáticos, brancos, negros. As quatro raças principais. O racismo é uma vergonha. Ou de orgulho, no caso dos brancos. O racismo é uma discriminação, porque separa, menospreza outras pessoas. Se me perguntares de que raça so te responderei que sou um ser humano de pele negra”.

Ao verificar as respostas dos estudantes, é possível verificar que os que estavam no Ensino Médio, já possuíam maior vivência em outros espaços, e ao perceber na escrita dos mesmos em relação ao racismo, podemos compreender o motivo da importância do diálogo em sala de aula para tratar e conceder informações, pois, o real objetivo dessa pesquisa era ouvir esses jovens.

Infelizmente é triste saber que existem situações e pessoas preconceituosas, mesmo estando em pleno século XXI, sem estar em uma sociedade monárquica e fora do contexto histórico da escravidão, algumas pessoas, mesmo sendo pobres se consideram melhores devido a cor da pele ou então por ter um cargo de chefia, mesmo sendo proletários, pessoas que estão empregadas e com o risco de serem demitidas, mas mesmo assim, cometem atos racistas, como o da aluna com cabelo Black quanto o aluno que comprou uma moto.

Atos como esses revelam o quanto a voz e o conhecimento são importantes, pois, existem leis que protegem todas as pessoas que sofrem preconceito, calúnia e difamação. Devido a esses motivos, situações narradas e escritas por esses jovens, é que as escolas precisam discutir e abordar temáticas que envolvam cultura, pois humaniza os estudantes, torna os mesmos capazes de compreender que independente da cor todos somos humanos.

A raça, a consciência de sabermos nossa origem é fundamental para podermos ter direitos em nossa constituição que muito além de uma lei, é rever e pagar uma dívida histórica, torna possível o sonho de todos os professores e principalmente os de ciências humanas, de ver os nossos jovens que são o futuro do Brasil, tornarem - se pessoas que prezem pela justiça, igualdade de gênero, e que zelem pela igualdade racial, para que um dia a nossa sociedade seja anti racista e que não seja preciso recorrer a lei para garantir o respeito e a igualdade entre todas as etnias.

Agora vejamos a opinião dos estudantes da E. E. E. F. M. Brigadeiro Jose da Silva Paes da turma 301 sobre o Racismo e os acontecimentos racistas na mídia.

Silvia F. discorreu:

“É um preconceito, uma discriminação por causa da cor da pele. O negro foi vítima e o racismo é escondido e existe ainda hoje”.

Silvia aborda o racismo, porém, o chama de preconceito, isso demonstra que a jovem não conseguiu assimilar que o “preconceito com a cor da pele” é o racismo, e que o mesmo não é mais velado e sim real e objetivo.

Joice S. discorreu:

“Em relação aos negros e a escravidão e racismo os mesmos foram vítimas, mas na sociedade os negros resistem, só são vítimas se deixarem os outros pisar e não reagirem”.

Joice se refere à resistência dos negros e seus descendentes, e ainda afirma que aqueles que não reagem e não procuram seus direitos devem mudar de postura.

Veronica R. discorreu:

“Esta errado quem pensa que o racismo não é mais forte como antigamente, o negro ainda sofre muita discriminação, por isso é tão importante certos movimentos contra o racismo, como as cotas, não é mesmo!”

Ao final da última aula seminário, os estudantes mencionaram a importância do movimento negro e dos grupos das matrizes da religiosidade Afro- brasileira.

No que se refere aos indígenas os mesmos alegaram conhecerem menos a cultura dos índios brasileiros, pois os jovens durante sua vida escolar sempre tiveram mais acesso a materiais relacionados a cultura afro.

Já os educandos da oitava série ao falar sobre racismo, também manifestaram repúdio aos mais variados tipos de preconceito. E ao mesmo tempo relataram várias experiências de bullying e situações de preconceito, principalmente os rapazes como também os jovens oriundos de outros estados.

Vejamos algumas opiniões dos jovens do Oitavo Ano, turma 82 da escola Brigadeiro José da Silva Paes sobre Racismo.

Daniel G. discorreu sobre:

“É excluir alguém devido sua cor de pele e também é uma forma de preconceito. A escravidão foi um ato racista e preconceituoso onde todo negro devia trabalhar para os brancos e ainda nos dias de hoje o negro sofre com atos racistas da sociedade”.

Naytson A. também escreveu sobre:

“Racismo é a renegação que acontece e mundialmente não só com negros, daqui do Brasil mas em todo o mundo. Sim o negro ainda sofre racismo, em sua maioria e as vezes até para entrar em uma escola, ou emprego”.

Juliano B. escreveu:

“Eu sou negro e acredito que a sociedade é racista e o racismo ainda existe, com certeza”.

Juliana M, escreveu sua opinião:

“Racismo é uma maneira de discriminar as pessoas baseada em motivos raciais, cor de pele ou outras características físicas, de tal forma que umas se consideram superiores as outras. Os negros já foram bastante vítimas de racismo escravidão, mas atualmente eles resistem a isso até como uma forma de convívio”.

Carolina A. finaliza com sua opinião:

“Racismo pra mim é falta de respeito com o próximo e uma ignorância, uma prepotência a alguém se julgar melhor que o outro por questão de raça, racismo é o pior tipo de ignorância que possa haver, não gostar de uma pessoa por causa da cor de pele, aparência ou classe social”.

Justamente é fato a importância de trabalhar em sala de aula a Lei 11645 de 2008, pois a cada dia a mídia nos mostra casos de racismo, levando algumas pessoas até a crer que é “normal” manifestações racistas que ocorrem em nossa atualidade.

Simplesmente inadmissível verificar que ainda hoje, nossos jovens sofrem preconceito, porém devemos entender que, o problema da grande incidência do racismo é histórico, desde a época do colonialismo.

A escola é um espaço em que ocorrem diálogos, pois, então, o mesmo serve para mostrar todos os lados possíveis da História de nosso país, e a luta das minorias também devem ser mencionadas em sala de aula, a luta do movimento negro, das mulheres, dos direitos indígenas assim como o movimento LGBT.

Continuando então, vamos começar a entender o que os estudantes sabem sobre Capoeira e religiosidade, ambas as temáticas foram bem recebidas e abordadas de forma bem tranquila por parte dos jovens estudantes, tanto das oitavas séries quanto dos formandos do ensino médio de todas as escolas que participaram da pesquisa.

Sobre a capoeira, muitos educandos já tinham participando de grupos, e inclusive jovens educandas, as mesmas disseram que mesmo com a inclusão de meninas nas rodas, ainda sim, a maioria dos praticantes são rapazes.

O mais interessante é que os estudantes falaram sobre os grupos de capoeira ao qual pertenceram com alegria, porque, aprenderam a ser mais disciplinados e organizados, pois precisavam ir bem na escola para continuarem a fazer parte desses grupos.

A maioria deles, teve acesso a esses grupos devido a escola trabalhar com professores voluntários que se disponibilizavam a levar a capoeira para as escolas e contar como a origem Histórica, outros conheceram essa atividade física, artística e cultural através das terreiras de Umbanda e Candomblé que as suas respectivas famílias frequentam.

O certo é que os jovens já tinham conhecimento sobre a capoeira, mesmo aqueles que nunca tinham praticado a mesmos.

O fato mais importante foi perceber que esses jovens, participavam das rodas de capoeira e ao sair adquiriam o aprendizado de ajudar o próximo, tratar todas as pessoas com igualdade e respeito, esse tipo de comportamento lembra muito as irmandades afro e o espírito coletivo dos povos indígenas.

Vejamos algumas opiniões dos jovens estudantes sobre a capoeira, como arte, ou como forma de resistência.

Daniel G escreveu sua opinião da Escola Brigadeiro José da Silva Paes:

“Quando participei do grupo de capoeira aqui da minha escola, foi muito legal, porque sempre pensei em uma luta, e não sabia que era uma forma de luta contra o preconceito dos senhores das fazendas.”

Juliana B da escola Brigadeiro Jose da Silva Paes, também comentou:

“Frequentei também o grupo de Capoeira quando era mais nova, e vi que tinha menos gurias e mais guris, mesmo assim tinha eu e mais duas em grupo de 14 pessoas. Era muito bom, fiquei mais atenta as aulas na escola e aprendi mais sobre a luta e resistência dos africanos por mais respeito”.

Ketlin M. do Instituto Estadual Juvenal Miller discorreu:

“ Creio que a Capoeira seja além de uma luta também seja uma arte, porque faz parte da nossa História. Muitas pessoas não sabem disso, porque estudamos mais sobre a escravidão na escola. Mas nossa professora sempre nos trouxe mais informações da época dos escravos, por isso eu sei que os hábitos deles eram sempre voltado para a luta pela liberdade”.

Julia A. da turma 82 do Instituto Juvenal Miller também discorreu:

“Sempre gostei de estudar sobre culturas e na minha opinião tinha que ter mais aulas assim, nossa professora já tinha trabalhado sobre a Capoeira com agente, mas o que gostei de saber foi sobre coisas novas tipo, a capoeira gospel, que pra mim, não existia! E também de saber sobre os indígenas, das terras deles e dos documentos que possuem diferenças dos nossos que não somos indígenas, devido a FUNAI e as leis que dão os direitos a eles.”

Vitor H. B. também comentou:

“Fiz parte do grupo de capoeira no meu bairro, e sempre procurei ir bem nos estudos para poder continuar praticando. Sempre tinha o momento dos aprendizados, das historias que o professor , mestre nos contava. Sempre gostei de praticar e sei que alem de luta é arte, a cultura afro é rica e resistiu todo esse tempo devido a garra dos negros que até hoje lutam pelos seus direitos. Outra coisa que sempre respeitei são os malandros que trabalham nas terreiras, gosto de ter fé e respeito todas as religiões, mas mesmo assim é difícil para algumas pessoas pois só criticam antes de conhecer a religiosidade de outros povos. E a capoeira existe até hoje porque, ela é uma luta e não precisa da religião para existir, embora tenham significados que também ligam a religião.”

Atualmente, é muito eficaz ouvir os estudantes e sempre aprendemos mais quando os escutamos na posição de pesquisador, principalmente devido ao fato de estarmos em diferentes regiões de nossa cidade e em diferentes espaços de dialogo, ver diversas opiniões, e verificar debates sobre temáticas que não são sempre abordadas em sala de aula, porém, ao mesmo tempo, constatar que existem professores com abordagens diferentes e motivos distintos, que realizam e aplicam a lei 11645 de 2008, e aqueles que não a aplicam por diversos motivos, sejam por cronograma anual, falta de tempo ou material.

Realizar esse tipo de pesquisa nos favorece quanto pesquisador porque, ao ter contato com as escolas levamos novidades para os professores, os mesmos também nos mostram seu trabalho com muito carinho e o mais importante, os estudantes nos mostram que são capazes de surpreender porque, na maioria das vezes, querendo ou não subestimamos a capacidade dos mesmos.

Falar sobre Capoeira e sobre ambas as culturas, foi inegavelmente surpreendente, pois, nos mostrou o quanto ambas as culturas estão presentes no cotidiano dos estudantes, e como podemos constatar, é ótimo saber que alem de os jovens praticarem esportes, os mesmos aprendem sobre a origem da capoeira, seja na

escola ou em grupos autônomos de terreiras, espaços religiosos de origem africana, como também em academias.

Fechando essa parte vejamos a seguir a opinião dos estudantes da escola Wanda Rocha que também participaram da pesquisa e colaboraram com a mesma.

Kauhã D. comentou:

“Eu acho que os negros foram vítimas do preconceito e ainda são, e o que aconteceu e ainda acontece no futebol, também acontece no dia a dia de pessoas comuns como agente. Sempre brinquei com meus amigos os chamando de negão, pra mim sempre foi normal, mas agora sei que depende se a pessoa gosta ou não. Sobre a Capoeira já pratiquei sim, mas não sabia da origem, sempre vi como luta”.

João O. Também discorreu:

“Eu acho ridículo, porque os melhores jogadores de futebol são negros, são torcedores sem cultura, preconceituosos, que acham que são melhores porque são brancos e tem dinheiro. Os negros, sim forma vítimas e ainda são. Quanto a vestimenta, vejo sempre pessoas usando colares e acessórios”.

Realmente, podemos notar o quanto os estudantes associam o preconceito de pessoas racistas com o dinheiro, ou seja, geralmente, pessoas que dispõem de boa condição financeira possuem atitudes racistas, porém não podemos generalizar, porque o comportamento embora seja indiscutivelmente inaceitável, está inconscientemente impregnado no consciente coletivo, na sociedade.

As pessoas não nascem racistas, tornam - se racistas, devido a valores e ensinamentos distorcidos por influencia de pessoas que também compactuam com esse tipo de pensamento, que as vezes é até embasado por teorias, obviamente preconceituosas do século passado.

Logo abaixo, vejamos algumas informações sobre a pesquisa em uma tabela que informa detalhes da mesma:

Escolas participantes	Escola Brigadeiro José da Silva Paes
------------------------------	--------------------------------------

	<p>(Bairro Lar Gaúcho);</p> <p>Escola Municipal de Ensino Fundamental Wanda Rocha (Cassino);</p> <p>Instituto Estadual de Educação de Ensino Fundamental e Médio Juvenal Muller (centro).</p>
Número de Estudantes que participaram da pesquisa.	<ol style="list-style-type: none"> 1. 10 estudantes da turma 82, e 10 da turma 304 do I.E.E. Juvenal Muller. 2. 16 estudantes do Nono Ano da E.M. Wanda Rocha. 3. 21 estudantes da turma 82 e 19 estudantes da turma 301 da E.E.E.F.M. Brigadeiro José da Silva Paes. <p>TOTAL: 75 ESTUDANTES.</p>
Número total de rapazes e moças que participaram da pesquisa.	<p>A) Rapazes: 30</p> <p>B) Moças:46</p>
Número total de Participantes	<ul style="list-style-type: none"> • 76
Número de estudantes que não participaram da pesquisa devido a não autorização dos responsáveis.	<ul style="list-style-type: none"> • 10
Ano em que a pesquisa foi realizada.	2014
Professoras do Ensino Médio que participaram da pesquisa.	<p>Professora Josiane da Silveira (turma 304 do I.E. E. F. M. Juvenal Muller);</p> <p>Professora Debbye Margot das Neves Gonçalves (Turma 301 da E. E. E. F. M. Brigadeiro José da Silva Paes).</p>
Professoras do Ensino Fundamental que participaram da Pesquisa.	<p>Professora Debbie Margot das Neves Gonçalves (Turma 81 da E. E. E. F. M. Brigadeiro José da Silva Paes);</p> <p>Professora Verônica Canteiro Silveira (Turma da Nona Série da E. M. E. F.</p>

	Wanda Rocha); Professora Patrícia Barbosa da Silva (Turma 82 do I.E. E. F. M. Juvenal Muller).
Idade dos estudantes que participaram da pesquisa.	Ensino Fundamental: Entre 13 anos e 15. Ensino Médio: Entre 15 anos e 17 anos.
Intuito da Pesquisa.	Verificar como o que os estudantes sabem sobre a Cultura Afro - Brasileira e Indígena com o auxílio da Educação Histórica e a Metodologia da Problematização.
Número total de estudantes negros.	Meninas 20, Meninos 12.
Número de estudantes que sabiam o que era cultura.	31
Número de estudantes que já tinham praticado Capoeira.	21
Número de estudantes que participaram de algum grupo que praticava trabalho voluntario na comunidade.	28
Numero de estudantes que declararam alguma situação de preconceito racial ou social.	29
Forma como a pesquisa foi desenvolvida.	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira etapa: Apresentar a proposta da pesquisa para a coordenação das escolas e para as professoras regentes das turmas da ultima série do Ensino Fundamental e Médio; • Segunda Etapa: Verificar o perfil das turmas e a comunidade em que a escola esta inserida. • Terceira Etapa: Aulas seminários, em rodas de conversa, apresentação de slides em que eram abordadas as temáticas sobre Cultura, Cultura brasileira e regional, Valores e as características culturais e reigiosidade Afro – brasileira e Indigena. • Os estudantes após, essa apresentação eram provocados por questionamentos realizados pela

	<p>pesquisadora e pela professora regente de cada turma sobre as temáticas, inclusive sobre Racismo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Última Etapa: Conversa dos estudantes sobre as temáticas e por fim os mesmos respondiam ao questionário. E com a autorização dos responsáveis e da professora regente entregavam o questionário para fins de pesquisa científica. • Após, aos questionários são analisados, e com a opinião das regentes é feita a verificação do quanto os estudantes sabiam ou não sobre ambas as culturas e se a Educação Histórica e a Metodologia da Problematização auxiliou durante o processo de aprendizagem.
--	--

No início da pesquisa ao elaborar o questionário foi fundamental verificar se os estudantes já tinham participado ativamente na sua comunidade através de grupos que trabalham filantropicamente ou voluntariamente independentemente de pertencerem a religião A ou B, ou a grupos independentes ou pessoas que agiam por conta própria.

Afinal, Jovens que se dedicam a ajudar ao próximo demonstra uma noção de sentimento comunitário, o pouco que se ajuda já significa a compreensão de ser realmente humano de se colocar no lugar do outro, o que se refere a tornar-se tolerante e prezar pelo respeito ao seu semelhante sem preconceito racial e social.

A maioria disse que não participou de nenhuma atividade voluntária pois, não tinham grupos em seu bairro que trabalhassem com esse tipo de ação, mas que gostariam sim de participar quando aparecer alguma oportunidade, já outros alegavam que não gostam de trabalhar para levar nome de pastores A ou B.

Dentre os estudantes que responderam o questionário, cerca de 40% já participaram de trabalhos voluntários em igrejas, terreiras de Umbanda e Batuque como também com seus familiares que ajudam em campanhas do agasalho e multirões da sopa no inverno.

Abaixo algumas respostas dos estudantes da turma 304 do I. E. de E. Juvenal Muller sobre essa questão:

Yasmi C:

“Sempre que possível, tento integrar pessoas sem preconceito sem racismo, não importa a raça, a cor, se é loira, ou morena, se é branca ou negra. Participo de um grupo na igreja e conversamos muito sobre isso no coral.”

Pricila R discorreu:

“Sim, tenho religião e atuo nela semanalmente, além de participar na escola, sempre defendendo ideias para melhora da educação. Acredito que seja importante idealizar, mas além disso, atuar.”

Katiana R. também falou sobre:

“ Sim, pois atualmente fiz um retiro de jovens e estamos fazendo alguns trabalhos com a igreja em prol dos necessitados.

Katiucia R. da S:

“Sim, lá na minha igreja temos um grupo de jovens e eu me considero bem ativa, pois nós fizemos varias visitas ao asilo, a orfanatos e até entregamos agasalhos para os moradores de rua, e isso é bem legal, acho que todos deveriam fazer algo assim, pois é tão bom ver pessoas felizes com algo que você faz pra eles ou até mesmo só por suas presença ali junto a eles. Velos felizes nos da vontade de voltar lá de novo”.

Devido à participação em projetos da escola do ensino politécnico, os estudantes do Instituto Juvenal Muller, possuem uma atuação positiva, muitos inclusive já estão inseridos no mercado de trabalho através do programa Jovem aprendiz e por falta de tempo não participam de nenhuma atividade voluntaria.

Os educandos das turmas 301 da E. E. Brigadeiro José da Silva Paes também manifestaram a sua opinião sobre trabalho voluntario, pois durante as aulas seminários, muitos acham importante que as pessoas em geral participem, porque estimula ações que preservam a união e o respeito ao próximo, valores esses que mudam a forma de pensar individualista passando a ter o espírito de coletividade.

Juliana C:

“Já participei da igreja (catequese, e apresentações), gostei bastante mas com o decorrer do tempo parei meu joelho começou a me dar encomodações”.

Helen S:

“Na minha igreja já pratiquei atividades em que disponibilizávamos alimentos uma vez por mês aos necessitados”.

Pâmela L:

“Não, mais eu adoraria ser voluntaria e ajudar as pessoas”.

Priscila F:

“Não, pois não tive oportunidade ainda”.

E os educandos da turma 301 também discorreram suas participações.

Silvia F:

“Participo de grupos de oração, grupos de jovens na igreja. Ano passado fui vice-líder do grêmio estudantil”.

Emily Maria:

“Não participo de nenhum tipo de ações social, mas me interesso em fazer alguns trabalhos voluntários mais pro futuro”.

Andressa P:

“Sim na igreja”.

Verônica R:

“Não atuo em nenhuma dessas ações, mas não por falta de vontade. É algo importante e saudável de se fazer, com uma boa oportunidade (e se eu tiver tempo), com certeza participarei de algo assim como fiz alguns anos atrás”.

Certamente, é muito bom ver os jovens se dedicando a trabalhos voluntários, envolvimento em projetos que estimulem os estudantes a praticar esportes e sentir-se

inserido em grupos em que possam adquirir novos conhecimentos aumentando assim seus círculos de amizade.

Escolas, clubes e agremiações que desenvolvam projetos a favor da educação e trocas de experiências com estudantes de todos os níveis sociais, visando a interação e a mudança de comportamentos para uma melhor postura, principalmente de jovens que apresentam certa vulnerabilidade social.

De acordo com os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), todas as instituições escolares devem prezar por atividades acadêmicas e esportivas que visem essas atividades e ambas as escolas realizam projetos em que os estudantes tem contato com esportes e cultura.

Mesmo com a grade de horário não muito privilegiadas, ambas as educadoras realizam pesquisas e atividades em conjunto com demais professores inclusive de Educação física momento que proporciona a troca de conhecimentos até entre os professores de ciências distintas.

Assuntos como gênero, igualdade de gênero, preconceito racial e quais as formas de resistência a qualquer tipo de preconceito, quais os procedimentos que devem proceder em caso de preconceito os mesmos devem tomar, e claro diálogos sobre todo tipo de violência que devem ser denunciadas são temáticas que devem ser desenvolvidas com muita cautela dependendo da idade dos estudantes.

Quando iniciamos as aulas seminários, os estudantes ao falarem dos ritmos brasileiros logo começaram a manifestar certas preferências, como por exemplo o samba, o funk ostentação, o rock e o sertanejo.

Mas também indicaram certa resistência a certos artistas que em nossa atualidade estão em destaque. A maioria das alunas preferem artistas femininas internacionais como Beyonce ou Rihanna, sentem-se mais representadas. Já os alunos

se identificam mais com cantores nacionais como Projota , Racionais MCs e Marcelo D2.

Esses tipos de preferências e por artistas A ou B, tem a influencia direta dos veículos de mídia, principalmente acesso a internet, televisão, radio e para um grupo que tem poder aquisitivo que permite acesso a televisões por assinatura.

A mídia e a moda criam grupos que fazem os jovens se identificarem com suas tribos, porém essa nova geração que nasceu no final dos anos de 1990 e inicio do ano 2000, são de jovens que aceitam com mais facilidade vários estilos de musica e diversas culturas.

São jovens estudantes que permitem-se conhecer vários estilos de musica e costumes. São movidos por curiosidade e de certa forma ávidos por espaço e atenção, devido a nova forma de se comunicar, pois acesso a informação esta ao alcance da palma da mão, smartphones e computadores em lan houses.

Conforme a aula transcorria, vários artistas e suas respectivas obras foram abordadas, como por exemplo artistas da MPB, samba de raiz, e pop nacional foram mostrados, e a maioria dos jovens tinham conhecimento superficial, e alguns até conheciam a vida e obra de alguns artistas citados devido a seus parentes que escutavam e admiravam os mesmos em casa.

3- ANÁLISE DAS NARRATIVAS DAS EDUCADORAS SOBRE COMO É DESENVOLVIDA A CULTURA AFRO- BRASILEIRA NAS ESCOLAS EM QUE ATUAM NA CIDADE DO RIO GRANDE.

Durante o período em que a pesquisa ocorreu nas escolas, o intuito primordial foi analisar a opinião dos educandos sobre o que os mesmos tinham a dizer sobre a temática cultura Afro – brasileira e indígena, através da compreensão de conceitos como “ Diversidade Cultural, Religiosidade, e Cultura”, os mesmos surpreenderam pois de 100% dos educandos 80%, sabiam manifestar a sua opinião sobre a temática e apenas 20% se absterão, durante as aulas seminários.

Mas quando foram escrever e colocar suas reflexões no papel, através da habilidade da escrita, 60% conseguiram escrever com as suas palavras e 40% apenas reproduziram da mesma forma que ouviram as opiniões da aula seminário.

Foram apresentados slides, e esses 40% apenas copiaram o que estava escrito nos mesmos. Apesar, de no início das aulas terem sido informados de que não era para copiar dos mesmos , pois o que importava era a opinião deles, pois tínhamos que ler e ver que eram as palavras e o jeito de escrever deles.

Fica claro o quanto é difícil para essa geração escrever e refletir. Mas o surpreendente foi verificar que eles são participativos quando sentem que a opinião deles é fundamental, pois os mesmos ficaram surpresos em saber que a opinião deles era realmente importante para uma pesquisa.

Ao mesmo tempo, que essa geração preza pelo conhecimento superficial devido ao acesso rápido a informações concedidas na internet, hoje inclusive via Wi- Fi em celulares e smartphones podemos perceber que os mesmos tem conhecimentos de vários assuntos, mas na maioria das vezes não conseguem expressar sua opinião devido

ao pouco conhecimento que possuem. Sabem o que são preconceitos, mas não sabem como reivindicar o respeito através da lei, como proceder quando ocorre uma situação de exclusão.

Os mesmos sabem o que é Capoeira, alguns até praticam e tem acesso a mais informações, porém, não sabem o valor histórico, e sim o físico, pois além de uma Arte a Capoeira também é considerada um esporte, depende de qual educador vai abordar o tema.

Certamente, trabalhar conceitos em sala de aula de uma forma contextualizada, facilitaria muito o ensino de História nos anos finais do ensino básico, tanto no Ens. Fundamental, quanto no Ens. Médio, pois concederia firmeza aos educandos, já teriam em suas mentes, o conhecimento primordial de certos conceitos básicos como “democracia, cidadania”, Etc.

Quando for abordado assuntos que se referem a Leis, os mesmos terão mais facilidade para entender os motivos de dialogarem sobre Cultura Afro- brasileira e Indígena assim como outras temáticas importantes em sala de aula, pois dizem respeito á direitos de todos cidadãos.

Saber a opinião de educadoras que estão em sala de aula, é fundamental, pois, muitas vezes são realizadas pesquisas que somente conferem as estatísticas o número de educandos ou de profissionais que trabalham ou não com a Lei 11645/2008, ou outras leis.

É necessário conversar com esses profissionais, conceder espaço para que os professores digam o que realmente acontece nas salas de aula ou então dos desafios que ocorrem para conseguirem lecionar e ensinar os conteúdos do jeito que realmente formularam.

Esse capítulo é dedicado para refletirmos sobre as opiniões das educadoras sobre as dificuldades de aplicar a Lei 11645/2008 em sala de aula, sobre o material utilizado, se o mesmo é material próprio, o porquê de a mesma ser ou não aplicada durante todo o ano letivo, e a importância da aplicação dessa lei para a melhoria do ensino público.

Cada educadora manifestará a sua opinião sobre as dificuldades e a importância de trabalhar a temática Cultura Afro brasileira e indígena nas instituições escolares em que lecionam.

Será respeitada a opinião das mesmas neste subcapítulo e nos demais. E os nomes das profissionais serão abreviados, mesmo as mesmas tendo autorizado por escrito, que suas manifestações fossem apresentadas para a academia.

Para Patrícia Barbosa, professora da turma do oitavo ano do Instituto Estadual Juvenal Muller, as dificuldades são:

“Acredito que é de suma importância para o ensino histórico que os alunos conheçam a cultura afro brasileira e indígena, pois para que entendam o nosso presente é preciso que conheçam quais os motivos que nos conduzirão a ele. Além disso, para evitarmos que de maneira errada os estudantes se identifiquem com o colonizador acreditando que o dominador é um herói, ao invés de conhecer as relações de dominação vivenciadas durante nossa trajetória enquanto nação”.

O fato de a educadora evidenciar o quanto é primordial apresentar novos olhares a um assunto, a uma temática, nos mostra que o posicionamento do professor ao elaborar uma aula, decide o futuro de uma turma, no que se refere ao acesso a novos conhecimentos, e o melhor ao não permitir que os estudantes pensem que o colonizador não é um herói, destrói a convencional ideia da versão do vencedor, que geralmente é o colonizador.

Já para a educadora Josiane da Silveira, educadora da turma de Ens. Médio do Instituto Juvenal Miller, relatou:

“Acredito que a Lei 11.645/2008, referente à obrigatoriedade do estudo da História e cultura afro-brasileira e indígena, seja importante porque enfatiza o estudo de temas que envolvem a História brasileira. Sabe-se que as contribuições de afro descendentes e indígenas nem sempre foram consideradas na formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, ainda cabe desnaturalizar algumas ideias errôneas, imbuídas de preconceitos, sendo o espaço educacional um meio.”

A professora ressalta que as contribuições deixadas pelos descendentes afro e indígenas, nem sempre foram reconhecidas e prestigiadas, devido ao preconceito que perpassa gerações. Sendo que a escola é uma espaço de diálogo e laico, mas muitas vezes uma das principais razões de não trabalhar com essa temática é justamente a vida pessoal dos docentes, que se declaram evangélicos e impedem que a Lei seja aplicada nas escolas e nas aulas de História e Artes.

Na opinião da professora V. C. S, da Escola Wanda Rocha:

“Na minha opinião, ela não deveria ser obrigatória e sim fazer parte curricular de todas as disciplinas. Mas a obrigatoriedade faz com que ela seja trabalhada, dada pelos professores de forma superficial somente para cumprir a lei. (Na maioria das vezes)”.

E a mesma ainda continua expressando sua opinião:

“Atualmente se encontra bons materiais na internet como textos, vídeos, filmes. O governo também envia materiais para as escolas e organiza encontros, seminários”.

De acordo com a educadora, a lei não precisava ser obrigatória, como também deveria ser aplicada em todas os campos do conhecimento e não somente em História e Artes. Isso evidencia que para que a Lei seja bem aplicada e enaltecida, é necessário a participação de todo o corpo docente para planejar um plano anual que concedesse ênfase a vários temas transversais que possibilitassem a real abordagem de temáticas que são essências durante o ano letivo.

E concluindo a professora Debbie. M. das N. G, da Escola Brigadeiro José da Silva Paes:

“A obrigatoriedade de expor sobre determinado assunto não significa valorização do assunto. Falamos sobre o mesmo cumprindo uma tarefa sem que haja aprofundamento do mesmo, expõem-se os trabalhos mas não existe uma conscientização dos valores”.

Valorização, ocorre na opinião da professora Debbie M. das N.G uma abordagem superficial sobre a temática Cultura Afro brasileira e Indígena. Sendo que para ocorrer uma noção de valores, é fundamental expor trabalhos que visem conceder foco em trabalhar por etapas, primeiramente os conceitos, posteriormente confronto de ideologias e por último um debate sobre a nossa atualidade e os acontecimentos do cotidiano dos educandos.

Foi exatamente o que ocorreu em duas aulas seminários, sendo que de maneira superficial, a estratégia utilizada serviu para verificar que quanto mais debates em sala de aula, quanto mais os educandos possuem o direito de falar e expressar suas opiniões, mais significativa será a aprendizagem, e no que se refere a aplicação da lei 11645/2008 conceder voz ao estudante é primordial para que a mesma seja aplicada com intuito social e histórico.

Na opinião da Educadora P. B. do Instituto Estadual de Educação Juvenal Muller:

“Os novos livros didáticos abordam as temáticas da cultura afro brasileira e indígena e quando necessário produzir material geralmente são mídias ou uso de documentários para desenvolver os temas”.

Segundo a mesma, os livros didáticos que são escolhidos por ela podem ser utilizados em sala de aula com os estudantes para pesquisas, como auxílio. Mas a professora afirma que utiliza documentários, recursos de mídia o que ajuda os

estudantes a criar uma expectativa, pois o recurso visual facilita a compreensão do tema em questão, e evidencia o cotidiano de ambos os povos originários, principalmente os indígenas.

Já para a professora J. da Silveira afirma:

“Sim, Os docentes podem encontrar informações sobre a Lei 11.645/2008 e as temáticas referentes à História e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros dentro e fora da instituição educacional. O acesso às informações, propagadas na internet, nos livros e nas revistas, também chegam aos profissionais da educação, apesar das mazelas no ensino público”.

Segundo a afirmação acima, concedida pela professora da turma 304 do Instituto de Educação Juvenal Muller, apesar das dificuldades enfrentadas pelas escolas em geral é possível sim encontrar materiais que abordem ambas as culturas em materiais tanto na internet quanto em livros e revistas.

Sendo que o primordial é o educador ficar atento a todo e qualquer recurso de mídia, pois, antes de 2003, não tinham materiais suficientes para serem consultados, porém, atualmente existem várias pesquisas em andamento que proporcionam estudar sobre a temática em questão.

Embora muitos educadores admitam que não trabalham com a Lei 11645/2008, devido a vários motivos entre eles a falta de materiais, sendo que atualmente podemos encontrar muitos vídeos na internet, principalmente no You Tube, em que vários educadores e pesquisadores da área relatam suas experiências em sala de aula narrando projetos que foram desenvolvidos em sala de aula, como também, pessoas ligadas a religiosidade afro brasileira e indígena, ou então ao movimento negro e d luta politica e agrária por terras indígenas.

O que não falta hoje em dia são materiais que podem servir de recurso para tornar as aulas de Artes e História atraente , informativas em que tanto o professor,

quanto os estudantes, troquem ideias e debatam experiências em sala de aula. Mas mesmo assim, ainda existem opiniões distintas sobre os materiais, se os mesmos valorizam ou não a cultura indígena e afro-brasileira.

E concluindo a professora Debbie. M. das N. Gonçalves da E. E. E. F. E. B. José da Silvia Paes:

“Os livros didáticos não valorizam a cultura apenas veem o lado de exploração sofrido por estes povos. Se o educador desejar ele próprio faz alguma pesquisa para expor a seus alunos”.

Na reflexão da professora Debbie, os livros didáticos que a mesma trabalhou até então, não valorizam os povos indígenas e afro-brasileiras, devido a falta da abordagem com outros aspectos como a cultura em si além do período escravocrata.

Para a professora Patrícia Barbosa do I.E.E. Juvenal Miller:

“A temática afro brasileira pode ser tratada durante todo o ano letivo, pois quando tratamos das relações sociais e de dominação podemos sempre abordar questões étnicas, culturais e religiosas para entendermos as temáticas tratadas independente do período histórico. Afinal precisamos conhecer os sujeitos históricos e toda a sua diversidade na superação de relações de preconceito”.

A educadora Patrícia, concede ênfase a abordagem de ambas as culturas durante todo o ano verídico, devido a análise sobre os diversos períodos históricos, para poder abordar a lei 11645/2008 em sala de aula, principalmente como ferramenta contra o preconceito e a discussão de racismo e gênero com os jovens.

Já para a professora Josiane da Silveira do I.E.E. Juvenal Miller:

“Cabe destacar que os temas referentes à História e cultura afro-brasileira e indígena eram trabalhados na disciplina de História, principalmente nos conteúdos de História do Brasil entre os séculos XVI e XIX, antes mesmo da Lei 11.645/2008. Ao longo dos anos, o aprofundamento das informações sobre a formação da sociedade brasileira, superando a visão eurocêntrica, tornou o estudo dos mesmos temas mais amplo e diversificado tanto no ensino superior como no ensino básico. Com isso, ressalto que as Histórias e contribuições dos negros e dos índios, bem como de outras etnias, podem ser abordadas para além das datas comemorativas. Entretanto, tais temas aparecem naturalmente com maior ênfase entre os conteúdos, debates e

encaminhamentos das aulas de História brasileira entre os séculos XVI e XIX, podendo ser vinculados às atividades do Dia Nacional da Consciência Negra”.

E a mesma continua sua reflexão:

“No que se refere ao estudo da História do Brasil nos dois últimos séculos, entre os conteúdos do 9º ano do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio, vale acrescentar que a referência aos negros brasileiros e africanos também aparece, mas não como nos anos anteriores do ensino. Isto, no entanto, não impede uma atividade diversificada no dia 20 de novembro. Ainda, acrescento uma nota para evidenciar que na área das Ciências Humanas, a disciplina de Sociologia também auxilia no ensino médio, contribuindo diretamente com o estudo, o debate e a reflexão sobre a diversidade cultural na formação da sociedade brasileira. Enfim, não vejo como negar o estudo da diversidade cultural brasileira no ensino básico”.

Na análise da professora Josiane os conteúdos desde o século XVI, a mesma enfatiza que posteriormente com a lei 11645/2008, a abordagem dessa temática foi mais aplicada em sala de aula, mas mesmo assim, fez questão de afirmar que antes já eram tratados assuntos ligados a temática.

Outro ponto muito citado, foi da importância da data comemorativa do 20 de Novembro, devido a história de luta dos povos afro brasileiros e dos indígenas, concluindo com a verificação do estudo da diversidade brasileira abordada no ensino de História e Sociologia.

Importantíssimo depoimento da professora Josiane no que se refere a análise histórica do ensino de história sobre a temática diversidade cultural, pois, essa pesquisa se refere justamente sobre a Lei 11645/2008, que traz a obrigatoriedade da mesma, que traz a roda de discussão assuntos como racismo e valores, que após a lei outorgada propicio mais momentos de abordagem sobre a tematica cultura afro brasileira e indígena.

Na opinião da professora Verônica Canteiro Silveira da E.M.E.F. Wanda

Rocha:

“Sim é possível trabalhar em todas (ou quase todas) aulas de História, mas ela é mais intensificada em todas as datas comemorativas: abolição da escravatura, consciência negra, dia do índio.”

E concluindo a professora Debbie M. das Neves Gonçalves da E.E.E.F.E.

B. José da Silvia Paes:

“Sempre abordamos em novembro, como falar sobre cultura afro ou indígena na Antiguidade, que pouco sabemos ou na Id. Média, inserimos a indígena e o negro na Moderna, mas em situações de exploração sem enfatizar sua cultura ou contribuição.”

E a mesma continuou:

“Não há material disponível para se trabalhar o assunto e quando ocorre alguma publicação é a nível superior, distante da realidade do fundamental e Politécnico.”

A professora Debbie Gonçalves, afirmou que não há material disponível e além disso, os materiais produzidos pelo ensino superior estão com linguagem inapropriada para os estudantes do ensino básico e politécnico, da realidade dos mesmos.

Para a educadora Patrícia Barboza:

“Os novos livros didáticos abordam as temáticas da cultura afro brasileira e indígena e quando necessário produzir material geralmente são mídias ou uso de documentários para desenvolver os temas.”

A professora Patricia Barboza, afirma que utiliza mídias e documentários para tratar sobre a Lei 11645/2008, o que torna a abordagem mais interessante e próxima dos estudantes que são muito ligados as mídias sociais e a internet. O visual para os jovens

que fazem parte dessa geração do século XXI é fundamental, pois facilita a abordagem e prende a atenção dos estudantes.

Principalmente quando se refere a vídeos que mostram a parte artística como a Capoeira e a moda afro brasileira e indígena, com os turbantes afros que tem ligação inclusive com a religiosidade afro, e os colares indígenas em referencia a arte dos povos indígenas. Assim como a historia de luta política dos afro brasileiros.

Já para a educadora Josiane da Silveira:

“Os livros didáticos que apresentam a História brasileira, principalmente no período entre os séculos XVI e XIX, tratam sobre as temáticas referentes à História e cultura afro-brasileira e indígena. Se comparados com os livros didáticos produzidos há décadas observa-se a ampliação das informações e dicas para o estudo de novas fontes. Além dos livros didáticos, as escolas também recebem outros livros e materiais sobre os mesmos temas que podem ser utilizados pelos professores. No entanto, mesmo tendo acesso as diferentes fontes, ainda cabe ao professor selecionar e produzir um material adequado aos objetivos do estudo.”

Para Verônica Canteiro Silveira:

“Alguns livros abordam o tema, mas sou eu mesma quem organiza o material e as atividades que utilizo nas minhas aulas.”

Para a educadora Patrícia Barboza:

“A escola que a comunidade esta inserida possibilita trabalharmos com temáticas diversificadas, pois por sermos uma escola central e que recebe alunos de todos os bairros da cidade possuímos alunos com as mais variadas formações sociais, culturais e étnicas.”

Já para a educadora Josiane da Silveira:

“Sim, na disciplina de História, não há como passar pela História brasileira sem abordar diversos aspectos da história dos dois grupos étnicos que caracterizam a formação da sociedade brasileira, reiterando as suas contribuições nas áreas cultural, social, econômica e política. Para tanto, acredito que a ampliação

do acesso às informações possibilita as novas abordagens em sala de aula”.

Na opinião da professora Verônica Canteiro:

“Certamente, a disciplina pode e deve abordar o tema de formas diferentes de ver a cultura afro-brasileira.”

E concluindo a professora Debbie M. das Neves Gonçalves:

“Não existe uma cobrança para serem cumpridos os conteúdos didáticos no decorrer do ano e os alunos não demonstram motivação para elaborarem trabalhos diferentes. Hoje a educação brasileira esta em um sistema de acomodação onde os professores sobrecarregados dá aulas e números excessivos de alunos, não tem disponibilidade de aperfeiçoamento e diversificação de seus trabalhos didáticos, e os alunos apenas cumprem suas atividades sem que haja interação com o conhecimento. Reproduzem aquilo que lhes é oferecido sem que haja questionamentos e fixação de valores.”

Conforme as educadoras salientaram acima, é de extrema importância o professor assumir o compromisso de verificar o quanto deve ser primordial trabalhar de forma detalhada a cultura das etnias Afro-brasileira e indígena durante todo o ano letivo, e utilizar todo o tipo de material possível, até os livros didáticos que trazem em seu conteúdo uma forma que descriminaliza essas culturas, mostrando aos estudantes que esses livros que não valorizam ambas as culturas são furto de autores que desconhecem a luta dos povos originários africanos e indígenas ou pior, que fazem de propósito essa discriminação.

Como podemos ver a seguir a autora do livro *Desconstruindo a descriminalização do negro no livro didático*:

“[...] com este trabalho que é possível orientar o professor, de Ensino Fundamental de primeiro e segundo ciclos, para utilizar o livro didático de forma crítica, transformando-o em um instrumento gerador de consciência crítico reflexiva. Acredito ser urgente a adoção de medidas que possibilitem o desenvolvimento do senso crítico do professor e a reelaboração do seu saber eurocêntrico, que não contempla, em grande parte, a história, a cultura e as experiências da maioria da clientela da

escola pública. Confirmamos a hipótese de que o livro didático, veiculador de estereótipos e preconceitos, pode vir a ser utilizado como um instrumento gerador do senso crítico através da mediação consciente e reflexiva do professor junto aos seus alunos. Desmontar a ideologia que desumaniza pode contribuir para o processo de reconstrução da identidade étnico-racial e da autoestima da criança negra, com consequentes efeitos positivos na sua aprendizagem. Por outro lado, a denúncia da discriminação racial na educação tem sido anulada nas escolas através da negação e silêncio perante os rituais racistas cotidianos na vida escolar. O medo da mudança pelo novo e desconhecido pode nos fazer preferir o silêncio, indiferente aos males que ele possa acarretar.(SILVA página 61).”

Como Ana Célia da Silva nos diz, é urgente o posicionamento do educador em sala de aula para a real desconstrução do racismo da cultura Afro-brasileira em nossas escolas públicas.

Fica claro o posicionamento das educadoras que participaram da pesquisa, a professora Josiane da Silveira se formou recentemente em uma Pós Graduação, e possui uma formação atual, com procedimentos e metodologias que proporcionam um ensino aprendizagem mais eficaz.

A professora Patrícia Barbosa já está lecionando há mais tempo na rede Estadual de ensino e tem mais contato com os jovens da turma do oitavo ano que participou da pesquisa. Sendo assim, foi possível a avaliação da mesma sobre a contribuição da pesquisa para o acesso ao conhecimento sobre o assunto e a Lei 11645/2008, assim como os conceitos cultura, valores e religiosidade.

Assim como a professora Verônica Canteiro, que atua na Escola Municipal Wanda Rocha que cedeu a turma do nono ano, que inclusive é do turno vespertino.

A professora constatou que muitos de seus estudantes que participaram da pesquisa, tinham um posicionamento até racista, para com os negros e indígenas.

Atualmente, a escola possui outra postura em relação a cultura Afro-brasileira e indígena, pois, a professora Ingrid dos Santos passou a lecionar na escola e começou um trabalho de ampliação para aplicação da Lei 11645/2008, em todas as disciplinas

com o apoio do corpo docente da escola que a recebeu com disposição, almejando um melhor ensino para os estudantes. Certo que ocorreu uma nova mentalidade por parte dos educadores e dos alunos.

Já a professora Debbie Gonçalves, leciona há muitos anos na rede Estadual de ensino, a mesma possui um posicionamento bem claro e objetivo quanto a Lei 11645/2008, em que ressalta que muito antes da lei ser outorgada pelo presidente Luiz Inacio da Silva, as professoras já trabalhavam a cultura afro brasileira e indígena, e ainda nos afirma que o ideal é o professor obter mais direitos e ter mais reconhecimento da sociedade.

Ressalta ainda, que quando ocorrem novas obrigações, o governo deve conceder cursos de qualificação, ao mesmo tempo em que, outorga uma lei e exige que a mesma seja cumprida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, é preciso salientar que, embora o capítulo três aborde e leve em conta a opinião das educadoras que participaram do projeto, e que enriqueceram com seus depoimentos sobre a utilização do livro didático e da breve análise que as mesmas fizeram ao nos relataram que alguns livros são ótimos para trabalhar assuntos ligados tanto para a Cultura Afro- brasileira quanto para a Cultura Indígena, assim como existem vários outros livros que não valorizam e sim segregam a história política, e principalmente cultural de ambas as culturas que a Lei 11645 de 2008 protege salvaguarda, com a obrigatoriedade.

O objetivo central era justamente ouvir os estudantes que estavam concluindo o Ensino Fundamental e Médio, ou seja, as turmas de Oitava ou Nona série e as turmas do terceiro ano do Ensino Médio, pois, dessa forma conseguimos compreender os motivos pelos quais a maioria dos estudantes em nossa cidade não saber as características culturais dos povos africanos e indígenas, como também de não entenderem o por quê da necessidade de existir uma lei que obrigue o ensino dessas culturas nas escolas.

A maioria dos estudantes não sabiam da existência da Lei 11645 de 2008, e muito menos de seu conteúdo. As professoras sempre trabalhavam com a temática em sala de aula, porém , sempre rapidamente, levando em questão principalmente a parti econômica e política do período da escravidão monárquica de nossa História Brasileira.

O mais interessante foi averiguar, que quando eram abordados temas que traziam a tona a musicalidade e a cultura local como, por exemplo, CTG, grupos de Capoeira, participação em grupos de teatro tanto na escola como fora dela, dos estudantes que participaram de escolas de samba de nossa cidade, os educandos dialogavam mais, pois se tratava do cotidiano deles.

A partir de temáticas como essas, é que os mesmos começavam a entender o que é Cultura, e suas diversas subdivisões, a cultura local, regional e a junção de diversas culturas forma uma identidade nacional, obviamente, fazendo distinção da identidade local. Mesmo que o povo brasileiro se identifique com o Carnaval e o Futebol, existem outros aspectos que constituem uma identidade local, principalmente aqui em nosso estado gaúcho, quanto em nossa cidade (Rio Grande).

Em se tratando de nossa cidade, os estudantes sempre lembram, dos pontos turísticos, como também em eventos locais como a FEARG/ FECIS (Feira de Artesanato de Rio Grande) assim como, eventos de grande repercussão quanto a festa de Iemanjá ou a de Nossa Senhora dos Navegantes para os católicos. Esse tipo de abordagem também funciona porque também fazem parte do cotidiano dos estudantes (exceto dos que se declararam evangélicos).

Falar em eventos que valorizam a cultura Afro brasileira e Indígena, e trazem debates em sala de aula, proporciona momentos em que os estudantes refletem até sobre Educação Ambiental em nossa cidade, de como os povos de terreiro lidam com essas questões que envolvem os chamados despachos ou oferendas que são colocadas nas encruzilhadas das ruas, faz com que os mesmos criam curiosidade em adquirir conhecimento ao invés de apenas criticar.

Entender a origem da religiosidade de todas as religiões, é trabalhar a tolerância e o respeito para com todas as religiões, a sala de aula é um espaço de diálogo, em que o professor é o mediador quando ocorre debates e conflitos de ideologias, porém, esse tipo de conflito jamais deve ser desperdiçado, muito pelo contrário, servem para revelar opiniões, adquirir mais conhecimento e ser capaz de entender o próximo.

Ocorreu também, diálogos com posicionamentos opostos em relação ao gênero, sobre a mulher na sociedade, principalmente o visual, o cabelo, os estereótipos,

estudantes negras que diziam que o certo era usar o cabelo Black natural, por uma questão de identidade e valorização do ser negro, como também, de outras alunas negras que afirmavam que podiam sim alisar o cabelo pintar de vermelho ou rosa, descolorir, etc... que mesmo assim não deixariam de ser e reconhecer-se negras.

Segundo Cidinha Silva o orgulho do cabelo crespo é uma resistência ao racismo, a mesma diz:

“Ao contrario do que se apregoa em debates tendenciosos e alheios ao funcionamento do racismo para as pessoas por ele alvejadas, não há nada de vitimismo em atividades como Cabelços, Encrespando, Marchas do Orgulho Crespo. Existe, sim, protagonismo de uma estética ligada ao pop negro contemporâneo. Estética que, na arte, é a parte mais visível da ética do artista. Coisa boa que essa juventude negra ocupe a Paulista e outras grandes avenidas em manifestações de rebeldia. Já que no dia-a-dia, não circulam por ali com liberdade e arriscam a vida se o fazem e precisam correr para pegar um ônibus, afinal, é possível que esse gesto simples ative no policial da viatura que sempre os espreita a chave da condição de suspeitos preferenciais, que os acompanha desde a gestação. Coisa boa também que as mais velhas, por meio de sua vivencia alargada, capacidade de reflexão apurada e generosidade, sistematizem para todos nós o essencial: descendemos de quilombolas e temos sido as responsáveis pela sobrevivência física, econômica, emocional, psíquica e espiritual do povo negro ao longo da diáspora africana. Somos o presente, o futuro, e exigimos o bem viver agora, lideradas por distintas gerações de nós mesmas. Loas a todos os renascimentos possíveis. Crespos, dreads e turbantes são as coroas contemporâneas que simbolizam a realeza usurpada de nossas ancestrais e latente em quem sobreviveu. (Texto extraído do site Geledés em: 31/07/2015 as 15 horas e 46 minutos).”

Mas o que marcou muito mais, foi perceber tanto do discurso quanto, na escrita dos estudantes, o quanto é fundamental trabalhar com figuras históricas negras em sala de aula, pois ao mostrar trechos de Luiz Gama para os estudantes, os mesmos diziam conhecer Machado de Assis por exemplo, mas que mesmo assim, ficaram admirados e surpresos com a tamanha objetividade que os poemas relatavam o cotidiano dele, do poeta e da difícil realidade que o mesmo vivia em seu contexto histórico.

Conhecer personagens históricas, como Luis Gama, como também, pessoas contemporâneas, que lutam pelo respeito e pela igualdade dos povos negros e

indígenas em nossa sociedade como por exemplo o cantor Emicida e MV Bill, que tem um poder de alcance muito eficaz no público jovem, faz com que os estudantes em geral não somente os negros, entendem e sintam-se representados na cultura artística nacional, devido as letras das musicas que traem a realidade das pessoas das dificuldade e do orgulho de suas raízes.

Outra questão que é polemica e também venho a tona foi a questão do preconceito racial, ocorreu muito o discurso indignado dos estudantes, do por quê nossa sociedade ainda passa pelo horror do racismo velado, ou então como os próprios estudantes diziam, “preconceito aberto”, pois segundo eles, o mesmo não é escondido e sim as claras como a Aluna Fernanda M. nos diz a seguir:

“É complicado ter de ver nosso irmão ser revistado na porta da SAC lá no cassino, simplesmente porque o policial achou que o carro não era dele! Parece até que para ter um carro 2.0, zero quilometro, tenha que ser branco. E o pior, ele era o dono da festa, pois era o aniversario de 15 anos da filha dele.”

Como também na fala de Rodrigo D. 17 anos:

“Fiquei furioso com uma atendente de uma loja, porque minha mãe foi comprar um celular, e já sabia qual era o modelo, e a atendente simplesmente mostrou outros modelos mais baratos, daí minha mãe disse que queria tal modelo, e a mesma lhe disse que “pensou”, que ela não tinha condições de comprar o celular que ela queria. Daí, dissemos a ela, temos cara de pobre ou é porque somos negros.”

Questões que envolvem racismo sempre estão embasadas pela condição financeira das pessoas, assim como a desigualdade social, os estereótipos que a sociedade traz desde o Brasil Colônia ainda estão presentes em nossa atualidade, por isso é fundamental a desconstrução desses tipos de preconceito através da escola e das aulas de História e Artes, assim com em todas as disciplinas.

Mas, em se tratando de Ensino de História, a Educação Histórica serve como base teórica para auxiliar abordagens metodológicas como a Metodologia da Problematização que nada mais é, do que a ocorrência de questionamentos feitos por

parte do professor com a finalidade de diálogo e debates em sala de aula, apoiado com a Didática Histórica, que norteia o professor pesquisador a procurar documentos que contem os dois lados da mesma temática, conteúdo em questão.

As aulas seminários foram embasadas tanto pela Educação Histórica quanto pela Metodologia da problematização, porque para haver reflexão, é necessário a problematização e discussão de temáticas e contextos históricos que relatam através da História, os motivos que fazem nossa sociedade ser do jeito que é.

Por exemplo, se fosse ensinado na escola nas aulas que tratam do período escravista e republicano, os estudantes saberiam através do Censo de 1872, único a registrar a população escrava, mostra que 15% da população predominantemente negra e mestiça ainda era escrava. Saberiam também que o início da política de “embranquecimento” do povo, com a entrada dos primeiros grupos de imigrantes europeus era da população total de 1872 (9.930.478), 1.510.806 ainda eram escravos a despeito do fim do tráfico.

Ainda no século XIX, aponta o levantamento, 58% dos residentes no país se declaravam “pardos ou pretos”, contra 38% que se diziam brancos. No Censo de 2010, os percentuais são de 50,7% e 47,7%. Os índios perfaziam 4% do total, contra apenas 0,4% nas últimas contagens. Curiosamente, os indígenas ficaram durante 101 anos sem aparecer como categoria separada nos levantamentos populacionais, só retornando em 1991.

A solução para o que era visto como um problema, a população negra e indígena, é o projeto de “embranquecimento”. Há um crescimento da população branca devido à intensa migração europeia – explica o pesquisador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) José Luiz Petruceli. Em 350 anos de tráfico negreiro,

entraram no país cerca de 4 milhões de africanos; entre 1870 e 1930 vieram morar aqui praticamente 4 milhões de imigrantes europeus.

O Censo de 1872 aponta o total da população de estrangeiros no Brasil: 382.132. Separa os brancos por origem. São 125.876 portugueses, 40.05 alemães e 8.222 italianos, entre várias outras nacionalidades citadas. Mas, no caso dos negros, coloca-os todos no mesmo grupo: africanos. São 176.057 africanos vivendo no país naquele momento, segundo o levantamento. Mas a única divisão que eles mereceram foi entre os escravos (138.358) e alforriados (37.699).

Era um país que já tinha adotado varias medidas para acabar com a escravidão e que estava num processo muito racista de branqueamento da população, afirma o demografo Mario Rodart, coordenador do Núcleo de Pesquisa Histórica Econômica e Demográfica da UFMG, responsável pela digitalização do censo junto com Clotilde Paiva e Marcelo Godoy. Por conta disso, o foco das políticas públicas era todo nesse sentido. Mapear quem estava vindo da Europa fazia todo o sentido.

A realização de um ambicioso levantamento populacional no país de dimensões continentais e dificuldades de transporte foi uma empreitada e tanto para a época, conta Rodart. Questionários foram enviados para 1.440 paróquias de todo o país. Em cada uma delas foi criada uma comissão censitária, responsável por levar uma cópia do questionários a cada casa.

Cabia ao chefe da família preencher o formulário e entrega-lo de volta à comissão. Quem não respondesse era multado. As informações era bastante amplas: sexo,raça, estado civil, religião, alfabetização, condição (escravo ou livre),, nacionalidade, profissão. Os dados eram então, enviados de volta a capital, onde foram somados manualmente.

Os motivos que levaram o governo imperial a se empenhar em tão complexa tarefa são, até hoje, razão de debate entre especialistas. A visão mais clássica é de que, no Império, havia a necessidade de saber mais sobre a população para conhecer sua base tributável e também com fins militares, para pegar os jovens para o serviço militar, sustenta Rodart. Há um outro grupo, no entanto, que acredita que havia uma ideia de um governo mais técnico, que precisava se balizar em números para instituir políticas públicas. Esses dados do censo foram divulgados no Jornal O Globo em 04 de Agosto de 2015.

Se esse tipo de pesquisa fosse abordado em sala de aula e fosse feito um trabalho em conjunto com os educadores de Matemática, Geografia e História, os estudantes do ensino básico teriam informações concretas do início da formação de nosso país, e entenderiam como foi a construção da formação de nossa sociedade, e da interação de nossa etnias embasada nas classes sociais que constituíram e ainda influencia nossa contemporaneidade.

Seria mais fácil, os estudantes compreenderem o por quê da ocultação de dados sobre a população indígena não aparecer no censo de 1872 e só voltar a ser computado como etnia em 1991.

E ainda seria bem mais compreensível saber os motivos que fazem nossa sociedade ser tão segregadora, quando o assunto são os direitos dos povos negros e indígenas, e o quanto o racismo ainda é real e cruel em pleno século XXI.

Podemos ainda perceber na fala dos estudantes a consciência de uma sociedade racista a partir do momento do estado de consciência os mesmos.

A fala desses estudantes jovens de nossa cidade (Rio Grande) serve de alerta a todos os profissionais de educação. O depoimento deles condiz com a opinião de Preto

Zezé, quando o mesmo em entrevista para Lia Mota, Maria Holanda e Samuel Quintela assim como para Ingrid Coelho e divulgado pelo site Geledés, o mesmo relata que:

“O Enquanto a sociedade e o Estado exclui os jovens negros, o crime inclui em larga escala. Ou falando sobre a sofisticação do racismo brasileiro na letalidade, lembrando as teses do Brasil miscigenado e o “ Brasil da Democracia Racial”, considerando que o Brasil tem 50% de negros, 70% dos jovens assassinados por arma de fogo são negros, Preto Zé dispara: Ou a política mata preto porque é racista, ou as balas gostam de nós. Só pode ser isso, se o Brasil é misturado por que a maioria dos jovens assassinados são negros? Olha como o racismo no Brasil é sofisticado, se somos misturados?”

Ainda sobre o racismo, os estudantes consideram muitas opiniões sobre os casos que ocorreram na copa do mundo em 2014, ocorreu também o depoimento de Paulo Roberto Caju, que em 1968 foi a Bagé no Rio Grande do Sul, numa excursão. Na folga eles saíram para jantar mas, na porta do restaurante do Bagé Country Clube havia um cartaz dizendo: “Proibida a entrada de negros”.

Paulo Cesar, ainda lembrou-se de sua mãe dele, que só entrava no Fluminense pela porta dos fundos e outras tantas humilhações sofridas por nossa gente. Quantas noites difíceis de dormir.

O fato que livrou ele das gastrites e úlceras d mundo foi colocar a oca no mundo, denunciar, não deixar passar em branco, extravasar. Sempre acreditar que o tempo mudaria a mentalidade dos homens, pura ilusão, o mesmo diz.

Sobre Dunga, Paulo salienta que o mesmo sempre teve atitudes racistas, e que os jogadores não podem se calar diante tais atitudes. Essa entrevista esta no site Geledés.

Fatos inaceitáveis como esse mostram o quanto as pessoas, precisam ser conscientes de seus direitos durante o seu cotidiano, a voz é fundamental, saber se opor a situações que envolvem qualquer tipo de preconceito apoiando-se nas Leis é fundamental para combater o racismo.

Este fato, esta sendo citado, porque os estudantes também comentaram sobre a copa do mundo de 2014, em que ocorreu atitudes racistas para com jogadores da competição.

Trabalhar conteúdos e vencer o cronograma anual é primordial, porém, será mais eficaz se trabalhar temáticas transversais priorizando o ensino dos Valores em sala de aula.

E a Lei 11645 de 2008 valoriza as culturas Afro Brasileiras e Indígenas com o propósito de mostrar novos conhecimentos, concedendo a oportunidade de mostrar outros aspectos de ambas as culturas e principalmente, mostrar que eram povos organizados e que tinham suas formais estruturas sociais em que se organizavam e viviam em sociedade.

A seguir o depoimento das educadoras a respeito da pesquisa que foi realizada nas escolas e do quanto dói importante a realização da mesma para os jovens estudantes que tiveram acesso e participaram das rodas de conversa, em que puderam falar sobre ambas as culturas e saber adquirir novos conhecimentos sobre a cultura Afro brasileira e Indígena, que tem a Lei 11645 de 2008 que tornou obrigatório o ensino de dessas culturas tão ricas e influentes em nosso cotidiano.

Para Verônica Canteiro Silveira:

O trabalho realizado pela mestranda na turma do 9º ano C, foi bastante esclarecedor para os estudantes, pois pude perceber que o conceito que eles, na sua maioria, tinha em relação a cultura afro-brasileira era muito restrita e até certa forma preconceituoso. Compreender a importância da contribuição africana para a construção da identidade brasileira e seu legado fez com que os educandos tivessem um outro olhar para o tema.”

Para Patricia Barboza da Silva:

“Os alunos do Instituto Estadual de Educação Juvenal Miller, fazem parte de um grupo de jovens de varias comunidades de nossa cidade. Com esta realidade cada integrante da turma 82 tem uma realidade social diferenciada. Diferentemente da maioria das turmas que havia trabalhado, e devido ao fato de

estarmos trabalhando pelo segundo ano, a turma 82 pode ser considerada como excelência em assuntos como preconceito, discriminação racial, étnicas, sexuais, enfim, pois, formam um corpo social unido que em sua grande maioria estão juntos desde o primeiro ano do ensino fundamental fazendo com que os mesmos tenham uma educação seguindo a filosofia igualitária prezada dentro de nossa escola, onde o respeito entre os alunos, professores e funcionários devem prevalecer. Com relação a abordagem dos temas da ei 11645/2008 sobre cultura Afro brasileira e indígena antes mesmo da pesquisa, era amplamente tratada em sala de aula inclusive em conversas informais que temos durante os momentos descontraídos de aula, e por serem uma turma muito critica, possuem opinião com relação a estas temáticas. Creio que a pesquisa venho a contribuir ainda mais, coroar o trabalho que já era feito em nossa escola.”

No que se refere, a turma 304 em que a professora regente é a professora Josiane da Silveira, a mesma discorreu:

“Eu recém peguei a turma do terceiro ano, não sou uma professora apita para dizer se a turma evoluiu ou não, se os estudantes já tinham alguma opinião formada ou não, porque eu não os acompanhei desde a sexta série, ou seja, para fazer essa avaliação seria necessário ter acompanhado a turma em questão durante três anos no mínimo. Mas creio que a pesquisa contribuiu para que os estudantes expandissem a mente e adquirissem novos conhecimentos principalmente sobre a cultura indígena.”

E concluindo a professora Debbie M. das Neves Gonçalves:

“A pesquisa tento na turma do ensino médio quanto na turma do oitavo ano foi esclarecedora, e foi muito aceita pelos estudantes, tudo porque os mesmos tiveram voz, e felizes por saberem que a opinião deles é importante. É essencial pesquisas que estimulem o dialogo no espaço escolar, porem, vejo que é indignante ter de existir uma lei para obrigar o ensino destas culturas que já fazem parte de nossa sociedade. Mas infelizmente tenho de concordar que é fundamental existir leis, pois a sociedade ainda é racista. As turmas que participaram da pesquisa precisavam de aulas assim, para os mesmos verem o quanto é rica a cultura afro e indígena, seno assim, que venham mais e mais projetos como esse para nossas escolas.”

Após o relato das educadoras, concluo essa pesquisa com mais vontade ainda de continuar estudando sobre ambas as culturas, e com o sonho de ver nosso país mais

consciente do quanto a Cultura Afro brasileira e Indígena são importantes, pois formam com as demais, a nossa identidade nacional.

A pesquisa serviu para contribuir para um melhor ensino dos conteúdos de História, e verificar a forma como os estudantes entendem a temática que a Lei 11645/2008 aborda, o que os mesmos entendiam sobre as culturas Afro – brasileira e indígena, ao lermos as reflexões dos estudantes acima, compreendemos o quanto é essencial significar os conteúdos e trazer para as aulas de História assuntos que valorizem e empoderem esses jovens no que se refere a legislação que protege os negros e os indígenas contra o racismo por exemplo.

Ao mesmo tempo em que os estudantes acompanhavam os significados dos conceitos (cultura, valores, religiosidade, artes indígenas e afro, assim como racismo), os mesmos tiveram a oportunidade de conhecer novos hábitos e de entender o por que, de certos atos preconceituosos existirem.

Além é claro de os mesmos tirar suas próprias conclusões a respeito das temáticas abordadas em sala de aula.

Foi possível entender que os jovens chegam ao Ensino Superior sem entender muito bem certos conceitos como, por exemplo, cultura, porque são assuntos transversais, ou seja, geralmente abordados de forma informal e não detalhada.

E mesmo com duas das turmas trabalhando assuntos como racismo, os mesmos não compreendiam a necessidade de uma lei. Após, as explicações, os mesmos concluíam que ao viverem em uma sociedade que exclui e que segrega, a lei é fundamental, mesmo que seja aplicada pelo professor, mesmo que seja um trabalho solitário, torna-se essencial a aplicação da mesma.

E o mais importante, foi constatar que a juventude de nossa cidade que foi representada por essas turmas que estavam concluindo as etapas tanto o ensino

fundamental quanto o ensino médio, são jovens críticos, fazem parte da geração que deseja saber tudo.

Mas que também possuem o erro de não ir a fundo em uma pesquisa, é dessa forma que os mesmos entendem certos conceitos como cultura e racismo, porém essas duas palavras, necessitam ser pronunciadas em um contexto histórico e jamais podem ser soltas consideradas simples palavras, pois, exigem ideologia política e posicionamento político.

Mesmo assim, possuem a inquietude como traço da personalidade de uma geração que não aceita ser apenas mero ouvinte, mas que se alvoroça e quer participar, seja para chamar e receber atenção ou para dizer o que pensa, essa atitude é essencial, porque estimula-os a serem sujeitos de sua história, e fazem com que os mesmos possam ser atuantes e reflexivos pois, expressam seus argumentos em diálogos.

Muitos refletiram e não pediram a palavra para expor suas reflexões, mas por medo de não conseguirem se expressar, e esses jovens em sua maioria, possuem o dom da fala, que é fundamental para se fazer ouvir e existir, mesmo que possuam dificuldades na escrita, na coerência e na coesão em certos momentos, são grandes na expressão oral. Exemplos dessa juventude contestadora que sempre vou levar na memória são as duas meninas da escola Wanda Rocha, que dialogaram entre si sobre ter ou não cabelo Black ou alisado, e que se interessam por lutas do movimento negro, são a prova de que os jovens de hoje estão aptos a mudar a realidade não somente de suas vidas, mas sim de nossa comunidade.

E por fim, a Educação Histórica serviu para que a pesquisa percorresse o caminho do diálogo, a forma como os conteúdos foram abordados possibilitou a motivação para que os estudantes participassem e tivessem acesso a informações sobre ambas as culturas, informações que a maioria os estudantes não sabiam, como por

exemplo, a capoeira tradicional e gospel, os documentos dos indígenas e a legislação que determina cotas e documentação diferenciada, a luta por terras que de direito são de indígenas e quilombolas em vários estados brasileiros inclusive em nossa cidade.

Já a Metodologia da Problematização, auxiliou na forma como a pesquisadora e as professoras faziam os questionamentos, quais perguntas seriam fundamentais para que os mesmos fizessem as reflexões e os questionamentos.

Levando a diálogos interessantes sobre religiosidade, em que os estudantes identificavam as elementos originários da cultura africana mas que ao mesmo tempo não enxergavam a figura do indígena na Umbanda, religião brasileira e que tem elementos e rituais africanos, kardecistas, católicos e indígenas como a figura do Orixá Oxossi, que se refere ao caçador africano que procurava por alimento e utilizava a flecha como seu recurso, assim como os indígenas, por isso a identificação do orixá tanto com os africanos quanto com os indígenas.

Termo essa pesquisa com uma frase de uma das estudantes da Escola Estadual Brigadeiro José da Silva Paes e com um trecho da autora Neusa Sousa do livro Tornar-se Negro, que em sua escrita deixa seu desejo evidente por uma sociedade antirracista e igualitária.

Julia, 16 anos, turma 301 discorreu:

“Há de chegar um dia em que todas as pessoas se respeitarão e se tratarão com igualdade em todas as situações e locais, seja negro, branco ou indígena.”

“O negro é sempre negro. Ele terá sempre o processo de discriminação.” (Correia página 61).

Referencial Teórico:

BRASIL. LEI 11645, de 10 de março de 2008. Disponível em:

[HTTP://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato_2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato_2007-2010/2008/lei/111645.htm)

Acesso em: 2016-05-11.

CINTRA, Benedito. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2012.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Tradução Sandra Regina Netz. – 4, Ed. – Porto Alegre, Artmed, 2005.

HERNANDEZ, Leila Leite. A África na sala de aula visita a História Contemporânea. Selo Negro. São Paulo. 2008.

KAINGÁNG, Azelene. Depoimento de uma Militante. **PINSKY**, Carla Bassanezi e **PEDRO**, Joana Maria. Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo, Contexto, 2012.

MATTOS, Regiane Augusto, História e cultura Afro- brasileira. 2º edição. Editora Contexto. São Paulo. 2011.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo Ignorado. **PINSKY**, Carla Bassanezi e **PEDRO**, Joana Maria. Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo, Contexto, 2012.

OLIVEIRA, João Pacheco de **FREIRE**, Carlos Augusto da Rocha. A presença indígena na formação do Brasil. Brasília MEC/Secad/Museu Nacional/UFRJ, 2006.

PINHO, Patrícia de Santana. Reinvenções da África na Bahia. São Paulo: Annablume, 2004.

QUADROS, Ezeula Lima de. A defesa do modo de ser guarani: O caso de Caaró e Pirapó em 1628. Porto Alegre, Renascença; Edgal, 2012.

RASIA, Gesualda dos Santos. Uma Prática de leitura a partir da polifonia Bachtiniana. Linguagem, Cultura e Educação. Uma teia de discursos sobre leitura e ensino. FURG. Rio Grande, 2010.

RODRIGUES, Joyce Maria. A relação do corpo para a construção da identidade negra. Culturas Africanas e afro brasileiras em sala de aula, saberes para os professores fazeres para os alunos. Belo Horizonte, MG. Traço Fino Editora. 2013.

SANTOS, Milton Silva dos. Afinal, o que são religiões afro- brasileiras? Culturas Africanas e afro brasileiras em sala de aula, saberes para os professores fazeres para os alunos. Belo Horizonte, MG. Traço Fino Editora. 2013.

SANTOS, André de Oliveira. Batuque e samba: afirmações da identidade afro descendente. Culturas Africanas e afro brasileiras em sala de aula, saberes para os professores fazeres para os alunos. Belo Horizonte, MG. Traço Fino Editora. 2013.

_____ . Algumas notas sobre as categorias da sexualidade dos deuses, homens e mulheres no candomblé nagô-ketu. Debates do NER, Núcleo de Estudos da Religião, URGs, Porto Alegre, II, n. 17, pp. 147 – 161, jan./ jun. 2010).

SCHWARCZ, Katri Moritz Lilia. O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e pensamento racial no Brasil: 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ana Célia. Desconstruindo a discriminação do negro no livro Didático, Editora EDUFBA, Salvador – Bahia, 2010.

SOUSA, Neusa Santos. Tornar-se Negro: as vicissitudes da indentidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.

SOSA, Derocina Alves Campos. As ciências humanas e sócias na escola. Desafios e perspectivas. 2010. Linguagem, Cultura e Educação. Uma teia de discursos sobre leitura e ensino. FURG. Rio Grande, 2010.

Referencial Bibliográfico:

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 2000.

FOUCULT, Michael. História da Sexualidade (1). Vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro, 1992.

LOPES, NEI. Novo dicionário banto do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

SALES Jr, Ronaldo. Democracia Racial: o não dito racista, Tempo social, Nov. 2006, pp. 229- 258, vol. 18, no.2.

SODRÉ, Muniz. Samba – o dono do corpo. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

Referencial da Internet:

EDELMAN, Joni. Brasil Post, Publicado há 3 horas – em 12 de junho de 2015>> Atualizado às 10:06 Categoria >> Questões de Gênero. Leia a matéria completa em : Um conto de 10 barrigas – Geledés <http://www.geledes.org.br/um-conto-de-10-barrigas/#ixzz3csCvm9ff>.
www. Geledés. com. br.

Revista Umbanda, Edição especial I, Ano I, Editora Escala, Sábado 15 de Outubro de 2011. Acesso em 16 de Março de 2013, as 21 horas e 13 minutos.